

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL MESTRADO**

KATIUSCIA DE ALMEIDA CUSTODIO

**“COMO É QUE EU VOU DIZER...”:
A coconstrução de sentidos nas narrativas orais de uma pessoa com
Atrofia Cortical Posterior**

**São Leopoldo
2019**

KATIUSCIA DE ALMEIDA CUSTODIO

“COMO É QUE EU VOU DIZER...”:

**A coconstrução de sentidos nas narrativas orais de uma pessoa com
Atrofia Cortical Posterior**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Caio Mira

São Leopoldo

2019

C987c Custodio, Kátiuscia de Almeida.
“Como é que vou dizer...” : a coconstrução de sentidos nas narrativas orais de uma pessoa com atrofia cortical posterior / Kátiuscia de Almeida Custodio. – 2019.
116 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestre) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2019.
“Orientador: Prof. Dr. Caio Mira.”

1. Atrofia cortical posterior. 2. Referenciação. 3. Narrativas orais. I. Título.

CDU 81

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

KATIUSCIA DE ALMEIDA CUSTODIO

“COMO É QUE EU VOU DIZER...”:

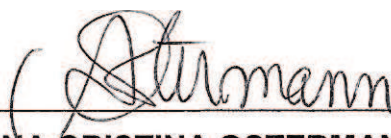
**A coconstrução de sentidos nas narrativas orais de uma pessoa com
Atrofia Cortical Posterior**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em 28 fevereiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

PROFA. DRA. EDWIGES MARIA MORATO – UNICAMP
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)



PROFA. DRA. ANA CRISTINA OSTERMANN - UNISINOS



ORIENTADOR

PROF. DR. CAIO CÉSAR COSTA RIBEIRO MIRA - UNISINOS

À Joana.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por abrir as portas que precisam ser abertas, guiar-me pelos caminhos desconhecidos, mas que se apresentam como ótimas surpresas e por colocar pessoas especiais na minha vida.

À Joana e à sua família, por compreenderem a importância da pesquisa e por concordarem em participar deste trabalho. Sem eles a presente pesquisa não seria possível.

À Joana, por ser mais do que uma participante desse estudo, mas um exemplo de vida, coragem e superação.

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), pelo ensino de qualidade, garantindo profissionais e estrutura física que muito contribuíram com meu desempenho acadêmico.

À Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação (UAPPG) da Unisinos, pela bolsa Pe. Theobaldo Frantz que me foi concedida, sem a qual não seria possível a realização do curso de Mestrado.

À Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Profa. Dra. Cátia Fronza, por sua serenidade, gentileza, competência e sabedoria ao tratar todos os pós-graduandos e nos proporcionar sempre grandes oportunidades de aprendizagem.

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Caio Mira, por toda sua competência, dedicação e confiança na minha capacidade de realizar o presente trabalho. Mais do que orientador, foi um parceiro nesta jornada, com seu apoio, encorajamento e paciência. Obrigada por direcionar meu olhar a ver além, por me ensinar o que é realmente estudar Linguística Aplicada e me transformar em uma pesquisadora.

Aos membros da Banca de Qualificação e da Banca Examinadora da presente dissertação, Profa. Dra. Edwiges Maria Morato e Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann. Suas contribuições foram essenciais à conclusão deste trabalho.

A todos os professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, por compartilharem suas experiências e saberes conosco. Tem uma parte do conhecimento passado por cada um de vocês neste trabalho.

À minha mãe, Thereza de Jesus de Almeida Custodio, pelo amor, apoio e dedicação.

À Fernanda Ferreira Gimenes, mais do que uma colega, uma companheira de trocas, discussões e apoio em todos os momentos.

A todos os colegas do Grupo de Pesquisa em Análise da Conversação, pela troca de saberes.

Aos amigos e colegas pelos estímulos constantes.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

“É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”.

(Émile Benveniste)

RESUMO

A Atrofia Cortical Posterior (ACP) é uma neurodegenerência que afeta a linguagem e, conseqüentemente, as interações de quem é acometido por essa patologia nas diversas relações cotidianas. Frente a esse quadro, a presente dissertação busca discutir a relação intrínseca entre interação, linguagem e cognição, tendo como objetivo analisar a participação de uma pessoa acometida pela Atrofia Cortical Posterior em interações orais cotidianas, verificando a forma como o discurso se configura no ponto de vista textual-interativo. Esta pesquisa constitui-se em um estudo qualitativo, alicerçado em três campos de investigação: a Análise da Conversação (MARCUSCHI, 1986), os estudos da Narrativa Oral, especificamente, a abordagem das dimensões da narrativa proposta por Ochs e Capps (2001), e a Linguística Textual, especificamente na noção de referenciação (REICHLER-BÉGUELIN, 1988; MONDADA; DUBOIS, 2003; MARCUSCHI; KOCH, 2006). O *corpus* deste trabalho é constituído por gravações em áudio e/ou vídeo de interações realizadas entre um pesquisador e uma participante diagnosticada com ACP, sem roteiro pré-estabelecido, abrangendo o período entre abril de 2016 e agosto de 2017. A análise desse *corpus* permitiu constatar que a participante diagnosticada com ACP realiza diferentes estratégias linguísticas e discursivas durante as interações face a face, para interagir em situações cotidianas de conversação. Dentre essas estratégias, destacamos as narrativas coconstruídas que emergem e são integradas ao tópico discursivo da interação. É possível observar em nossos dados que, no contexto da ACP, as narrativas são interacionalmente coconstruídas, não sendo apenas uma forma de relatar fatos, mas, também um processo de construção de referentes com o interlocutor. Nossas análises demonstram que o caráter colaborativo próprio da linguagem se sobrepõe às dificuldades impostas pela patologia da participante, fazendo uso de diversas estratégias sociocognitivas com o objetivo de manter-se ativa no curso da interação. Além disso, as narrativas desempenhadas por Joana, participante do presente estudo diagnosticada com ACP, atreladas ao discurso em jogo, revelam uma característica fundamentalmente de coconstrução, unindo a materialidade textual-interativa que ocorre na performance narrativa com as diferentes formas que ela utiliza ao moldar a ação de contar as histórias com o interlocutor. As análises demonstram que ao narrar uma história, Joana está mais do que simplesmente contando um fato. Através dessa atividade discursiva, a participante

coconstrói referentes com o interlocutor, evidenciando o trabalho sociocognitivo próprio da linguagem, em uma atitude colaborativa, conforme propõe Clark (1992; 1996), como sendo um atributo próprio da linguagem, a ação conjunta intrínseca às práticas interacionais cotidianas. Além disso, tais narrativas por apresentarem uma estrutura mais flexível e permitirem a conarração, instauram-se como um espaço interacional por meio do qual Joana ressignifica suas experiências, reativa memórias e negocia sentidos com o interlocutor, demonstrando a atividade sociocognitiva que a auxilia a contornar déficits de linguagem ocasionados pela doença que surgem durante as interações, apoiando-se nos conhecimentos do interagente.

Palavras-chave: Atrofia Cortical Posterior. Referenciação. Narrativas Orais.

ABSTRACT

Posterior Cortical Atrophy (PCA) is a neurodegeneration that affects the language and, consequently, the interactions of those who are affected by this pathology in their various daily relations. In view of this situation, this thesis seeks to discuss the intrinsic relationship between interaction, language and cognition, aiming to analyze a person affected by posterior cortical atrophy's participation in daily oral interactions, verifying the way in which the speech is realized from a textual-interactive perspective. To this end, this research follows a qualitative design, based on three research fields: Conversation Analysis (MARCUSCHI, 1986), Oral Narrative studies—more specifically, the narrative dimension approach proposed by Ochs and Capps (2001)—and Textual Linguistics, particularly the notion of referral (REICHLER-BÉGUELIN, 1988; MONDADA; DUBOIS, 2003; MARCUSCHI; KOCH, 2006). This work's corpus consists of audio and video recordings of interactions between a researcher and a participant diagnosed with PCA, without a pre-established script, covering the period between April, 2016 and August, 2017. The analysis of this corpus allowed us to verify that the participant diagnosed with PCA performs different linguistic and discursive strategies during face-to-face interactions to interact in everyday conversational situations. Among these strategies we highlight the co-constructed narratives that emerge and are integrated into the discursive topic of interaction. It is possible to observe in our data that, in the PCA context, narratives are interactively co-constructed, not only characterizing a way of reporting facts, but also a process of constructing referents with the interlocutor. Our analyses demonstrate that the collaborative nature of language overlays the difficulties imposed by the participant's pathology, making use of several sociocognitive strategies in order to remain active in the course of interaction. Furthermore, the narratives performed by Joana, participant of this study diagnosed with PCA, coupled with the discourse at play, reveal a fundamental characteristic of co-construction, combining the textual-interactive materiality that occurs in narrative performance with the different forms she uses while shaping the act of telling stories with an interlocutor. The analyses show that in telling a story, Joana is more than simply narrating a fact. Through this discursive activity, the participant co-constructs referents with the interlocutor, evidencing the sociocognitive work of language, in a collaborative attitude, as proposed by Clark (1992; 1996) as being a proper attribute of language, the joint action intrinsic to everyday interactional

practices. Moreover, these narratives, as they present a more flexible structure and allow co-narration, establish themselves as an interactional area through which Joan re-signifies her experiences, reactivates her memories and negotiates meanings with the interlocutor demonstrating the sociocognitive activity that helps her to circumvent language deficits (caused by the disease) that arise during the interactions, relying on the interactions of the interacting agent.

Keywords: Posterior Cortical Atrophy. Referral. Oral Narratives.

LISTA DE EXCERTOS

Excerto 1 – “Como é que a gente diz?”	38
Excerto 2 – “Eu sempre fui professora de inglês”	62
Excerto 3 – Uma gruta	62
Excerto 4 – Delação	63
Excerto 5 – O casamento em São Paulo	72
Excerto 6 – Histórias da família	75
Excerto 7 – Repensando a vida	77
Excerto 8 – O curso em Chicago	79
Excerto 9 – Segregação	81
Excerto 10 – “Passeio e tanto”	84
Excerto 11 – O Casamento	87
Excerto 12 – A catarse	89
Excerto 13 – A homenagem	90

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Progressão tópica	85
Figura 2 – Diagrama linguístico-discursivo da participante	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferenças e similaridades entre DA e ACP	31
Quadro 2 – Classificação da ACP e sintomas.....	32
Quadro 3 – Dimensões da Narrativa e Possibilidades	50

LISTA DE SIGLAS

AC	Análise da Conversação
ACP	Atrofia Cortical Posterior
ALF	Afasia Logopênica Fonológica
APPL	Afasia Progressiva Primária Logopênica
DA	Doença de Alzheimer
LA	Linguística Aplicada
NURC	Norma Urbana Culta
OMS	Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Justificativa	20
2 A LINGUAGEM NO CONTEXTO DAS PATOLOGIAS NEURODEGENERATIVAS	24
2.1 A linguagem e a Doença de Alzheimer	26
2.2 A linguagem e a Atrofia Cortical Posterior	30
2.3 O papel da colaboração nas interações de pessoas com doenças neurodegenerativas	35
3 A NARRATIVA EM UMA PERSPECTIVA INTERACIONAL	41
3.1 As narrativas coconstruídas: diferentes enfoques	43
3.2 O modelo proposto por Ochs e Capps	47
3.3 As narrativas nas doenças neurodegenerativas e o papel da coconstrução	50
4 A ATIVIDADE SOCIOCOGNITIVA DA REFERENCIAÇÃO	55
4.1 Algumas estratégias de referenciação	60
5 METODOLOGIA	66
5.1 Geração de dados e procedimentos metodológicos	68
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	72
6.1 “As cartas não mentem jamais” – A narrativa autobiográfica e a coconstrução de si na interação	72
6.2 “Como é que eu vou dizer?” – A construção de referentes e a progressão tópica negociada na interação	79
6.3 “Está certo o que eu disse?” – A metadiscursividade nas narrativas	86
7 CONCLUSÕES	93
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICES / ANEXOS	104
APÊNDICE A – DADO 01 “AS CARTAS NÃO MENTEM JAMAIS”	105
APÊNDICE B – DADO 02 “COMO É QUE EU VOU DIZER?”	110
APÊNDICE C – DADO 03 “ESTÁ CERTO O QUE EU DISSE?”	112
ANEXO A – NOTAÇÕES DE TRANSCRIÇÃO	114
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	115

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a analisar as práticas orais-discursivas de uma pessoa com Atrofia Cortical Posterior, observando, mais especificamente, as narrativas coconstruídas e o papel da referenciação enquanto atividade sociocognitiva para o desempenho linguístico-discursivo da participante do estudo. A escolha do tema justifica-se em função da necessidade de trazer à discussão a realidade vivida, os desafios que a neurodegenerência ocasiona às pessoas que com ela sofrem e aos familiares que convivem com tais patologias ainda incuráveis. Justifica-se, também, a fim de que se compreenda esse complexo e desconhecido ambiente linguístico da ACP, contribuindo de forma direta para estudos posteriores e, indiretamente, para as pessoas que, de alguma forma, estão relacionadas a essa enfermidade, resultando em uma melhor interação, convivência e inclusão social.

As narrativas permeiam o nosso cotidiano, revelando nossos pensamentos, opiniões, refletindo nossos valores perante os outros e perante nós mesmos. A ação de contar histórias é mais do que uma simples atividade individual. Narrar constitui-se enquanto ação conjunta de coconstrução de significados e de parceria entre os sujeitos, objetivando uma reconstrução da realidade na qual vivemos e também de nossa própria identidade.

Adentrar no campo das narrativas orais por meio de um contexto de patologias neurodegenerativas é avançar em um terreno demarcado pelas perdas de memória, de capacidade cognitiva, interacional e identitária. No entanto, isso não significa considerá-lo um terreno infértil. No escopo do presente trabalho, discutiremos como uma pessoa acometida pela Atrofia Cortical Posterior, considerada por alguns médicos um subtipo raro da Doença de Alzheimer, interage nas situações cotidianas e como as narrativas são produzidas, considerando-as enquanto *locus* legítimo e genuíno da interação e da relação entre linguagem e a cognição.

Os déficits ocasionados pela ACP são largamente abordados em pesquisas principalmente do campo da Neurologia, preocupadas pela compreensão dessa neurodegenerência, seja pela investigação de suas prováveis causas ou por sua possível cura. Estando o presente estudo embasado na perspectiva sociocognitiva de estudo da linguagem, voltamos nossa atenção não para a inaptidão, mas sim para as estratégias interacionais, considerando situações reais de uso da língua, valorizando, sobretudo, a habilidade interacional das pessoas acometidas pela ACP. Assumindo

essa posição, não estamos absolutamente desprezando tais estudos que consideram as dificuldades que podem ser atribuídas à patologia. Nossa intenção é agregar a esses estudos uma visão que possa contribuir de outra forma, considerando interações cotidianas e não-planejadas ou controladas.

Privilegiar as narrativas orais no contexto da ACP é promover a inclusão das pessoas acometidas por esta e outras patologias neurodegenerativas, estigmatizadas pelo conceito de “declínios” e perdas significativas. Demonstraremos que, apesar das características peculiares do contexto patológico, as narrativas orais atuam enquanto uma atividade colaborativa própria da linguagem, corroborando a capacidade linguística-cognitiva dessas pessoas e o importante papel que a ação de contar histórias exerce na construção de identidade.

Mediante a perspectiva da relevância social, própria dos estudos em LA, destacamos que o quadro de declínios presente na ACP, associado a uma patologia que acentua as perdas do indivíduo (física, social e psicológica) reflete significativamente na sociabilidade e na autoestima da pessoa. Sobre esse aspecto, Hydén (2011, p. 346, tradução nossa) ressalta que:

Os problemas que são identificados pelos participantes na interação representam uma ameaça constante em que a pessoa com DA gradualmente irá sair da conversa e, finalmente, tornar-se um não participante. Não poder participar de atividades de conversação, contar histórias compartilhadas e lembrar em estreitas relações para muitos indivíduos com Doença de Alzheimer, implicará uma ameaça à identidade e à personalidade. Excluir-se em conversas e eventos comuns de narração de histórias, para a maioria das pessoas, significa re-definir as relações com os outros, tornando-se alguém deixada de lado, não podendo participar mais. A fim de ajudar a pessoa com Doença de Alzheimer a continuar a ser um participante ativo é necessário um trabalho significativo de reparo em que ambos os participantes devem estar ativamente envolvidos¹.

Seguindo o pressuposto de que as narrativas possuem um caráter essencialmente interacional, conforme preconizado por Ochs e Capps (2001), analisaremos as narrativas como um produto da atividade cognitiva, sócio e interacionalmente situada e observaremos como as dimensões sugeridas pelas

¹ “*The troubles that are identified by both participants in the interaction represent a constant threat that the person with AD gradually will fall out of the conversation and ultimately become a nonparticipant. Not being able to take part in conversational activities, shared storytelling and remembering in close relations for many individuals with AD will imply a threat to identity and personhood. To fall out of conversations and joint storytelling events for most persons mean re-defining relations with others, becoming someone standing on the side, not being able to participate anymore. In order to help the person with AD to remain an active participant a lot of repair work is needed in which both participants must be actively involved*”.

autoras se constituem na perspectiva da constituição do texto oral, especificamente nas estratégias de construção do referente.

Considerando a narrativa como uma atividade discursiva e sociocognitiva que é constituída na interação, optamos por nos debruçar sobre o processo de construção conjunta de construção do referente no discurso, a referenciação, a qual observamos em nossos dados. Pretendemos demonstrar empiricamente que, apesar de se tratar de um contexto de neurodegenerescência, as narrativas orais são produzidas e, dado o caráter colaborativo da linguagem, a pessoa com ACP lança mão de estratégias interacionais que possibilitam sustentá-las, como a atividade da referenciação, por meio do qual são negociados significados interacionalmente, com seu interlocutor.

No âmbito desse estudo, focalizaremos os processos de significação desempenhados por uma pessoa diagnosticada com Atrofia Cortical Posterior, discutindo a relação entre interação, linguagem e cognição. Com base na noção de referenciação, enquanto atividade cognitiva de construção de significados, conforme proposto por Mondada e Dubois (2003), evidenciaremos a materialidade textual e interativa desempenhada pela participante durante a produção discursiva.

Assim, demonstraremos que nas interações face a face cotidianas, a pessoa com ACP, apesar de apresentar uma condição que resulta em um quadro linguístico-cognitivo permeado por dificuldades, desempenha inúmeras estratégias discursivas, dentre elas as narrativas conversacionais, as quais emergem interacionalmente e por meio delas constroem e interpretam seu mundo, agindo nele e construindo significados em colaboração com seu interlocutor. Isso demonstra que, apesar das perdas, a pessoa acometida pela ACP possui competência comunicativa. Nas práticas linguísticas que exercemos rotineiramente, ecoam indícios de como linguagem e cognição encontram-se inerentes uma a outra e o aspecto social exerce influência, conforme pondera Koch (2004, p. 257):

Ao discutirmos a necessidade de se compreender os processos cognitivos relacionados à linguagem como processos que, ao mesmo tempo, constituem e são constituídos pelas e nas práticas sociais e culturais, é também possível produzir uma concepção de mente que possibilite uma melhor compreensão sobre a própria linguagem.

Dessa forma, considerando o estatuto sociocognitivo da linguagem, nosso foco investigativo centra-se nos seguintes questionamentos: como uma pessoa acometida pela Atrofia Cortical Posterior mantém-se como participante nas interações cotidianas

e de que forma isso se configura do ponto de vista textual-interativo? Qual a relação entre o papel do interlocutor e a performance da pessoa acometida pela patologia?

Decorrente dessas perguntas, o objetivo geral do presente trabalho é analisar a participação de uma pessoa acometida pela Atrofia Cortical Posterior nas interações orais cotidianas, verificando a forma como o discurso se configura do ponto de vista textual interativo. Tendo em vista os questionamentos elencados e o objetivo geral citado, elegemos os seguintes objetivos específicos:

- a) descrever as narrativas orais produzidas pela participante no contexto dos dados;
- b) analisar as estratégias de referenciação que emergem das diferentes atividades discursivas desempenhadas por uma pessoa que vive com ACP durante a interação e de que forma se relacionam com as narrativas produzidas;
- c) identificar como a atitude do interlocutor pode contribuir para a participação da pessoa acometida pela patologia.

Para alcançarmos os objetivos descritos acima, organizamos o presente trabalho em sete capítulos. O primeiro capítulo traz a presente introdução; no segundo capítulo abordaremos a linguagem no contexto das patologias neurodegenerativas, tanto da Doença de Alzheimer, quanto da Atrofia Cortical Posterior, delineando um paralelo entre similaridades e diferenças entre as mesmas, além de discutirmos o papel da colaboração na interação em tais contextos. No terceiro capítulo abordaremos a concepção de narrativa em coconstrução, mediante uma perspectiva interacional, culminando com a visão de narrativa de Ochs e Capps (2001) que embasam nossas análises. No quarto capítulo abordaremos a noção de referenciação, enquanto fenômeno sociocognitivo de coconstrução de referentes, conforme proposto por Mondada e Dubois (2003), exemplificando algumas estratégias de referenciação mais comumente utilizadas pela participante. O quinto capítulo será dedicado à metodologia de nosso trabalho e, no sexto capítulo, apresentaremos uma análise de nossos dados, demonstrando como utilizar as categorias do nosso arcabouço teórico na análise de narrativas no contexto da Atrofia Cortical Posterior. No capítulo final apresentamos as conclusões do presente trabalho.

1.1 Justificativa

A justificativa do presente trabalho está amparada em dois pontos. O primeiro deles está relacionado à necessidade de discutir a linguagem no contexto das patologias neurodegenerativas, posto que devido ao envelhecimento da população, a incidência desse tipo de doença tem aumentado expressivamente. Além disso, no caso específico da Atrofia Cortical Posterior (doravante, ACP), há uma ausência de pesquisas que analisem a linguagem, especialmente considerando a língua em uso, fato que nos motivou a analisar tal contexto considerando essa perspectiva no campo da Linguística Aplicada (doravante, LA).

O segundo ponto diz respeito à vocação da Linguística Aplicada em tomar como objeto de investigação as situações reais em que a linguagem se constitui como um fator predominante e oferecer uma contribuição social. Cada um dos pontos de nossa justificativa será abordado mais detalhadamente nos parágrafos abaixo.

Segundo Veras (2009, p. 549), “a cada ano, 650 mil novos idosos são incorporados à população brasileira, a maior parte com doenças crônicas e alguns com limitações funcionais”. Dentro desse quadro de doenças que acometem pessoas idosas, a Doença de Alzheimer (doravante, DA) apresenta uma recorrência epidemiológica expressiva. De acordo com Gasparetto (2011, p. 40):

O papel da demência, particularmente da DA como um dos principais quadros demenciais na população idosa tem sido progressivamente reconhecido. A incidência de demência do tipo Alzheimer é de 1% até os 60 anos e depois dobra a cada cinco anos, isto é, 2% até os 65, 4% até os 70, 16% até os 80 e 32% até os 85 anos. À medida que a idade se eleva, a frequência relativa da doença de Alzheimer torna-se progressivamente maior, embora também possa ocorrer aumento da prevalência de doença cerebrovascular associada.

Os dados trazidos pelo autor comprovam a considerável presença da doença na idade mais avançada e também nos leva a refletir sobre aspectos provenientes dela que exercem influência sobre as relações diárias. A DA é uma doença que afeta funções mentais e neurológicas e, dentre elas, a relação linguagem, cognição e interação. Da mesma forma, a ACP, doença considerada como um subtipo raro da DA por alguns médicos, é uma doença que incide sobre a linguagem.

Dessa forma, surge a necessidade de pesquisa sobre a linguagem neste quadro específico, buscando preencher uma lacuna nas pesquisas que pouco ou nada tratam sobre esse aspecto, contribuindo para uma compreensão mais alargada sobre

a interação. Trazemos aqui uma pesquisa que, frente a um quadro clínico patológico associado à perda cognitiva e tendo como base interações face a face, analisa a atividade real discursiva de uma pessoa cometida pela ACP, na qual múltiplos conhecimentos e regras sociais devem ser contemplados a fim de que haja compreensão e comunicação efetiva.

Os poucos estudos relacionados à linguagem na ACP originaram-se no campo da Medicina. Um deles foi o conduzido por Crutch et al. (2013), no qual os sintomas percebidos pelos pesquisadores como os mais severos em relação à linguagem foram a anomia (em que os autores destacaram omissões ou circunlóquios e parafasias ocasionais) e a fluência fonética associada à falha no acesso lexical.

Tendo em vista a lacuna de estudos sobre a linguagem na ACP, fazem-se necessárias pesquisas que falem sobre o tema e que sirvam de subsídio umas às outras e, nesse aspecto, configura-se a função da LA, disciplina que abrange uma gama de estudos cuja característica principal é a transdisciplinaridade, ou seja, frente ao contexto de pesquisa que se apresenta e tendo a linguagem como base, busca a contribuição de outras áreas a fim de melhor analisar o seu objeto.

No campo da LA, o estudo da linguagem deve estar refletido nas questões práticas do uso, considerando os falantes enquanto sujeitos e a pesquisa como contribuição à sociedade. Torna-se central considerar a língua em seus diversos contextos de uso, em uma atitude transdisciplinar (CELANI, 1998), colaborando em problemas que envolvem a comunicação nos diversos âmbitos sociais e estabelecendo relações com outras disciplinas. E é por esse viés que o nosso trabalho se afilia a esse campo.

Compactuando dessa concepção de LA, Rajagopalan (2010) afirma que em todas as ciências humanas e sociais, bem como na LA, tem havido cada vez mais a necessidade de tornar seus estudos relevantes, abordando a linguagem de forma que possa contribuir com problemas que estão postos na sociedade.

O que torna o tema ACP relevante no campo da Linguística Aplicada é a sua relação com a linguagem e com o contexto social dos indivíduos acometidos por essa patologia. Assim, faz-se necessário abordar tal contexto patológico sob a ótica da LA, campo não apenas relacionado ao uso da linguagem, mas que potencialmente pode exercer contribuição tanto para um melhor conhecimento do assunto pelo viés dos estudos da linguagem, como para uma análise de melhores formas de convívio para um problema real que afeta diretamente uma parcela da sociedade: o convívio de

familiares e das pessoas que sofrem com a ACP. Tal contribuição é uma das responsabilidades da LA, visto que “a Linguística Aplicada responde a uma demanda social” (ROCHA; DAHER, 2015, p. 113). Considerando tal responsabilidade, o papel do linguista aplicado se faz importante no sentido de possibilitar uma maior compreensão de práticas linguísticas ocasionadas mediante essa condição patológica marcada socialmente.

O contexto específico das patologias de linguagem, conforme salienta Morato (2016), é fortemente marcado pela carência metalinguística e pela perda da memória. Dessa forma, segundo a autora:

Cumprir observar que concepções fortemente normativas do cérebro, cognição e linguagem, altamente judiciosas frente às relações entre o normal e o patológico, concentram-se no escopo dessas duas entidades nosológicas, afasia e Doença de Alzheimer, com implicações teóricas, diagnósticas e terapêuticas importantes, capazes de influenciar políticas públicas de Saúde, formas de ‘inclusão social’ e processos de (des)legitimação de capacidades comunicativas e cognitivas humanas. (MORATO, 2016, p. 575-576).

Assim, o estudo da linguagem no contexto da ACP é desafiador, pois trata-se de uma patologia estigmatizada, assim como a DA (se a considerarmos uma patologia à parte), socialmente marcada por um discurso de perdas progressivas (perda da memória, perda da consciência, perda da autonomia) e incuráveis, refletindo diretamente nas interações da pessoa com seu convívio social. A intenção desse estudo não é focar nos déficits linguísticos ocasionados, mas revelar as estratégias empregadas para que as dificuldades sejam superadas. Estratégias essas, tanto do sujeito acometido pela doença, quanto dos familiares e cuidadores, estimulando a interação e proporcionando uma convivência mais harmoniosa no dia-a-dia. Esse estudo busca mostrar que, durante a interação, a participante acometida pela ACP utiliza estratégias para interagir nos contextos efetivos de uso da linguagem cotidiana, apesar da perda linguística e cognitiva ocasionada pela doença.

Hydén (2014) chama a atenção para o fato de que são poucas as pesquisas que centram seu interesse nas formas como as pessoas com DA enfrentam tais dificuldades e menos ainda sobre como essas pessoas administram os problemas ocasionados pelas perdas, colaborativamente, durante a interação. Segundo o autor (2014, p. 139, tradução nossa), “o foco na pessoa com DA como participante envolvido, em colaboração com outros participantes, ajudaria a descrever e entender

como as habilidades cognitivas e linguísticas em declínio são negociadas conjuntamente².

Na tentativa de contribuir para tal lacuna de estudos mencionada por Hydén, o presente trabalho busca examinar como os problemas que surgem na interação são superados colaborativamente. Nosso foco de análise centra-se na relação linguagem/cognição em situações de uso da linguagem nas quais a atividade colaborativa revela-se uma estratégia de compensação das dificuldades ocasionadas pela doença, mediante a qual a pessoa com patologia e a pessoa sem patologia coordenam ações no aqui-e-agora interacional. Acreditamos que somente nas situações de uso, podemos identificar os reais problemas ocasionados pela doença e as ações desempenhadas pelos sujeitos para contorná-los.

Ademais, do ponto de vista teórico, este trabalho distancia-se dos modelos biomédicos e busca contribuir com a compreensão de melhores formas de convívio com esta patologia, possibilitando uma investigação, orientando-nos pela Análise da Conversação e Linguística Textual, áreas que enfocam a língua em uma perspectiva sociocognitiva considerando os recursos linguísticos e estratégias de construção de sentidos utilizados pela pessoa com a ACP na progressão discursiva e na interação com o interlocutor.

Unir esses dois campos no presente estudo, reflete a importância do contexto para “os estudos sobre a produção e interpretação de enunciados, bem como para a identificação de referentes e de processos de implicitação” (MORATO; KOCH, 2003, p. 88). Ainda, mediante tais contribuições citadas, ainda evocamos a concepção de narrativas conversacionais com a noção de referenciação que surge no âmbito da ação de narrar na interação, como forma de construção de significado.

² “[...] to a focus on the person with AD as a participant engaged in collaboration with other participants would help to describe and understand how the declining cognitive and linguistic abilities are dealt with jointly”.

2 A LINGUAGEM NO CONTEXTO DAS PATOLOGIAS NEURODEGENERATIVAS

Afirmar que a essência da linguagem é a comunicação, pode soar prescindível e recorrente, porém faz-se oportuno de ser reiterado quando tratamos da linguagem em contextos patológicos. Vygotsky (2005, p. 04) postulava que a psicologia, ao analisar o pensamento verbal dissociando palavra e pensamento, adentra um “beco sem saída”. Fazemos uso da metáfora do teórico para afirmar que, da mesma forma, analisar a linguagem dissociada da sua função primária que é comunicar, é também entrar em um beco sem saída.

Apesar disso, podemos encontrar inúmeros estudos que privilegiam o estudo da linguagem mediante uma investigação mais prática e objetiva, especialmente estudos voltados às áreas médicas. Ao investigarmos a linguagem envolvendo indivíduos com doenças neurodegenerativas, a ocorrência desse tipo de estudos que investigam as características da linguagem a partir de testes fragmentados ou exames são muito frequentes, em detrimento de estudos que englobam uma análise da linguagem em situações de uso da língua.

De acordo com Cruz (2008), em sua tese sobre a linguagem, interação e cognição na Doença de Alzheimer (doravante, DA), existem dois modelos que se diferenciam ao conceber o diagnóstico de tal patologia. O primeiro deles é modelo biomédico baseado em uma concepção cognitivista e biológica dos quadros de DA. Nessa forma de investigar a doença, o cérebro e as estruturas neurológicas se sobrepõem à mente e à cognição humana, além de não levar em consideração a relevância do aspecto social. Ainda conforme Cruz (2008, p. 35), esse modelo “parte de uma concepção mental de cognição humana, privilegiando, sobretudo, as relações entre estruturas neurológicas afetadas e declínio cognitivo, com ênfase nos processos neurodegenerativos”. Consoante a essa concepção, o diagnóstico é resultado de testes e exames controlados, seguindo um método clínico-científico, mais objetivo, realizado a partir dos sintomas apresentados pela pessoa e aplicação de testes, baseados em entrevistas estruturadas (CRUZ, 2008), sem considerar o aspecto social.

De acordo com Morato (2016), este modelo nas quais as áreas da saúde se embasam, acaba por contrapor o normal e o patológico, o corpo e a mente, colocando doenças que afetam linguagem e cognição em uma (des)legitimação comunicativa. De acordo com a autora,

Tomar a cognição como resultado da ativação de determinadas faculdades mentais circunscritas à intimidade cerebral é (des)legitimar a existência de processos sociocognitivos variados que constituem a dinâmica funcional e plástica da atividade cerebral, responsável pela reorganização das atividades mentais. Tais processos, cumpre assinalar, derivados da capacidade humana para a interação, a comunicação, a perspectivação e a recursividade [...] não se encontram definidos apenas em termos neurobiológicos, nem se encontram confinados às profundezas do cérebro: são dependentes dos processos de significação que se constroem nas práticas sociointerativas. (MORATO, 2016, p. 165).

Considerando o aspecto sociocognitivo que envolve a capacidade humana da interação e de construir significado nas práticas cotidianas, opera o segundo modelo, no qual respaldamos este estudo. Trata-se do modelo biossocial que considera a cognição humana como mental e social, ou seja, defende a interação entre cérebro e mente além de experiências socioculturais que influenciam na cognição humana (CRUZ, 2008). Unindo essa concepção de cognição humana vinculada ao aspecto social, baseamos a presente pesquisa na tríade linguagem, cognição e interação na qual a perspectiva sociocognitivista agrega à ideia de cognição a interrelação entre processos interativos, trabalho linguístico-discursivo e experiências dos indivíduos.

De acordo com Koch e Cunha-Lima (2004), quando as pessoas se engajam em uma atividade comunicativa, é possível verificar que o que acontece não é apenas uma atividade cognitiva. Devemos considerar que, estando em uma situação de comunicação, as informações são interpretadas por meio de uma atividade conjunta entre as pessoas que emerge na interação e que implica uma negociação entre os falantes.

Considerando tal atividade intersubjetiva, nosso empreendimento baseia-se na concepção de que a linguagem não é dissociada da cognição e tampouco da interação, espaço no qual essa relação se constitui. Segundo Koch e Cunha-Lima (2004), os sentidos são, então, constituídos dentro e fora das mentes. Nas palavras das autoras:

Tentar dar uma explicação acabada do processo de decodificação da linguagem dentro da mente ou ignorar que o conhecimento linguístico tem de estar estruturado de alguma forma em nossa mente são duas opções que dificultam a apreensão da real complexidade linguística. (KOCH; CUNHA LIMA, 2004, p. 297).

Assim, a visão sociocognitivista propõe como características intrínsecas à linguagem a “inter-ação, ação inter-individual e, portanto, social” (KOCH, 1993, p. 66). Pela linguagem, as ações linguísticas acontecem dentro de situações sociais, por

meio de enunciados compreensíveis e com significado. Dessa forma, a doença não seria apenas neurodegenerativa, mas sócio-neurodegenerativa, pois afeta também o aspecto social do indivíduo. Defendemos a ideia que a linguagem tem sua essência como social e mental e, por isso, esses dois aspectos devem ser considerados ao analisarmos a linguagem no contexto patológico, pois somente desta forma podemos observar os processos cognitivos mobilizados pelos sujeitos nas práticas interacionais cotidianas que unem os processos mentais ao caráter sociocultural e colaborativo da linguagem.

Da mesma forma que a DA, outras patologias neurodegenerativas são investigadas segundo tais paradigmas. No presente estudo, abordaremos a Atrofia Cortical Posterior (doravante, ACP), uma patologia também neurodegenerativa considerada por alguns estudos como um subtipo da Doença de Alzheimer por ter a mesma causa associada e, por outros, como uma doença à parte devido aos sintomas diferenciados. Segundo Li et al. (2018), a ACP é uma síndrome caracterizada por comprometimentos no processamento visual, com relativa preservação da memória e, que, embora seja quase idêntica à DA, patologicamente falando, ambas as doenças têm diferentes características cognitivas.

Por conseguinte, organizamos o presente capítulo da seguinte forma: na primeira seção, apresentaremos características da DA e as suas implicações na linguagem a fim de tecermos um parâmetro de semelhanças e diferenças com a ACP, uma doença menos conhecida; na segunda seção, discursaremos sobre a ACP e suas características e apontaremos alguns estudos realizados sobre a patologia considerando a linguagem; já na seção final, abordaremos o papel relevante que a colaboração exerce nas interações com pessoas com alguma neurodegenerância, como a ACP, que tratamos no presente trabalho.

2.1 A linguagem e a Doença de Alzheimer

Estudos recentes demonstram que a população de idosos vem aumentando consideravelmente em todo o mundo e o Brasil se integra a essa estimativa. As causas do aumento do número de idosos no Brasil são variadas e entre elas estão a redução da taxa de fecundidade e o aumento da expectativa de vida (MATOS; DECESARO, 2012).

As projeções da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam para o número de 1,2 bilhão de idosos no ano de 2025, de acordo com Burlá et al. (2013), com expectativa de chegar aos 2 bilhões em 2050. No Brasil, os números projetados também são consideráveis. Estima-se, para 2020, o número de 29,8 milhões de pessoas com mais de 60 anos e, em 2050, o contingente de 4,7 milhões de idosos com mais de 80 anos, de acordo com os autores.

O aumento da expectativa de vida influi diretamente no número crescente de doenças relacionadas à senioridade. As enfermidades que mais acometem essa parcela significativa da população são as patologias neurodegenerativas e dentre elas a Doença de Alzheimer que, segundo Burlá et al. (2013), abrange de 60% a 70% dos casos. Tais números revelam a grande parcela de ocorrência de DA o que chama ainda mais a atenção para que se investigue mais sobre esta doença que, apesar de ter uma ocorrência significativa, ainda é alvo de poucas informações clínicas sobre sua causa e cura.

A DA foi descrita pela primeira vez pelo psiquiatra e neuropatologista alemão Aloïs Alzheimer, e consiste em:

Uma patologia neurodegenerativa progressiva e irreversível, de aparecimento insidioso, que acarreta perda da memória e diversos distúrbios cognitivos. É caracterizada por um progressivo declínio da memória, do raciocínio, da compreensão, da capacidade de realizar cálculos, da linguagem, da capacidade de aprendizagem e de julgamento que acabam por impedir o afetado de realizar sem auxílio as suas atividades diárias. (BARROS et al., 2009, p. 17).

O diagnóstico definitivo de DA é realizado a partir de um exame histopatológico do cérebro *post-mortem*. O diagnóstico é realizado a partir de testes que avaliam a capacidade cognitiva apresentada pela pessoa e pela exclusão de outras patologias similares. O estudo de Vieira et al. (2014) aponta que o índice de incidência da DA em idosos é bastante significativo. Segundo os autores, apesar das causas da doença ainda não estarem totalmente identificadas, uma delas seria o acúmulo de peptídeo *beta-amilóide* que se acumula nos vasos cerebrais e ocasiona a morte neuronal. A recorrência estimada dessa patologia corresponde a:

5% a 10% dos idosos de 65 a 74 anos e 25% a 50% dos idosos de 85 anos são afetados. A DA afeta uma porcentagem cada vez maior da população mundial. Atualmente, 26 milhões de pessoas têm a doença, sendo que este número tende a aumentar a cada ano. (VIEIRA et al., 2014, p. 219).

O diagnóstico de DA é motivo de muita preocupação, tanto para o paciente, quanto para a família, pois trata-se de uma doença progressiva e degenerativa que acarreta a perda da autonomia do idoso e, por consequência, demanda a dedicação intensa da família no quadro de cuidados. Zidan et al. (2012) destacam que o declínio das funções cognitivas, como memória, atenção e função executiva e das funções motoras como equilíbrio, força, flexibilidade e função aeróbica podem ser observadas desde as fases iniciais da doença. Por consequência, o idoso demonstra dificuldades em executar ações simples cotidianas como lembrar-se de realizar os hábitos de higiene, vestir-se adequadamente ou desligar o fogão, por exemplo. Sobre o comprometimento cognitivo, os autores afirmam que:

Em estágios iniciais da doença, podem ser observadas a perda de memória episódica e a aquisição de novas tarefas. Esses danos gradualmente envolvem outros comprometimentos cognitivos, como a capacidade de julgamento, cálculo, capacidade de abstração e habilidades visuoespaciais. A afasia pode ocorrer na fase intermediária, com dificuldade em nomear objetos ou escolher a palavra certa para expressar ideias, assim como apraxia³. (ZIDAN et al., 2012, p. 161).

Reforçando déficits cognitivos descritos por Zidan que são ocasionados pela doença, Cruz (2004) destaca ainda que a literatura neuropsicológica considera três graus na DA:

- a) o grau leve, no qual as dificuldades mnésicas são constantes e o indivíduo pode apresentar depressão ou ansiedade;
- b) o grau moderado, no qual as dificuldades mnésicas refletem na impossibilidade do indivíduo em realizar diversas funções executivas, além de apresentar desorientação têmporo-espacial, dificuldades mais acentuadas na linguagem e maiores desequilíbrios emocionais;
- c) o grau severo no qual a memória é profundamente prejudicada, a linguagem se torna extremamente reduzida e há perda total da autonomia.

As dificuldades de linguagem, muitas vezes relacionadas às dificuldades mnésicas⁴, são percebidas desde a fase inicial da DA, em muitos casos. Morato (2010) indica os problemas de linguagem presentes na DA como os déficits na capacidade

³ Apraxia pode ser definida como a dificuldade ou a impossibilidade de realizar movimentos proposicionais aprendidos, geralmente surgindo em decorrência de uma lesão cerebral. (RODRIGUES et al., 2001).

⁴ Relacionadas à memória.

de nomear, as repetições, os circunlóquios, e o uso considerável de dêiticos e de estruturas sintáticas mais simples durante a primeira fase da doença (dois a dez anos). Quanto à segunda fase, Huff et al. (1988) a caracterizam com deterioração expressiva dos processamentos semântico (apresentando parafasias⁵) e sintático (dificuldade de compreensão de enunciados sintaticamente mais elaborados ou complexos). Os autores também destacam a presença de parafasias fonológicas e um comprometimento da escrita.

A área da cognição tem demarcado uma separação entre linguagem e cognição, entendendo que a DA acontece em decorrência de um problema cognitivo, conceptual, não linguístico. No entanto, Morato (2012, p. 47) afirma que:

Dados empíricos extraídos de situações e práticas discursivas levam-nos a admitir uma interação entre linguagem e cognição, tanto na configuração do quadro semiológico de ambos os contextos patológicos, quanto nas estratégias linguístico-cognitivas comuns levadas a cabo por afásicos e indivíduos com a Doença de Alzheimer para superar suas dificuldades. Levam-nos, ainda, a admitir uma discrepância entre comportamentos neuropatológicos (tais como os exibidos pelos indivíduos em situações de testes diagnósticos) e comportamentos pragmaticamente situados (tais como os exibidos em situações de uso ou de comunicação mais efetiva).

Levando-se em consideração a relação de interdependência entre cognição e linguagem e que esta não é uma atividade mecânica, mas que se concretiza nas situações de uso, acreditamos que estudos considerando esses aspectos sejam necessários a fim de traçarmos um panorama mais específico das implicações sofridas pela linguagem no contexto patológico da DA e também de outras doenças neurodegenerativas.

Além da manifestação típica (variante amnésica⁶), descrita até o presente momento, a DA ainda reúne duas variantes atípicas (variantes não amnésicas): a variante logopênica da Afasia Progressiva Primária (doravante, APPL) e a Atrofia Cortical Posterior (ACP). De acordo com De Paula et al. (2014, p. 353):

A primeira envolve dificuldade em buscar palavras isoladas de modo espontâneo, no discurso ou na nomeação, dificuldade na repetição de sentenças ou frases e erros fonológicos na linguagem expressiva. Não há agramatismo intenso, déficits semânticos acentuados ou alterações motoras

⁵ Parafasia consiste na substituição de uma palavra-alvo (aquela pretendida pelo indivíduo) por uma outra com sons semelhantes ou sentidos aproximados. (MIRA, 2016).

⁶ O tipo amnésico apresenta comprometimento da memória episódica, estando ou não relacionada a outras disfunções cognitivas como na linguagem, nas funções executivas ou visuoespaciais. O tipo não-amnésico mantém a memória episódica preservada e apresenta disfunções em outros domínios cognitivos, podendo haver comprometimento em mais de um domínio. (CLEMENTE; RIBEIRO-FILHO, 2008).

na linguagem. Na atrofia cortical posterior, as principais alterações ocorrem no processamento visual, envolvendo desregulação das redes atencionais relacionadas à orientação; déficits de processamento visuoespacial, alterações na leitura, na escrita e em habilidades matemáticas; e prejuízos na memória de trabalho visuoespacial. Nessas variantes não amnésticas da doença de Alzheimer, alterações em outros domínios cognitivos, sobretudo na memória episódica, são discretas e, em geral, secundárias a seus sintomas principais.

As considerações trazidas sobre a DA são relevantes na medida em que a ACP e a APPL muitas vezes são decorrentes da primeira e as patologias vêm a apresentar sintomas comuns, apesar de se manifestarem clinicamente de formas distintas. Muitos médicos e pesquisadores, como Serino et al. (2014), consideram a ACP uma variante atípica ou um subtipo raro da DA, devido ao fato de muitas vezes a primeira derivar da presença da segunda e também do fato da etiologia dos dois distúrbios, comprovada através de exame *post mortem*, ser frequentemente idêntica, apresentando a mesma manifestação morfológica que evidencia a presença microscópica de placas senis e emaranhados neurofibrilares. No entanto, apesar de apresentar tais pontos que convergem, é preciso considerar que as patologias se diferem em muitos outros aspectos como localização, apresentação e sintomas.

Considerando esse fator, na seção que segue discutiremos mais sobre as características da ACP e os sintomas que acarreta, demonstrando as especificidades que a patologia apresenta.

2.2 A linguagem e a Atrofia Cortical Posterior

O termo Atrofia Cortical Posterior foi cunhado pelos médicos pesquisadores Benson, Davis e Snyder, em 1988 a fim de descrever um quadro sintomático de pacientes com uma disfunção visual precoce no quadro de neurodegenerescência de regiões corticais do cérebro (CRUTCH et al., 2017).

Em relação à localização, no caso da ACP, as placas e os emaranhados estão predominantemente localizados nas áreas de associação visual e nos lobos parietais enquanto que na DA, o hipocampo e a área entorrinal são principalmente afetados. (CASTRILLÓN et al., 2010). Dessa forma, a ACP caracteriza-se como uma síndrome neurodegenerativa e progressiva, como a DA, mas que atua diretamente no processamento visual complexo e que se manifesta entre 50 e 60 anos de idade, precocemente, se comparada à idade de maior incidência da DA.

A diferença na região cerebral afetada resulta em um quadro geral distinto de sintomas manifestados pelos indivíduos com ACP. Estudos realizados por Caprile et al. (2009) demonstraram que os indivíduos com ACP apresentam uma melhor preservação da memória episódica e da área da linguagem, em comparação a pacientes com DA, e uma condição menos favorável nas funções visuoperceptivas, visuoespaciais e práxicas.

Embora ocorram casos nos quais a ACP se manifesta inicialmente com apraxia⁷ ou acalculia⁸, o sintoma mais decorrente é a agnosia visual ou visuoespacial⁹ (SERINO et al., 2014). Os sintomas iniciais apresentados por uma pessoa com ACP incluem dificuldades visuais como reconhecer alguém em determinado ambiente, tendência a perder a direção, desorientação espacial, incapacidade em utilizar objetos, entre outros. Já os sintomas manifestados no início da DA estão relacionados à perda da memória episódica. (WANG et al., 2015).

A fim de tecermos um melhor entendimento sobre as diferenças e semelhanças entre DA e ACP, sintetizamos as informações já apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Diferenças e similaridades entre DA e ACP

	Doença de Alzheimer	Atrofia Cortical Posterior
Origem do termo	Termo cunhado pelo médico Aloïs Alzheimer, em 1901.	Termo cunhado pelos médicos Benson, Davis e Snyder, em 1988.
Localização inicial	Hipocampo e lobo temporal.	Lobo occipital e lobos parietais.
Apresentação	Acúmulo do peptídeo β -amilóide que se acumula nos vasos cerebrais, impedindo as sinapses dos neurônios.	Acúmulo do peptídeo β -amilóide que se acumula nos vasos cerebrais, impedindo as sinapses dos neurônios.
Sintomas iniciais	Perda da memória recente, distúrbios cognitivos, dificuldades de linguagem.	Agnosia visual ou visuoespacial, dificuldades de linguagem.
Diagnóstico definitivo	Exame histopatológico do cérebro <i>post-mortem</i> .	Exame histopatológico do cérebro <i>post-mortem</i> .

Fonte: elaborado pela autora (2018)

⁷ Dificuldade em realizar movimentos motores.

⁸ Dificuldade ou impossibilidade em realizar operações matemáticas elementares.

⁹ Agnosia visual é a incapacidade de reconhecer objetos, pessoas, cores e símbolos gráficos, apesar da ausência de déficits na visão. A pessoa consegue ver o objeto, porém é incapaz de identificá-lo e nomeá-lo. A agnosia visuoespacial se caracteriza pela negligência da metade esquerda do espaço, por não conseguir identificá-lo. (GUSMÃO et al., 2007).

Como podemos observar no Quadro 1, ambas as neurodegenerências apresentam pontos em comum, mas se diferem em aspectos relevantes a serem considerados. A ACP pode apresentar diferentes etiologias como Corpos de Lewy, gliose subcortical, degeneração corticobasal, ou doenças priônicas, porém a DA é a causa mais frequente, ocorrendo em 80% dos casos de ACP constatados. (WANG et al., 2015). A fim de qualificar a uniformidade da definição de ACP no âmbito médico, tendo em vista os diferentes quadros em que se apresenta, Crutch et al. (2017) estabeleceram três níveis de classificação da ACP, que compara as síndromes aos níveis em que a doença se apresenta, conforme especificado no Quadro 2.

Quadro 2 – Classificação da ACP e sintomas

Nível 1: Atrofia Cortical Posterior	Define as principais características clínicas, cognitivas e de neuroimagem e os critérios de exclusão da síndrome clínico-radiológica.
Nível 2: ACP PURO, ACP PLUS	Estabelece se, além da síndrome ACP base, as características principais de quaisquer outras síndromes neurodegenerativas estão presentes.
Nível 3: ACP atribuível à DA, Doença Corpo de Lewy, Degeneração Corticobasal e Doença Prion.	Fornecer uma determinação mais formal da causa subjacente da Síndrome de ACP, com base em evidência de biomarcador fisiopatológico disponível.

Fonte: Crutch et al. (2017)

Os níveis de classificação aqui descritos colaboram para um melhor entendimento clínico da manifestação da doença que pode apresentar sintomas variados, de acordo com a doença neurodegenerativa a qual esteja associada.

Apesar de poucos estudos investigarem a linguagem de pessoas com ACP, em seu estudo pioneiro, Dr. Benson e seus colegas já haviam relatado distúrbios manifestados na linguagem oral nos pacientes, classificados como afasia sensorial transcortical (MAGNIN et al. 2013). Ainda assim, poucas pesquisas posteriores se detiveram nesse aspecto da doença. Cabe destacar que esses estudos realizados eram baseados em modelos biomédicos, conforme descrevemos no início do capítulo, perspectivando uma noção neurofisiológica da doença. Nossas análises sobre a linguagem na ACP no presente trabalho serão baseadas na perspectiva biossocial, analisando a linguagem em situações cotidianas, não-planejadas e sem roteiro

estruturado ou pré-definido, abrindo espaço para que a linguagem seja considerada enquanto uma ação social.

Crutch et al. (2013) realizaram uma investigação com um grupo composto por quinze pacientes com ACP, sete com afasia logopênica/fonológica (doravante, ALF) e dezoito pessoas saudáveis, aplicando testes cujo objetivo era traçar um perfil da linguagem das pessoas acometidas pela ACP, avaliando processamento auditivo, repetição e memória de trabalho, compreensão gramática e léxica, fluência e recuperação de palavras isoladas e fala espontânea.

Os resultados obtidos revelaram que os pacientes com ACP demonstram comprometimentos de linguagem em todos os domínios examinados, com déficits mais acentuados na anomia, fluência fonêmica reduzida e velocidade de fala mais lenta em relação às pessoas saudáveis. Quanto aos testes que averiguavam o processamento auditivo, repetição e recuperação de palavras isoladas, os resultados demonstraram similaridade aos pacientes com ALF, mas o desempenho nos testes de compreensão e de fala espontânea foi relativamente melhor.

A afasia emergente é mais branda do que a exibida pelos pacientes com AFL e caracteriza-se por um comprometimento proporcionalmente maior do processamento do *input* auditivo e da memória de trabalho do que pelas habilidades de compreensão e produção (associadas a mais regiões temporais e frontais anteriores).

Os sintomas percebidos pelos pesquisadores como os que mais severos em relação à linguagem foram a anomia (na qual os autores destacaram omissões ou circunlóquios e parafasias ocasionais) e a fluência fonética associada à falha no acesso ao léxico.

Segundo estudos de Magnin et al. (2013), a anomia é frequentemente descrita como uma síndrome de apresentação da ACP, indicando que a linguagem pode ser uma das primeiras queixas dos indivíduos. Já a memória semântica é relatada como sendo relativamente poupada em comparação com a DA.

Conforme anteriormente mencionado, os sintomas se apresentam de formas diferentes em cada caso e a participante de nosso estudo, diagnosticada com ACP há cinco anos, manifesta uma associação de sintomas típicos da ACP e alguns mais corriqueiramente associados à DA. Dentre esses sintomas, observamos no decorrer das interações a perda considerável da visão, dificuldades no acesso lexical, parafasias, dificuldade de articulação fonológica e repetição de segmentos vocálicos.

A cura para a ACP (assim como na DA) ainda não foi descoberta, mas existem medicamentos que ajudam a amenizar os sintomas da doença. De acordo com o *site Rare Dementia Support*¹⁰, os cuidados com a pessoa com ACP são os mesmos que se deve ter com a pessoa acometida pela DA, acrescido de recursos que facilitem o dia-a-dia da pessoa devido à perda da visão como relógios que falam a hora, celular adaptado, audiolivros, entre outras tecnologias assistivas e recursos de acessibilidade.

Além dos medicamentos, a pessoa acometida pela ACP deve receber um acompanhamento sistemático de um cuidador, evitando situações que podem se tornar perigosas como sair de casa sozinho ou cozinhar, além de estabelecer um melhor convívio possível, tentando compreendê-lo, evitando o seu isolamento, que pode levar à depressão.

As patologias degenerativas caracterizam-se por afetar não somente o doente, mas a estrutura familiar também (MATOS; DECESARO, 2012). Assim, a dificuldade de interagir pode ser um entrave significativo na convivência entre o acometido e o não-acometido, interferindo no relacionamento familiar. Considerando tais características, compartilhamos da ideia que tal quadro ultrapassa uma questão meramente linguística ou cognitiva, vistos dicotomicamente, já que há incidência direta na relação eu/outro, ou seja, em um âmbito psicossocial do indivíduo, tornando-se uma questão de ordem social que deve ser discutida.

À vista disso, se faz relevante analisarmos de que forma a atividade comunicativa acontece neste dado contexto, reconhecendo as estratégias linguísticas e cognitivas que as pessoas acometidas por essa enfermidade utilizam a fim de estabelecer a interação.

Conforme Cruz (2008, p. 24), as pesquisas que enfocam o declínio cognitivo da DA, se apresentam pertencendo a:

Dois modelos epistemológicos distintos, mas não necessariamente antagônicos ou dicotômicos, o biomédico e o biossocial, nos quais os fatores relacionados ao déficit partem de (e revelam ao mesmo tempo) uma teorização sobre o que está na base da constituição (e da perda) da cognição humana.

Propomo-nos analisar a linguagem no contexto patológico da ACP, tendo como pressuposto sua direta relação com a cognição e ao meio, espaço em que

¹⁰ Rare Dementia Support (2019).

naturalmente se manifesta. No âmbito do presente trabalho, assumiremos o posicionamento de tratarmos da ACP como uma patologia distinta da DA, apesar de reconhecermos algumas similaridades, devido às suas especificidades na apresentação, localização cerebral e, sobretudo, sintomas observados na participante desse estudo. Apesar das perdas ocasionadas, queremos evidenciar no escopo deste trabalho, as estratégias que uma pessoa com ACP utiliza a fim de superar esses déficits e manter seu papel colaborativo nas situações de uso da linguagem.

Vale a pena ressaltar que a ACP é uma patologia ainda pouco conhecida e acrescentando-se a isso a dificuldade em ser diagnosticada, os estudos que possam contribuir para uma melhor compreensão deste quadro são de suma importância para a sociedade em geral. Por isso, acreditamos que a presente pesquisa é relevante para este cenário, demonstrando como as estratégias de construção conjunta de sentidos possibilitam a comunicação e uma participação efetiva da pessoa com ACP, ressaltando que a capacidade de interagir continua latente.

Hydén (2018) salienta que as pessoas com neurodegenerências são desafiadas cotidianamente pelo fato de necessitarem interagir com outras pessoas sendo que seus recursos cognitivos e semióticos estão reduzidos. No entanto, é necessária uma reavaliação da patologia nesse prisma não apenas médico, mas social, considerando que essas pessoas são capazes de interagir pois operam com seus recursos cognitivos e semióticos remanescentes a partir da colaboração com outras pessoas não acometidas pela doença.

Considerando o desafio cotidiano em relação ao estigma criado acerca da ACP, como explica Hydén, abordaremos na próxima seção o papel primordial que a colaboração possui nesse tipo de interação.

2.3 O papel da colaboração nas interações de pessoas com doenças neurodegenerativas

Como visto na seção anterior, a ACP afeta a linguagem, o que não significa, no entanto, que a pessoa perca a capacidade de interagir. De acordo com Hydén (2018), “o cérebro humano evoluiu como um órgão para ajudar o organismo humano a se envolver não apenas com o mundo físico, mas também com o mundo social – ou

talvez lidando com o mundo físico em um contexto social¹¹” (HYDÉN, 2018, p. 55, tradução nossa). Tal característica fez com que o cérebro aumentasse a capacidade de cooperar com outros indivíduos. Essa cooperação permite, por exemplo, que um indivíduo utilize as habilidades da outra pessoa (seus conhecimentos, bagagem cultural, opiniões) ou habilidades criadas conjuntamente. Além disso, o cérebro possibilita ao indivíduo fazer uso de ferramentas que facilitem sua interação com o mundo e, em se tratando de linguagem, transforma o uso de recursos semióticos complexos que permitem a construção de significado conjuntamente. Pactuando desse pressuposto, Luria (1973, p. 31, tradução nossa) destaca que:

É este princípio de construção de sistemas funcionais do cérebro humano que Vygotski chamou de princípio de "organização extracortical de funções complexas", implicando, com esse termo um tanto incomum, que todos os tipos de atividades conscientes humanas são sempre formados com apoio de ferramentas auxiliares ou ajudas externas¹².

A partir dessas constatações dos autores de que o cérebro humano é naturalmente predisposto à colaboração a fim de cumprir as tarefas que lhe são demandadas, Hydén (2018) conclui que no caso das pessoas com algum tipo de doença neurodegenerativa, o que acontece, na verdade, é que as habilidades de uso da linguagem acabam sendo reestruturadas e reorganizadas pelo cérebro que é um órgão naturalmente predisposto a isto. As pessoas acometidas por neurodegenerências utilizam diversos recursos semióticos a fim de estabelecer significado (como gestos, toques, olhares, objetos, fotos) ou recursos dos interlocutores como uma forma de apoiar suas habilidades remanescentes. Esse apoio interacional consiste em uma atividade conjunta baseada no objetivo central de concretizar a interação mediante um compromisso firmado de colaboração.

Devido a este fator, acreditamos que no contexto das doenças neurodegenerativas, a linguagem deve ser considerada em situações naturais de uso, que possibilitem ao indivíduo estabelecer relações e conexões com o apoio interacional e colaborativo de outro indivíduo. Frente a essa concepção, nosso

¹¹ “*The human brain evolved as an organ to help the human organism engage not only with the physical world, but also with the social world – or perhaps dealing with the physical world in a social context*”.

¹² “*It is this principle of construction of functional systems of the human brain that Vygotski called the principle of ‘extra-cortical organization of complex functions’, implying by this somewhat unusual term that all types of human conscious activity are always formed with support of external auxiliary tools or aids*”.

objetivo visa a observar a interação e a construção de referentes na conversação face a face, “berço do uso da linguagem¹³”, conforme palavras de Clark (1996, p. 9, tradução nossa).

Para o autor, o uso da linguagem é uma atividade desempenhada conjuntamente (CLARK, 1996) e, por isso, a colaboração entre os indivíduos é o que resulta em uma atividade linguageira eficaz ou não. O cerne do argumento do autor consiste em considerar que utilizar a linguagem é participar de uma ação conjunta, que exige a coordenação de ações individuais. Clark exemplifica muito bem essa atividade ao compará-la com a ação de tocar Mozart ao piano. Ao tocar o instrumento sozinho, a ação depende unicamente de processos cognitivos próprios, que estão sob seu controle e suas decisões. Se a ação for adequada, o resultado será uma melodia de Mozart bem tocada. No entanto, ao tocar essa melodia em dueto, as ações não estão centradas em um único sujeito, mas em ambos. É preciso coordenar as ações, a fim de que a melodia seja bem tocada e isso somente ocorrerá se for produto de uma ação conjunta, na qual a ação de um indivíduo completa a ação do outro colaborativamente. Essa metáfora pode ser utilizada para explicar que o uso da linguagem agrega tanto processos individuais, quanto sociais, combinando-se harmonicamente.

Segundo Clark (1996, p. 24, tradução nossa¹⁴):

Embora o estudo do uso da linguagem devesse assemelhar-se ao estudo de qualquer outra atividade conjunta, isso não acontece. Os cientistas cognitivos têm se inclinado a estudar falantes e ouvintes como indivíduos. Suas teorias são tipicamente sobre os pensamentos e ações de falantes isolados ou de ouvintes isolados. Os cientistas sociais, por sua vez, tendem a estudar o uso da linguagem primordialmente como uma ação conjunta. O seu enfoque tem sido sobre o conjunto de pessoas usando a linguagem, negligenciando os pensamentos e as ações dos indivíduos. Se o uso da linguagem é verdadeiramente uma espécie de ação conjunta, ele não pode ser entendido sob nenhuma das duas perspectivas isoladamente. O estudo da linguagem deve ser tanto uma ciência cognitiva, quanto social.

Considerando as palavras do autor, nas interações dentro do contexto patológico abordado, o papel da colaboração é acentuado, pois resulta em uma maior

¹³ “*Face-to-face conversation is the cradle of language use.*”

¹⁴ “*Although the study of language use ought to resemble the study of any other joint activity, it doesn't. cognitive scientists have tended to study speakers and listeners as individuals. Their theories are typically about the thoughts and actions of lone speakers or lone listeners. Social scientists, on the other hand, have tended to study language use primarily as a joint activity. Their focus has been on the ensemble of people using language to the neglect of the thoughts and actions of the individuals. If language use truly is a species of joint activity, it cannot be understood from either perspective alone. The study of language must be both a cognitive and a social science.*”

ou menor participação da pessoa acometida na interação, que irá ocupar uma posição central ou periférica. De acordo com os modelos tratados anteriormente, em uma perspectiva biomédica, a colaboração não tem espaço a ser considerada pois o indivíduo é submetido a testes que resultam em uma aptidão ou inaptidão a determinado nível da linguagem (semântico, fonológico, sintático, pragmático). Já no modelo biossocial, no qual situamos a presente pesquisa, a colaboração é o lugar onde as ações cognitivas, culturais e sociais entre os indivíduos se estabelecem e onde a pessoa com ACP pode operar diferentes estratégias com o apoio do interlocutor a fim de cumprir o seu papel interacional.

Hydén (2018) utiliza o termo *andaimento*¹⁵ para explicar o papel interacional do interlocutor com uma pessoa acometida por este tipo de patologia. Andaimento, termo mais comumente utilizado em um quadro relacionado à aprendizagem, no presente contexto consiste na atitude do interlocutor sem a patologia que oferecerá o apoio interacional necessário a facilitar a interação, estabelecendo significados conjuntos.

A fim de exemplificar o papel da colaboração na interação e a presença do andaimento apresenta-se o Excerto 1, no qual a participante Joana narra a Fábio sobre a visita que recebeu do filho e sua família. Nessa interação participam sua cuidadora Elisa, seu filho, sua nora e as netas.

Excerto 1 – “Como é que a gente diz?”

1	Joana	aí eles combinaram isso que fosse... eles chegavam e
2		realmente eles ã eles tinham vindo pra fazer o exame de
3		tarde né? então iam almoçar a:qui aí a Elisa ã... quase
4		esperando que elas fossem que eles fossem...aí a gente
5		pode fazer vir aqui "espera Elisa" eu disse "espera aí"
6		então eles chegaram aqui e já disseram pra Elisa "tu não
7		vai comprar nada não vai fazer comida... nós vamos ali no
8		restaurante e vamos almoçar ali"... né? foi ótimo aí era
9		então... ele o casal nós todos almoçávamos ali no
10		restaurante... restaurante bom... assim... e: ã: de
11		comer coisas assim que tu pode fazer ã: escolhas é:...
12		como é que é não é a <i>la carte</i> é...
13	Fábio	onde todo mundo se serve?
14	Joana	isso como é que se diz?
15	Fábio	<i>buffet</i>

¹⁵ Andaimento (*scaffolding*) é um termo cunhado por Wood, Bruner e Ross (1976) ao explicar o processo através do qual uma criança ou aprendiz que ainda não é capaz de agir independentemente pode superar suas dificuldades por meio do suporte interacional de alguém mais experiente, no caso o professor.

No Excerto 1, Joana inicia contando como foi a chegada deles a sua casa, a intenção da cuidadora de preparar o almoço e a orientação dela para que esperasse para decidir onde almoçariam. Na linha 6-8, Joana reporta a fala do casal dizendo que almoçariam em um restaurante. Podemos notar ao longo da fala de Joana a presença de pausas e alongamentos vocálicos. Na linha 10, a participante começa a descrever o restaurante e diante da dificuldade de acesso lexical, Joana negocia com o interlocutor o significado, coconstruindo o referente. Nas linhas 10 a 12, a participante explica que tipo de restaurante era aquele (de comer coisas assim que tu pode fazer ã: escolhas é:... como é que não é a la carte é...). O referente é construído a partir da interpretação do contexto da interação, ancorado em *frames* (enquadres), cenários ou esquemas organizados em nosso conhecimento de mundo dos interlocutores (MARCUSCHI, 2006).

Nesse momento, Joana, então, conta com a atitude colaborativa do interlocutor, além de seus conhecimentos (HYDÉN, 2018), explicitando o significado daquilo que almeja dizer. Atento à interação, Fábio faz a pergunta que especifica o tipo de restaurante (onde todo mundo se serve?). Prontamente, Joana concorda e solicita ajuda como é que se diz. Após a confirmação do tipo de restaurante feita por Joana na linha 14, Fábio enuncia o referente *buffet* (linha 15), que foi negociado entre ambos na interação.

Esse breve excerto demonstra o papel da colaboração nas interações com uma pessoa com ACP e a atitude de Fábio ilustra o andamento necessário para que as dificuldades encontradas pelo indivíduo com ACP possam ser contornadas utilizando recursos do interlocutor. Nesse excerto, ambos mantêm uma atitude colaborativa, negociam significados e constroem o referente no *aqui e agora* interacional, utilizando o conhecimento compartilhado de mundo. Joana diante da dificuldade de acessar o referente desejado, utiliza-se dos conhecimentos do interlocutor para que a interação seja bem-sucedida.

Como visto nessa exemplificação, a linguagem mobiliza nos falantes o uso de conhecimento de três origens (CLARK, 1992): da comunidade na qual o indivíduo está inserido, os conhecimentos compartilhados e os laços comuns e experiências compartilhadas entre a comunidade. Desta forma, fica evidente que tal conhecimento descrito por Clark e compartilhado entre os interlocutores é o que garante a ativação do *frame* que leva à coconstrução do referente entre Joana e Fábio. Essa negociação,

a ação conjunta e colaborativa de estabelecer referentes na interação vem justamente ao encontro da noção de referenciação, considerada a atividade cognitiva e discursiva que:

mobiliza um conjunto de estratégias de ordem sociocognitiva e opera sobre o material linguístico, procedendo a escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido. (KOCH, 2008, p. 203).

Joana, durante esta interação, mobiliza essas estratégias ordem sociocognitiva a fim de superar de superar suas dificuldades e coconstruir o significado, o que possivelmente não seria passível de ser observado por meio de testes ou fora do contexto interacional. Além disso, a atitude colaborativa, ou melhor, o andamento do interlocutor na interação é fundamental para que a pessoa com ACP mobilize tais estratégias sociocognitivas e que elas sejam eficazes.

Dessa forma, nosso intuito no presente trabalho é investigar o trabalho de construção conjunta de significados que ocorrem nas atividades linguístico-discursivas com a participante dentro deste contexto patológico, focalizando nossa análise nas narrativas que emergem na atividade interacional, pois, conforme assevera Hydén (2011, p. 339, tradução nossa), “contar histórias sobre experiências pessoais compartilhadas implica que os narradores devem *colaborar*¹⁶ tanto na narração atual, quanto nos eventos compartilhados, experiências e avaliações desses eventos¹⁷”.

Consideramos as narrativas que emergem interacionalmente como um local profícuo a fim de ser verificada a coconstrução de significados, a alternância de papéis e a colaboração, revelando a atividade da referenciação, visto que são articulados diferentes aspectos sociocognitivos no propósito de construir sentidos e cooperar com seu interlocutor, favorecendo a produção textual e interativa de narrar e estabelecendo conexão com a atividade discursiva no qual estão inseridos os participantes.

Desse modo, no capítulo que segue, abordaremos a narrativa concebida em uma perspectiva interacional, moldada de acordo com os fins da atividade discursiva e na qual o papel da colaboração favorece a coconstrução de sentidos interacionalmente.

¹⁶ Grifo do autor.

¹⁷ “*Telling stories about shared personal experiences implies that the tellers must collaborate both in the actual telling as well as in the shared events, experiences, and evaluations of those events*”.

3 A NARRATIVA EM UMA PERSPECTIVA INTERACIONAL

Contar histórias consiste em uma das atividades inerentes à existência humana que permeia o nosso imaginário desde a infância. Por meio das histórias, as pessoas se aproximam, se comunicam, constroem e exibem suas identidades, defendem ou acusam, denunciam, transmitem conhecimentos, reforçam argumentos, divertem, ensinam lições de vida, garantem que tradições sejam passadas de uma geração à outra. Tal atividade, no entanto, pode ser entendida como mais do que mera atividade cotidiana ou individual, mas basicamente reflete quem somos, como uma ação intimamente ligada ao outro e ao meio. Então, o que o ato de contar histórias revela em nossa vida social? Para Mishler (1999), por meio das histórias as pessoas constroem e expressam sentidos. Já Bastos (2005) destaca que contar uma história estabelece nossa relação com os outros, sendo que por meio delas revelamos nossas crenças, valores e construímos nossas identidades.

As concepções desses autores demonstram o caráter interacional das narrativas, no qual os indivíduos constroem sentidos sobre si mesmos ou sobre os outros e é exatamente essa perspectiva que está sendo adotada no presente trabalho. Consideramos que contar histórias é uma ação essencialmente interativa, na qual assumimos uma atitude colaborativa na construção de sentidos, compartilhando saberes, crenças e valores. Ao contarmos uma história, não apenas comunicamos, mas exercemos uma ação conjunta social com os sujeitos com os quais estabelecemos relações.

Diante da importância social que as narrativas exercem, da ubiquidade do fenômeno narrativo em nossas vidas e do significado que traz consigo, cresce o interesse de várias áreas que nele encontram uma possibilidade de estudo, atraindo não apenas a Linguística, mas diferentes áreas que veem nessa atividade um objeto frutífero de pesquisa em diferentes contextos sociais, considerando suas variadas funções. Nesse sentido, Flannery (2011, p. 118) destaca que:

Pensar nas formas e na presença da narrativa na experiência humana é desencadear a enumeração de uma longa lista que inclui desde as formas consideradas mais triviais, tais como a conversa desinteressada sobre terceiros, à maneira como relatamos sonhos, experiências, como argumentamos, reclamamos, ensinamos, exemplificamos, entretemos, recapitulamos episódios trágicos, ou indignantes, provocando uma correspondentemente variada sorte de reações.

Considerando a amplitude de funções que as narrativas exercem e as mais variadas formas nas quais podem ser analisadas, passaremos a abordar alguns estudos que tratam dessa atividade enquanto prática social.

Pesquisadores de diferentes áreas encontram na atividade de contar histórias uma possibilidade de investigação das experiências humanas, estabelecendo conexões entre o *eu* e o mundo. Dentre essas áreas que se interessam pelo significado da atividade narrativa, podemos destacar a Sociologia, a Psicologia, a História e a Antropologia. Atualmente, as áreas ligadas à Medicina, como a Geriatria, a Neurologia ou a Enfermagem, têm se interessado pela humanização das relações médico-paciente e com isso encontram nas narrativas bases sólidas de análise.

Nesse contexto de narrativas em consultas médicas, Oliveira e Bastos (2011) ressaltam que, normalmente, as narrativas refletem aspectos fortes da patologia como a dor, o processo de adoecimento e a morte fazendo com que tais histórias contribuam para a compreensão de como essas pessoas dão significado a essas experiências nas suas vidas. As autoras discutem em seu estudo como a participante acometida por afasia demonstra em sua narrativa em um grupo focal a situação (acidente vascular cerebral) que provocou o surgimento de sua doença.

Por seu turno, Hydén e Örvulv (2008) demonstram que pessoas com DA, apesar de terem recursos cognitivos e linguísticos reduzidos, fazem tentativas de utilizar os recursos remanescentes ao contar histórias, na busca de apresentar uma imagem positiva de si mesmo. Além disso, conforme os autores, contar e recontar histórias é uma forma importante de demonstrar o *self* e a identidade. Parte desses estudos tratam da coconstrução de sentidos estabelecida no interior das narrativas entre pessoas acometidas pela patologia e pessoas não-acometidas.

Outro estudo de grande relevância social que analisa a narrativa como forma de construção ou ressignificação de experiências e situações marcadas pela dor foi realizado por Sell e Ostermann (2015). Em seu estudo, as autoras analisam narrativas que absorvem um teor de dor frente à experiência de violência que é ressignificada na interação, considerando interações entre um Conselheiro Tutelar e crianças que foram abusadas sexualmente. Segundo as autoras, “a construção da narrativa é um momento privilegiado para a criança ou o/a adolescente organizar e significar a experiência do abuso sexual *com*¹⁸ o/a interlocutor” (SELL; OSTERMANN, 2015, p.

¹⁸ Grifo das autoras.

324). Além disso, as narrativas servem como um instrumento fundamental a ser utilizado pelo profissional a fim de garantir a proteção à vítima e a punição ao abusador, evidenciando a relevância social das narrativas nesse contexto.

Tais estudos ressaltam que as narrativas desempenham a função social de ressignificar experiências marcantes pelas quais as pessoas passam, muitas vezes reconstruindo uma identidade de si própria. Por este motivo, as narrativas passam a ser objeto de estudo de várias áreas, o que não exclui o fato de continuar pertencendo ao campo nato da Linguística que estuda a ação de contar histórias mediante diferentes perspectivas. Sobre essa ação, Flannery (2011) distingue um duplo contexto para a observação de fenômenos linguísticos: o primeiro em relação ao universo narrativo em si próprio (os eventos, os personagens) e o segundo relativo à interação na qual a narrativa é originada e dentro do qual negociamos sentidos e legitimamos nossas histórias.

Sobre esse segundo espaço no qual a narrativa emerge, na perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica, do *aqui e agora* interacional, “a ação de narrar uma história é compreendida como uma coconstrução, ou seja, um esforço compartilhado entre os/as interlocutores para viabilizar a ação em curso”. (SELL; OSTERMANN, 2015, p. 315).

No presente trabalho, analisaremos as narrativas provenientes de situações de uso da linguagem, ou seja, interações cotidianas durante as quais analisaremos esse duplo contexto: as narrativas enquanto texto oral que emerge no discurso e os sentidos negociados nessas narrativas. Inicialmente, na primeira seção, discutiremos a perspectiva de narrativa interacional impulsionada por teóricos como Gumperz (1992), Goffman (1956), Sacks (1984) e Goodwin (2015). A seguir, na segunda seção, apresentaremos a abordagem de Ochs e Capps (2001) que fundamenta as nossas análises ao tratarmos de narrativas. Finalizando, na última seção, apresentaremos o papel das narrativas que ocorrem em contextos patológicos neurodegenerativos e reafirmaremos a importância da colaboração nessa atividade.

3.1 As narrativas coconstruídas: diferentes enfoques

Mediante uma abordagem interacionista da linguagem, a Sociolinguística Interacional, campo de estudos fortemente influenciado pelo trabalho do antropólogo John Gumperz e do sociólogo Erwin Goffman, impulsiona vários estudos sobre o

tema, introduzindo na narrativa além do seu caráter interacional mediado pelos interlocutores e pelo contexto, a análise de outros recursos semióticos que a compõem (FLANNERY, 2015). Gumperz (1992), por exemplo, trouxe a contribuição de que fatores extralinguísticos podem influenciar na compreensão da interação como entonação ou ritmo, que o autor denomina como “pistas de contextualização”. Segundo o autor, as pistas que utilizamos podem ser de ordem linguística (como o código ou o dialeto), paralinguísticas (como pausas e hesitações) ou prosódicas (como entonação e tom). Já Goffman (1956) atribui ao contexto interacional a caracterização do evento comunicativo, ou seja, é na interação que a linguagem será definida pelo falante. Além disso, o teórico desenvolve a noção de “face” (um juízo moral de valor social que tentamos preservar em nós mesmos e nos outros) e do “eu” (como nos reconhecemos no âmbito do meio social em que vivemos) como um produto da interação com o meio. Diante dessa perspectiva, a narrativa começa a ser analisada mediante o contexto no qual ocorre.

Além da Sociolinguística Interacional, na década 60, Harvey Sacks une-se a Emanuel Schegloff e a Harold Garfinkel, que realizavam estudos de natureza etnometodológica. Sacks passou a ser reconhecido como fundador da Análise da Conversa Etnometodológica (*Conversation Analysis*), abordagem que examina a fala-em-interação, utilizando dados naturalísticos (não em situação de entrevista) que ocorrem em situações cotidianas ou institucionais e são gravados para posterior transcrição e análise do pesquisador.

Ao observar esses dados genuinamente naturalísticos, os estudiosos observaram “que a conversa não é uma ação tão caótica quanto parece e que as pessoas se organizam socialmente através da fala”. (SILVA et al., 2009, p. 3). Dessa forma, o princípio da “sequencialidade” serviria como um norteador das ações desempenhadas pelos sujeitos nas interações, pois um indivíduo retribui um ato de fala, levando em consideração o que o outro disse anteriormente. Trata-se de um movimento alternado no qual um interlocutor expressa ao outro a sua compreensão, as falas se desenrolam progressivamente e os papéis de falante e de ouvinte se revezam.

Sacks (1984) considera a ação de contar histórias (sobre nós mesmos ou sobre os outros) como o modo mais natural de organizarmos nossa experiência, além de ser uma das práticas cotidianas mais essenciais pelas quais nos enquadrados como um “ser normal ou comum”. Além disso, de acordo com Garcez (2001), as pessoas

observam no seu cotidiano o que é narrável ou não e, para que a atividade narrativa seja realizada, é necessário requerer a suspensão temporária da troca de turnos e garantir a atenção dos interlocutores, ao mesmo tempo em que mantém o piso conversacional. Trata-se de um espaço privilegiado negociado localmente.

Para Sacks (1992), como a narrativa implica em um espaço interacional maior em relação ao número de turnos necessários para se contar a história, normalmente o narrador inicia dando uma “pista” ao interlocutor que contará uma história. Para Garcez (2001), o *prefácio* seria uma estratégia de negociar o seu espaço de fala e garantir o piso conversacional. Ainda delimitando o foco de interesse da AC, Watson e Gastaldo (2015, p. 107) destacam que:

[...] A AC explora a análise prática que cada interlocutor faz do que o outro está dizendo, em termos da atividade que ela organiza metodicamente. Portanto, o que está sendo criado não é somente uma sequência de enunciados, mas uma sequência de ações.

Seguindo nessa perspectiva interacional, Goodwin (2015, p. 204, tradução nossa) conceitua narrativa como “um campo de ação construído de forma colaborativa por atores estruturalmente diferentes usando uma variedade de recursos semióticos dentro da interação face a face¹⁹.”

Mediante tais considerações, podemos perceber que, segundo esse prisma, as narrativas acontecem rotineiramente, sem a condição de obedecer a uma estrutura definida conforme proposto nos estudos de Labov e Waletzky (1967). Sob essa ótica interacional, a narrativa será considerada sob outras características diferentes daquelas concebidas pelo modelo precursor, conforme salientam De Fina e Georgakopoulou (2008, p. 381, tradução nossa):

A principal premissa da crítica da Análise da Conversa é a ideia de que a narrativa (oral) em qualquer contexto é e deve ser explicitamente vista como conversa em interação. Narrativa é uma unidade incorporada, envolvida em tarefas locais, não independente ou destacada/destacável²⁰.

O modelo laboviano é um marco inicial no campo de análise das narrativas, pois foi pioneiro em apresentar uma estrutura básica de composição e organização das narrativas.

¹⁹ “[...] A field of action built collaboratively by structurally different actors using a variety of semiotic resources within face-to-face interaction.”

²⁰ “The main premise of the CA critique is the idea that (oral) narrative in any context is and should be explicitly seen as talk-in-interaction. Narrative is embedded unit, enmeshed in local business, not free-standing or detached/detachable.”

Labov e Waletzky (1967) realizaram um estudo sociolinguístico sobre o fenômeno da variação linguística do inglês em comunidades afro-americanas. O objetivo da pesquisa era analisar como era o comportamento verbal dessa comunidade em interação entre seus pares e que implicações haveria nesse comportamento verbal em contato com outras comunidades étnicas diferentes.

Embora o interesse inicial dos pesquisadores fosse a variação linguística, os dados gerados através da pergunta “você já esteve em uma situação em que pensou que estava em grave perigo de ser morto?²¹” (LABOV; WALETZKY, 1967, p. 5), suscitaram narrativas monológicas que desencadearam um estudo sobre o que caracteriza uma narrativa e a identificação de uma estrutura básica que a compõe composta pelas seguintes partes: resumo (*abstract*), orientação (*orientation*), complicação (*complication*), avaliação (*evaluation*), resolução (*resolution*) e coda (*coda*).

A partir do modelo laboviano, novas teorias de estudos da narrativa foram surgindo e com elas críticas ao modelo canônico. Muitas dessas posições reforçam a ideia que a narrativa foi considerada uma produção discursiva essencialmente monológica, ambientada em uma situação planejada, com baixa interação entre os interlocutores. As críticas ao modelo evidenciam o desacordo a uma narrativa exclusivamente verídica, que retrata fielmente os fatos tais como aconteceram, dentro de uma estrutura engessada, conforme argumentam De Fina e Georgakopoulou (2012, p. 35, tradução nossa):

De fato, a falta de sensibilidade no modelo de Labov para papéis de participação na narrativa tem sido vista como sintomática de uma marginalização mais geral do papel do contexto situacional (isto é, imediato) na formação da estrutura de uma história²².

Assim, em oposição a essa ideia de narrativa monológica e rigidamente estruturada, a perspectiva interacional assevera que o que definirá essa estrutura será a finalidade pela qual a história está sendo contada, o contexto do qual emergiu e os participantes envolvidos, isto é, ela não pode ser destacada do contexto do qual é proveniente, pois está em dependência com o que foi dito anteriormente e com o que virá após, situada no aqui e agora interacional.

²¹ “*Were you ever in a situation where you thought you were in serious danger of getting killed?*”

²² “*In fact, the lack of sensitivity in Labov’s model to storytelling participation roles has been seen as symptomatic of a more general marginalization of the role of situational (i.e. immediate) context in shaping a story’s structure.*”

Além disso, essas narrativas podem contemplar acontecimentos rotineiros, hipotéticos, futuros, anedotas, entre outras formas não necessariamente situações passadas e verdadeiras. O que importa é que a história seja reportável, uma garantia de que receba a atenção do ouvinte e assegure o turno de fala ao narrador.

De acordo com De Fina e Georgakopoulou (2008), o cerne da abordagem sociointeracional é a coconstrução. O narrador conta a história de acordo com o *feedback* de sua audiência, ajustando sua ação de narrar conforme a “negociação” estabelecida entre eles turno a turno.

Os recursos semióticos referidos por Goodwin (2015) podem ser concordâncias, olhares, gestos, risadas, etc. A audiência, segundo o autor, pode inclusive desempenhar a função de conarradora. Trata-se de uma negociação na qual os envolvidos colaboram entre si. Na perspectiva interacional da narrativa, podemos inferir que delimitar uma estrutura deixa de ser uma preocupação. O cerne de interesse está na relação estabelecida com o *aqui e agora* da interação. Portanto, a análise de narrativas curtas (que não seguem uma estrutura rígida delimitada) passam a ser consideradas como objeto de estudo nas interações. Sob a mesma ótica de estudo das narrativas, surge a abordagem de Ochs e Capps (2001) que será tratada na próxima seção.

3.2 O modelo proposto por Ochs e Capps

Conjugando dessa perspectiva interacional do estudo, na qual as narrativas são moldadas no interior da cena interacional, incluímos o modelo proposto por Ochs e Capps (2001), que contraria uma concepção de narrativa estruturada e monológica, conforme o cânone apresentado por Labov e Waletzky (1967), priorizando as narrativas cotidianas como cenário e objeto empírico para os seus estudos. As autoras (2001) denominam esse tipo de narrativa como *Living Narrative*, que compreende as histórias construídas dentro da interação sem um roteiro estabelecido, de acordo com a ação conjunta construída entre os participantes durante as mais diversas interações cotidianas.

Ochs e Capps salientam ainda que, por se tratar de narrativas orais, diferentes atos e gêneros do discurso podem surgir e, por isso, é difícil estabelecer uma estrutura fixa que as narrativas devem apresentar. Em vez disso, as autoras argumentam que:

Ao invés de identificar um conjunto de características distintas que sempre caracterizam a narrativa, estipulamos dimensões que serão sempre *relevantes*²³ para uma narrativa, mesmo que não sejam elaboradamente manifestadas. [...] Cada dimensão narrativa estabelece uma *série* de possibilidades, que são realizadas em performances narrativas particulares. Usamos essas dimensões e seus campos de possibilidades para analisar como diferentes interlocutores moldam a narrativa e como os eventos da vida são estruturados através da forma narrativa. (OCHS; CAPPs, 2001, p. 19, tradução nossa)²⁴.

Apoiadas nessa premissa, Ochs e Capps estabelecem cinco dimensões que servirão como base para a análise das narrativas. A primeira dimensão é denominada como narração (*tellership*). Durante a narrativa, os interlocutores podem demonstrar diferentes envolvimento, dependendo da negociação estabelecida entre eles. Um narrador pode contar a história praticamente sozinho enquanto o outro participante se mantém passivo, incorporar várias vozes ou ainda duas ou mais pessoas podem conarrar um evento. As autoras distinguem envolvimento relativamente baixo (*relatively low involvement*) quando um participante toma a prioridade dos turnos contando a história enquanto os outros mantêm-se passivos, apenas utilizando continuadores para expressar atenção; e envolvimento relativamente alto (*relatively high involvement*) no qual há um narrador primário, mas também acontecem contribuições de outros participantes. Deve-se considerar que essas contribuições ativas podem realizar-se através de expressões verbais ou gestuais como olhares, expressões faciais, entre outros. Essa dimensão estabelece a narrativa como uma atividade social, na qual as pessoas se posicionam como mais ou menos narradores, ou seja, mais ocupando um papel mais ou menos ativo na narração.

A segunda dimensão é a historiabilidade (*tellability*) que é o que determina a relevância de dado evento ser ou não ser narrado. A historiabilidade implica a atenção da audiência e a garantia do piso conversacional. Certas histórias podem ser contadas e recontadas e ainda concentrarão a atenção da sua audiência, dependendo do significado que os eventos têm na vida dos interlocutores e como são moldados na narrativa. As histórias de vida, por exemplo, são altamente contáveis.

²³ Grifos das autoras.

²⁴ "Rather than identifying a set of distinctive features that always characterize narrative, we stipulate dimensions that will be always relevant to a narrative, even if not elaborately manifest. [...] Each narrative dimension establishes a range of possibilities, which are realized in particular narrative performances. We use these dimensions and their fields of possibilities to analyze how different interlocutors shape the telling of a narrative and how life events are structured through narrative form."

Já a terceira dimensão da narrativa proposta pelas autoras é o encaixe (*embeddedness*). Essa dimensão demonstra a conexão da narrativa emergente com o discurso circundante, dentro da atividade social em andamento. Normalmente, as narrativas cotidianas, que emergem nas conversas são relevantes no teor do discurso circundante e os turnos dos participantes variam em sua extensão. Essas narrativas podem servir como exemplo, como estratégia de comparação, base de um argumento, justificativa, ou para criar um foco de interesse. Esse tipo de narrativa, entrelaçado ao contexto, frequentemente é lançado com um propósito discursivo.

A quarta dimensão da narrativa é a linearidade (*linearity*) a qual determina se a narrativa se apresenta longa, refletindo sobre uma história de vida (autobiográfica) ou evidencia um curto período de tempo, como por exemplo, um encontro, uma reunião, um almoço, uma viagem, uma doença, etc. Cotidianamente, frequentemente encontramos as narrativas curtas e, em situações de entrevista, por exemplo, narrativas mais longas. A linearidade faz com que uma narrativa retrate eventos com um início, meio e fim, um desfecho definido, com progressão temporal e causal, ou apresente uma ordem não-linear, levando a caminhos incertos e variados, indeterminados.

A última dimensão apontada por Ochs e Capps é a postura moral (*moral stance*) que reflete as avaliações sobre moralidade e definem padrões de como devemos viver e nos comportar presentes em todo nosso cotidiano: nas leis que nos regem, nos ditos populares, reportagens que lemos, etc. Da mesma forma, ao contarmos uma história fazemos uma avaliação quanto à postura moral que julgamos adequada. As histórias servem para representar o que julgamos ser um comportamento moralmente adequado e, muitas vezes utilizamos os personagens da história narrada em oposição uns aos outros ou em divergências a nós mesmos a fim de demonstrar nossa postura moral.

Como podemos observar, o modelo proposto por de Ochs e Capps (2001) concebe a narrativa como um produto emergente na interação. Portanto, esse tipo de produção discursiva é delineada conforme a negociação desempenhada pelos participantes. Dessa forma, as autoras optam por trabalhar com as dimensões devido à amplitude da atividade narrativa, que pode se modificar de acordo com a situação na qual ocorre e com as intenções dos participantes, servindo a inúmeros propósitos. As dimensões são postas pelas autoras, conforme demonstrado no Quadro 3.

Quadro 3 – Dimensões da Narrativa e Possibilidades

Dimensões	Possibilidades	
Narração	Um narrador ativo	→ Múltiplos co-narradores ativos
Historiabilidade	Alta	→ Baixa
Encaixe	Isolada	→ Encaixada
Linearidade	Ordem causal e temporal finalizada	→ Ordem causal e temporal aberta
Postura moral	Determinada, constante	→ Indeterminada, fluida

Fonte: Ochs e Capps (2001, p. 20)

O Quadro 3 demonstra a ideia de *continuum* que as dimensões abarcam, considerando a flexibilidade das narrativas o que justifica a escolha das autoras por observar as narrativas desta forma. Ochs e Capps (2001) entendem a atividade narrativa como uma prática social cotidiana na qual o falante conta histórias *com* outras pessoas o que difere da postura de contar histórias *para* outras pessoas. Na concepção das autoras (2001, p. 2), "a atividade de narrar com um membro da família, amigo, vizinho, ou talvez um curandeiro serve como uma arena social prosaica para desenvolver estruturas para a compreensão de eventos²⁵". Assim, as dimensões da narrativa que compõem este modelo, privilegiam, do ponto de vista analítico, a característica de uma realização interacional construída colaborativamente. Segundo Oliveira e Bastos (2014, p. 250), "com base nessas dimensões as autoras analisam (i) como os diferentes interlocutores estruturam a narração de uma história e (ii) como eventos cotidianos são estruturados através da narrativa".

Compartilhando desse pressuposto, escolhemos esse modelo teórico para fundamentar nossas análises, reconhecendo que as dimensões se tornam um repertório mais propício de análise, abrangendo a complexidade dessa atividade e contemplando as narrativas que acontecem nas patologias neurodegenerativas que passaremos a tratar a seguir.

3.3 As narrativas nas doenças neurodegenerativas e o papel da coconstrução

As narrativas conversacionais exercem uma função social no cotidiano das pessoas e, em especial nos contextos patológicos. As narrativas produzidas por pessoas acometidas por neurodegenerências, como a ACP, tendem a ser rotuladas

²⁵ "[...] the activity of narrating with a family member, friend, neighbor, or perhaps a healer serves as a prosaic social arena for developing frameworks for understanding events".

como incompreensíveis, confusas ou fragmentadas. Em contrapartida, Hydén (2008) afirma que em decorrência dos déficits cognitivos ocasionados pela DA e também de se recordar de fatos do passado, as pessoas acometidas por esse tipo de patologia apresentam dificuldades ao contar histórias, apresentando repetições, problemas em organizar temporalmente os fatos e em encontrar palavras. No entanto, o autor chama a atenção para estudos que têm demonstrado que, frente a tais dificuldades, as pessoas fazem uso de outras estratégias linguísticas, cognitivas e semióticas a fim de contarem histórias sobre si mesmas.

Outro fato muito importante que o autor destaca é que contar tais histórias ou ouvir histórias sobre si mesmas são artifícios válidos a fim de construir uma imagem positiva de si e de resgatar o sentido de suas vidas, mas que somente serão eficazes se o interlocutor manter uma atitude colaborativa durante a fala em interação, ou seja, desde que haja um apoio interacional.

Sobre as narrativas que surgem nos contextos patológicos, Hydén (1997) traz uma classificação de três tipos de narrativas de doença: doença como narrativa (*illness as narrative*), narrativa sobre doença (*narrative about illness*) e narrativa como doença (*narrative as illness*). No primeiro tipo, narrador, doença e narrativa se conjugam em um só e a história centra-se na ocorrência da doença e em como ela afeta a vida da pessoa. No segundo tipo, tratam-se de narrativas que transmitem conhecimento sobre a doença, revelando acontecimentos ligados ao quadro. Já o terceiro tipo, são narrativas que se mostram prejudicadas em decorrência da doença.

Nesse último tipo de narrativa focalizaremos nossas análises, concebendo essas histórias como coconstruídas interacionalmente, nas quais a pessoa com ACP projeta um fim discursivo e utiliza as estratégias de referenciação como mecanismos de superação das dificuldades linguísticas, de reorganização linguístico-discursiva e de apoio interacional.

As estratégias de referenciação utilizadas na interação apontam diretamente para o papel fundamental que a colaboração desempenha. Hydén (2018) afirma que as pessoas acometidas por esse tipo de patologia podem engajar-se na atividade de contar histórias, ressaltando que apesar dos problemas em estabelecer uma conexão entre suas memórias e as narrativas, elas continuam sustentando suas identidades pelas histórias que contam e essa atividade tende a ser mais produtiva quando há o apoio interacional do interlocutor.

As narrativas de pessoas com patologias neurodegenerativas revelam a tendência de desviar-se do tópico central ou fugir de uma sequencialidade durante a história. Assim, esse apoio de uma pessoa não acometida pela doença, em uma atitude colaborativa, garante a eficácia da atividade narrativa, seja apoiando com recursos linguísticos ou com memórias de experiências comuns. Tal aspecto vem ao encontro da concepção de narrativa de Ochs e Capps (2001). As narrativas conversacionais propostas pelas autoras apresentam essa característica própria de coconstrução. Elas normalmente envolvem mais de um narrador, estão intimamente relacionadas ao aqui e agora interacional e não apresentam uma estrutura rígida, são fluidas, ou seja, variam considerando a ordem dos eventos narrados e as avaliações dos mesmos.

Diante desse caráter de cooperação entre a pessoa com a doença e a pessoa sem a doença, que promoverá o andamento necessário, as narrativas assumem a característica de ação conjunta, conforme propõe Clark, ou de coconstrução, de acordo com Ochs e Capps (2001), que as consideram como uma atividade que emerge na interação e por meio da qual as pessoas realizam a função de ressignificar ou reconstruir experiências pessoais sejam elas reais ou hipotéticas.

Sobre as histórias que surgem nas interações cotidianas, Clark (1996, p. 346, tradução nossa) afirma que:

Quando as pessoas contam histórias – piadas, anedotas pessoais, narrativas – na conversa, eles falam por longos períodos de tempo. É tentador tratar essas histórias como desempenhos autônomos. Quando eu conto uma piada a amigos, faço toda a narração e parece que estou trabalhando sozinho. Em um exame mais atento, não estou. Essas histórias são parte integrante da conversa, com a audiência participando tanto quanto narradores. São projetos conjuntos estendidos que requerem coordenação e compromisso conjunto²⁶.

Podemos dizer que a participante de nosso estudo se engaja nessa atividade de coordenação de ações e compromisso conjunto de interagir, conforme exposto por Clark (1996) e isso revela a atividade sociocognitiva envolvida nas atividades que desempenha. Durante nossa análise de dados, tomamos como ideia central que

²⁶ *“When people tell stories – jokes, personal anecdotes, narratives – in conversation, they talk for extended periods of time. It is tempting to treat these stories as autonomous performances. When I tell friends a joke, I do all the telling, and it looks as if I am working on my own. On closer examination, I am not. These stories are part and parcel of the conversation, with the audience participating as much as the narrators. They are extended joint projects that require coordination and joint commitment”.*

narrar é uma atividade sociocognitiva e colaborativa e isso se concretiza de acordo com as seguintes prerrogativas que passaremos a abordar.

Primeiramente, ao considerarmos que falar e ouvir são ações conjuntas pois que implicam uma coordenação de ações, podemos dizer que a atividade narrativa também se configura da mesma forma. Contar uma história é um dos produtos que o uso da linguagem possibilita. Durante a atividade narrativa escutamos o interlocutor, prestamos atenção, respeitamos seu turno de fala, partilhamos um contexto, observamos gestos, nos colocamos receptivos a este universo que nos é apresentado.

Outrossim, ao adentrarmos o mundo da história, o fazemos com determinada intencionalidade. Isso pressupõe que a atividade narrativa está voltada para um interlocutor, ao qual queremos influenciar com nosso ponto de vista e com o qual dividimos uma base comum (*common ground*, para Clark, 1996). Trata-se de uma estratégia de construção de sentidos conjunta na qual o indivíduo pondera não apenas suas intenções e objetivos, mas o entendimento e a opinião do outro.

Cabe ainda destacar que, ao contarmos uma história, nos colocamos paralelamente em diferentes “mundos”, o que Clark (1996) chama de “camadas de ação”, ou melhor, “palcos” construídos no discurso que se sobrepõem. A primeira camada diz respeito ao *aqui e agora*, a situação comunicativa presente. A segunda camada construída, seria um palco temporário, erguido momentaneamente durante a interação a fim de representar uma outra situação. Tais camadas revelam a capacidade cognitiva do sujeito de organizar linguisticamente diferentes realidades, de ir ao fictício e retornar ao real ou de viajar ao passado e/ou futuro e retornar ao presente, ou seja, separar fatos e ao mesmo tempo uni-los, em favor do discurso.

Logo, a ação de narrar pressupõe atuar sob diferentes níveis linguísticos, cognitivos (conhecimento enciclopédico, conhecimento de mundo, cultural, etc.) e contextuais. Articulamos diferentes níveis, de acordo com a situação e com nosso interlocutor. Por exemplo, narrar um acidente no trânsito para um adulto e para uma criança de cinco anos envolve operar sob esses diferentes níveis.

Por fim, defendemos que as narrativas que emergem na interação admitem a coconstrução, a colaboração e a conarração. O interlocutor é parte essencial dessa atividade e para que o objetivo seja alcançado, o narrador pode fazer uso de diferentes recursos semióticos como gestos, olhares, entonação.

No presente trabalho, tomamos como narrativa a atividade discursiva na qual há a ordenação sequencial de dois ou mais eventos (OLIVEIRA, 2014). Dado nosso objeto de estudo ser obtido a partir do aqui-e-agora interacional, trataremos a narrativa como uma ação que emerge no discurso circundante, que complementa demais atividades enunciativas e que envolve a fusão de conhecimentos de diferentes ordens e a atitude colaborativa própria da linguagem.

Todas as ponderações aqui realizadas nos levam à visão sociocognitiva implicada na atividade narrativa e na construção de referentes em colaboração com o interlocutor. Consideramos que em meio a diferentes atividades discursivas como relatar, descrever, contextualizar, argumentar, entre outras, a ação de narrar entra complementando o que a participante objetiva dizer, ressignificando uma parte da realidade e negociando sentidos interacionalmente, de acordo com as intenções, ponto de vista, conhecimentos de mundo e cultura dos participantes.

Dessa forma, no próximo capítulo, nos deteremos à concepção de referenciação, enquanto fenômeno textual e interativo no qual a fusão entre interação, sociocognição e colaboração podem ser observados durante a interação com a participante deste estudo nas narrativas que conta.

4 A ATIVIDADE SOCIOCOGNITIVA DA REFERENCIAÇÃO

Qual é a relação que se estabelece entre as palavras e o mundo? Como utilizamos a linguagem para referir à realidade do mundo? Essas questões já suscitaram diferentes explicações nos diferentes campos teóricos de estudo como a Filosofia da Linguagem e a Linguística. Os estudos semântico-discursivos sobre a referência seguem duas tendências. A primeira, de cunho cognitivista, parte do pressuposto de que há uma relação preexistente ao referenciar as palavras às coisas, um conceito pré-definido, concebendo a linguagem como uma categorização da experiência. As ciências cognitivistas estabelecem uma concepção de língua que consiste em um modelo que estabelece uma relação direta entre as palavras e os objetos e, desta forma, as performances discursivas são medidas de acordo com seu grau de correspondência com o mundo (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 18).

Nessa perspectiva, as palavras se agrupariam em condições necessárias e suficientes, que determinam sua categoria, servindo para espelhar uma relação entre as coisas do mundo e a língua. Verificando-se, então, que essa abordagem teórica não conseguia explicar o fenômeno da significação dos itens lexicais – pois alguns membros parecem ser melhores exemplares de uma mesma categoria do que outros, não apresentando os limites entre as categorias de forma bem definida, Rosch (1975 apud RIEMER, 2010) propõe a teoria dos protótipos. Essa nova abordagem, estabelece uma gradação interna dos membros de determinada categoria, sendo que cada membro compartilharia mais ou menos características comuns entre eles. Assim, as categorias não dependeriam de condições necessárias e suficientes entre seus membros, mas de traços compartilhados e, assim, alguns membros seriam melhores exemplares de uma categoria do que outros por compartilharem mais atributos. Os elementos centrais da categoria seriam os protótipos, sendo que há membros que se aproximam mais deles e outros se distanciam.

A categorização por protótipos surge a partir da influência da teoria dos jogos de linguagem de Wittgenstein (1953). O filósofo compara a categoria *jogos* com os *membros de uma família*. Os membros que compõem uma família compartilham semelhanças entre si, no entanto, não são totalmente iguais. Alguns se parecem na altura, outros na cor dos olhos, ou seja, têm alguns atributos que compartilham e outros não. O mesmo acontece com a categoria *jogos*. Alguns compartilham mais atributos como tênis, voleibol e futebol, embora outros como paciência e amarelinha,

apesar de também pertencerem à mesma categoria, compartilham um menor número de semelhanças. Inspirada por este modelo de atributos compartilhados (ROSCH, 1975 apud RIEMER, 2010), testa o grau de prototipicidade de categorias como frutas, aves, veículos e vestuário.

Não menos que a teoria da categorização clássica, a teoria dos protótipos, proposta por Rosch (op. cit.), também recebeu críticas. O fato de que os atributos algumas vezes são difíceis de serem reconhecidos, variarem de acordo com o contexto e que as categorias apresentam limites difusos são algumas delas, mas não somente isso. Sobre os testes realizados pela autora, Riemer (2010, p. 237, tradução nossa) salienta que:

[...] A teoria do protótipo pode ser bem fundamentada como uma teoria da categorização, não devemos assumir que seus resultados podem ser transferidos imediatamente para a explicação do uso da linguagem, uma vez que as opções de nomeação que as pessoas exercitam no discurso real podem ser afetadas por muitos outros fatores que a prototipicidade do referente²⁷.

Apesar da teoria de Rosch (1975 apud RIEMER, 2010) revelar como as categorias se organizam, chamando a atenção ao protótipo como o modelo mais representativo da mesma, esse modelo de explicação não contempla as possibilidades possíveis que os falantes podem operar ao estabelecer significados na interação. O ato de referenciar objetos no discurso real depende de muitos outros fatores que vão além de simplesmente identificar atributos ou elementos prototípicos, ou seja, uma atividade mecânica. Considerar uma forma de referir objetos desprezando que os falantes operam nesta atividade operações cognitivas mais complexas, visto que cada indivíduo “entende” a realidade de formas diferentes, de acordo com suas experiências pessoais, com sua época e sua cultura, é negligenciar a atitude reflexiva e subjetiva dos sujeitos que operam sobre a língua. Nessa perspectiva, Marcuschi (2004, p. 263) afirma que “o problema da significação não é resolver se às palavras corresponde algo no mundo externo e sim o que fazemos do ponto de vista semântico quando usamos as palavras para dizer algo”. Assim, considerando as situações de uso, uma segunda vertente de estudo se dedica à questão de significar referentes no mundo, principalmente teorias interacionistas do

²⁷ “Thus, while prototype theory may be well-founded as a theory of categorization, we should not assume that its results can be transferred immediately to the explanation of language use, since the naming options which people exercise in actual discourse may be affected by many other factors than the prototypicality of the referent”.

discurso, a partir das dimensões semântica, pragmática e interacional e das situações de uso da linguagem.

É possível considerar que o cognitivismo concebia uma conexão língua-mundo direta e pré-determinada realizada pela relação entre as palavras e os objetos, considerando principalmente os aspectos inatos, internos, individuais e universais do processamento mental, estabelecendo modelos baseados em "mapeamentos", considerando o mundo discretizado no qual objetos ou "entidades" existiriam independentemente de um sujeito que a ele estabeleça uma referência (KOCH, 2004; MONDADA; DUBOIS, 2003). O ambiente serviria como uma representação de como o indivíduo resolve situações ou problemas com base no conhecimento estruturado em sua mente.

Sob um outro ângulo de análise, a concepção sociocognitivista desvia o foco de interesse da referência pronta, como um espelho do mundo e que os objetos do mundo mudam de acordo com as percepções dos falantes, construindo-se interacionalmente ao negociar sentidos colaborativamente. Sobre essa atividade cognitiva-social, Marcuschi e Koch (2006, p. 381) afirmam que "nosso cérebro não é uma polaroide semântica". A metáfora utilizada pelos autores reforça que a realidade não é concebida para todas as pessoas da mesma forma. A língua não deve ser entendida como um retrato da realidade, mas uma construção social e histórica, e assim sendo, a relação linguagem-mundo não seria fixa ou dada *a priori*, mas sim uma atividade cognitiva-interacional desempenhada pelos sujeitos. Rejeitando a ideia de um mundo objetivo, Mondada e Dubois (2003, p. 273) consideram que:

As práticas linguísticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo.

As autoras argumentam que as práticas linguísticas são realizadas por sujeitos genuinamente interacionais. Se a realidade não está pronta, os indivíduos também não estão, visto que, por meio das experiências com o mundo e com outros sujeitos, com ideias, culturas, crenças e vivências diferentes, esse sujeito se reconstrói, modificando suas concepções e ressignificando a realidade. Assim sendo, as práticas linguísticas são tarefas acima de tudo criativas, desempenhadas por sujeitos com capacidade suficiente de agir sobre elas, reelaborando significados.

A abordagem sociocognitivista considera que os processos cognitivos se constituem na interação social, ou seja, nas ações coordenadas entre um *eu* e o *outro*. A linguagem, por sua vez, seria o elemento que liga o mundo e a mente, construindo significados que emergem na atividade discursiva (MIRA, 2015). Nessa lógica:

A produção de linguagem constitui atividade cognitivo-interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes, como também, sobretudo, a sua reconstrução no momento da interação verbal (KOCH, 2008, p. 202).

Cabe aqui destacar pontos centrais a que Koch se refere:

- a) a linguagem é uma atividade cognitivo/interativa, ou seja, esses três elementos (a linguagem, a cognição e a interação) são indissociáveis;
- b) a complexidade da produção de sentidos se dá pela articulação de diferentes saberes que se estabilizam durante a interação e possibilita aos sujeitos, com bagagens culturais e experiências diferentes, cumprirem o papel da negociação de sentidos que não estão prontos e realizarem a atividade comunicativa com eficácia.

Mondada e Dubois (2003) concebem sua teoria a partir da proposição de que “os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas, social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo”. Nessa concepção, as categorias não são pré-determinadas, mas construídas pelos sujeitos de acordo com o contexto em que vivem, suas experiências, ligadas diretamente à cultura. Para as autoras:

Esta abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito ‘encarnado’, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso. Isto significa que, no lugar de fundamentar implicitamente uma semântica linguística sobre as entidades cognitivas abstratas, ou sobre os objetos a priori do mundo, nós nos propomos reintroduzir explicitamente uma pluralidade de atores situados que discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, constituindo individualmente e socialmente as entidades. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

Dessa forma, tirando o foco da referência por si mesma, assume-se uma concepção de referenciação. Mais do que apenas uma troca de nomenclaturas, *referenciação* enfatiza o aspecto dinâmico da atividade na qual os falantes coparticipam construindo sentidos interacionalmente, em vez da clássica noção de

referência, como algo pronto, ligando as palavras e o mundo. Os teóricos que impulsionam essa linha de estudos são Alain Berrendoner, Denis Apothéloz, Reichler-Béguelin, Danièle Dubois e Lorenza Mondada. No Brasil, a Linguística Textual se dedica a abordar essa questão, destacando-se os linguistas Luiz Antônio Marcuschi e Ingedore Villaça Koch como os principais pesquisadores que difundiram a noção de referenciação no campo de estudos do texto e da interação. Conforme assevera Mondada (2001),

Não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas as relações intersubjetiva e social no seio do qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores. (MONDADA, 2001 apud KOCH, 2004, p. 61).

A referenciação é, pois, a ação de ressignificar a realidade no âmbito discursivo e assim sendo, os *objetos de discurso* se constituem durante a enunciação consolidando significados de acordo com o contexto ao qual se fixam, não estando fixos a categorias pré-determinadas. O termo “objeto de discurso” evidencia a natureza de construção de significados no âmbito da enunciação e não a etiquetagem de nomenclaturas. De acordo com Koch (2004), os objetos de discurso não podem ser confundidos com *objetos do mundo* ou com a realidade extralinguística, pois se constroem, se modificam e se reformulam no curso da interação. Ainda segundo Koch (2002), os referentes se reconstroem no desenrolar da interação e, por isso, os objetos de discurso são dinâmicos após fixarem presença na memória discursiva, podem ser modificados, reconstruídos ou recategorizados.

Desta forma, os objetos do discurso são marcados por uma “instabilidade constitutiva”, pois são negociados durante a interação pelos sujeitos. As categorias mudam sincrônica e diacronicamente, são múltiplas e inconstantes, “dependendo muito mais da pragmática de enunciação que da semântica de objetos.” (KOCH, 2004, p. 55). Para Mondada e Dubois (2003), durante o discurso inclusive objetos considerados de categorias “estáveis”, podem ser decategorizados dependendo do ponto de vista do falante. De acordo com essa ideia, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 228) afirmam que:

Argumentaremos [...] em favor de uma concepção construtivista da referência [...]; assumiremos plenamente o postulado segundo o qual os chamados “objetos de discurso” não preexistem “naturalmente” à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos – fundamentalmente culturais – desta atividade.

Tal noção apresentada pelos teóricos demonstra a multiplicidade possível de significados que os objetos de discurso podem ter estabelecidos em uma dada situação de interação, de acordo com as representações cognitivas e psicológicas dos sujeitos, ancoradas no contexto compartilhado, bem como nas suas experiências individuais. Assim, a referenciação seria uma atividade intersubjetiva de criar referentes, o que mais do que uma atividade meramente linguística, é uma atividade dinâmica envolvendo a linguagem e a cognição influenciadas pelo social, na qual os indivíduos coparticipam, construindo objetos cognitivos e discursivos.

A propriedade dinâmica inerente aos objetos de discurso e a sua capacidade de (re)construção pelos falantes durante a interação faz que perguntemos “muito mais pelos processos de construção de sentido na interlocução e muito menos pelos sentidos eventualmente construídos nessa interlocução” (MARCUSCHI, 2001, p. 41). Por conseguinte, abordaremos, na seção seguinte, os “processos fóricos do texto”, conforme palavras de Koch e Marcuschi (1998), apresentando as estratégias mediante as quais os sujeitos procedem à atividade de construir os objetos de discurso na interação, além de organizar o próprio discurso.

4.1 Algumas estratégias de referenciação

Ao negociarmos sentidos durante o processo textual-interativo da *referenciação*, os objetos de discurso vão sendo construídos na memória textual pelos falantes e preenchem um nódulo ou endereço cognitivo que passa a ser acessado, retomado, desfocado, reativado ou recategorizado durante a progressão textual, conforme propõe Koch (2008). Essa dinamicidade dos objetos de discurso possibilita aos enunciadores uma gama de estratégias referenciais que agem designando os referentes na interação e estabilizando-os no plano textual.

As estratégias referenciais atuam como um mecanismo que viabiliza a introdução, a condução, a retomada ou a identificação dos objetos de discurso no desenrolar da interação, podendo, inclusive, agregar a esses referentes, novas características ou categorizações, modificando-os conforme o ponto de vista dos enunciadores. Segundo Koch (2002, p. 31), “o discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada”, ou seja, uma memória discursiva estabelecida interacionalmente pelos interlocutores. Composto essa memória discursiva, Reichler-Béguelin (1988) afirma estarem presentes tanto conhecimentos

construídos linguisticamente no próprio texto, como conhecimentos inferenciais, resultantes de conhecimentos lexicais, enciclopédicos e culturais. Assim,

Uma vez produzido, o conteúdo implícito é aparentemente integrado automaticamente na memória discursiva com o conteúdo validado linguisticamente, e é provável que ele seja anaforizado sob condições que ainda precisam ser especificadas²⁸. (REICHLER-BÉGUELIN, 1988, p. 18, tradução nossa).

Nessa fusão de conhecimentos que constroem a memória discursiva, Koch (2002) afirma estarem envolvidas tais estratégias de referenciação:

- a) **construção/ativação**: estratégia por meio da qual um objeto do discurso ainda não mencionado é introduzido, preenchendo um nódulo cognitivo e passando a ocupar um lugar na memória discursiva;
- b) **reconstrução/ativação**: um objeto que já fora estabelecido na memória discursiva é reintroduzido na memória operacional, continuando em foco;
- c) **desfocalização/desativação**: através da qual um novo objeto é introduzido, ocupando momentaneamente a posição central, permanecendo o anterior em um estado de ativação parcial ou *stand by*, podendo ser reativado a qualquer momento, pois está disponível na memória discursiva dos interlocutores.

A ativação de referentes no texto, conforme proposto por Prince (1981), pode se dar de forma *ancorada* ou *não-ancorada*. Quando um objeto de discurso novo é apresentado, dizemos tratar-se de uma introdução não-ancorada, pois constituirá um nódulo cognitivo novo na memória discursiva. Segundo Lima (2008, p. 148), “se a construção vier representada por uma expressão nominal, esta vai operar uma categorização do referente”. No entanto, a ativação será ancorada, sempre que um novo objeto de discurso for introduzido, podendo-se relacioná-lo a elementos do cotexto ou do contexto sociocognitivo, por meio de associação ou inferenciação, incluindo-se nesse caso as anáforas associativas e as anáforas indiretas (KOCH, 2004).

As anáforas são classificadas, de acordo com Koch (2002), em *anáforas associativas* e *anáforas indiretas*. As anáforas associativas mantêm relações meronímicas, ou seja, um elemento pode ser considerado parte do outro, conforme

²⁸ “Une fois produits, les contenus implicites sont semble-t-il intégrés d’office dans la mémoire discursive avec les contenus linguistiquement validés, et ils sont aussi susceptibles d’être anaphoriques dans des conditions qui restent à préciser”.

trazido no Excerto 2, no qual o referente *ensino* integra o objeto de discurso *professora*.

Excerto 2 – “Eu sempre fui professora de inglês”

323	Joana	porque assim... como eu sempre fui professora de inglês
324		coisa nunca fui muito pes-pesca-pesquisadora, eu fiz pouca
325		eu trabalhei mais com os even...
326	Fábio	[com o ensino
327	Joana	com o ensino e mostrando coisas pros alunos que fazia
328		interessar... que fosse interessantes entende? assim eles
329		saber... por exemplo...

Já as anáforas indiretas, normalmente expressões nominais ou pronomes, não tem um referente explícito no texto. Nesse caso, a referenciação é implícita, acontecendo com base em informações do cotexto ou do contexto extralinguístico. Conforme o exemplo no Excerto 3, no qual o objeto de discurso “hospital” é ancorado na informação dada que o avô de Joana era médico. Assim, o referente é construído por inferência, a partir do conhecimento de mundo que se tem sobre o contexto no qual a participante vivia e do possível local frequentado devido à profissão do avô.

Excerto 3 – Uma gruta

165	Joana	XXX ((nome da cidade)) que era a casa onde meu avô morava
166	Fábio	uhum
167	Joana	ele era: médico lá então tinha: artes ali até coisas que
168		eu considerei assim bah o Carlos vai se lembrar Carlos é o
169		meu irmão né? vai se lembrar duma coisa que atrás da igrá
170		atrás do do hospital tinha uma: casinha de: ... de:
171		uma santinha assim
172	Bete	uma gruta

Sobre a tipologia das anáforas indiretas, Marcuschi adota a classificação de Schwarz (2000), a qual define: (i) os tipos semanticamente baseados; e (ii) os tipos conceitualmente baseados. Nas palavras de Marcuschi (2001, p. 226):

Os tipos (I) exigem estratégias fundadas em conhecimentos semânticos armazenados no léxico (mais especificamente ligadas a âncoras lexicais precedentes) e estão vinculados a papéis semânticos. Já os tipos (II) exigem estratégias cognitivas fundadas em conhecimentos conceituais baseados em modelos mentais, conhecimentos de mundo e enciclopédicos (mais especificamente vinculados ao modelo de mundo textual presente no co(n)texto) e mais ligados a processos inferenciais gerais.

As *categorizações* ou *recategorizações* giram em torno do projeto de dizer do falante, ou seja, do seu ponto de vista e como quer que seu interlocutor interprete o objeto de discurso, ou seja, a opção de uso da expressão nominal não é aleatória.

Além dessas estratégias, Koch (2002, p. 34) inclui as *nominalizações* que, segundo ela, consistem em “referir, por meio de um sintagma nominal, um processo ou estado significado por uma proposição que, anteriormente, não tinha o estatuto de entidade”. As nominalizações são também chamadas de *rotulações*, pois “resultam de encapsulamentos operados por predicções antecedentes ou subsequentes”. As rotulações encapsulam informações difusas no cotexto, realizando uma condensação da informação. Destacamos o seguinte Excerto 4, a fim de ilustrar esta estratégia.

Excerto 4 – Delação

1	Joana	ah... e só um só um partici a parte... a notícia
2		da do do almoço... eles iam dar pri em primeira
3		vez agora no momento um... um: na... em em... co
4		Curitiba é onde tá a sede dos na que estão opsersando
5		observando aqueles ã: ladrões...
6	Fábio	uhum
7	Joana	né? então acharam mais uma pessoa... @@@
8	Fábio	mais uma?
9	Joana	mas eu não sei quem é vai aparecer de noite eu acho
10	Fábio	na lava-jato?
11	Joana	é ((balança a cabeça afirmativamente)) @@@ e aí
12		tudo assim né... eles contam uma coisa e: e delação
13		e coisa assim entende? mas a: aí então se tu conta tudo
14		tu eles até ficam achando ótimo @@@ não é mais ou menos
15		isso?
16	Fábio	é... reduz a pena
17	Joana	é
18	Fábio	tem privilégios
19	Joana	é ... que horror...

É interessante notar que o referente “ladrões” utilizado por Joana é uma estratégia de rotulação que opera sobre as pessoas sendo investigadas na operação da Polícia Federal. Ao referente “delação” também é atribuído um encapsulamento de considerações relativas ao ponto de vista da narradora que enfatiza que ao contar os esquemas de corrupção, os acusados são privilegiados. Cabe aqui destacar a elaboração interacional-discursiva complexa que envolve essa estratégia. Nas palavras de Koch (2008, p. 203):

Esses nomes-núcleo exigem, portanto, não apenas a capacidade de interpretação da expressão em si (o rótulo), mas também a delimitação e compreensão da informação cotextual precedente ou subsequente por eles encapsulada, ou seja, conforme Müsseler e Rickheit (1990), o acionamento da estratégia cognitiva de formação de complexos e de interpretação de informação adicional.

De acordo com Koch (2008), ao utilizar um rótulo, o produtor deve estar ciente do sentido que procura encapsular e a orientação discursiva que pretende imprimir àquele objeto do discurso a fim de que o interlocutor o compreenda e perceba sua intenção ao utilizá-lo.

Koch e Elias (2010) definem dois tipos de rotulação:

- a) o rótulo incide sobre os acontecimentos que estão referidos no segmento textual encapsulado; e,
- b) o rótulo incide sobre uma ação desempenhada pelos personagens, com função metadiscursiva, como a pergunta, a afirmação, a promessa, entre outros.

Moura (2013, p. 151) destaca que o encapsulamento, ao mesmo tempo, dinamiza e agiliza a progressão textual, pois “resume parafrasticamente porções textuais mais longas, ao mesmo tempo que concede novos atributos discursivos às informações postas anteriormente na cadeia referencial”.

As estratégias referenciais aqui apresentadas demonstram como os objetos do discurso podem ser negociados, enfatizando que o significado não está pronto, mas é coconstruído durante a interação. Além disso, elas operam dois processos fundamentais na construção e progressão do texto: a progressão referencial e a progressão tópica.

A partir da concepção de referenciação aqui descrita, afirmamos que esta trata-se de uma atividade interpessoal de negociar sentidos e estabelecer referentes em um dado contexto interacional, demonstrando sua dimensão não apenas linguística, mas também cognitiva. Considerando a complexidade das estratégias possíveis utilizadas pelos sujeitos a fim de negociarem os sentidos, podemos afirmar que durante a atividade discursiva, os sujeitos devem articular diferentes saberes, além de suas percepções e sua cultura que incidirão diretamente sobre a forma de estabelecer referentes na interação. Nas palavras de Marcuschi (2001, p. 38):

A referência não se resolve na epistemologia nem na ontologia e sim na ação interativa. Trata-se de uma questão sociocognitiva em que o processo referencial é melhor caracterizado como interativo. A referência poderia ser

tida como aquilo que, na atividade discursiva e no enquadre das relações interpessoais, é construído num comum acordo entre os atores sociais envolvidos numa dada tarefa comunicativa.

A referenciação é, segundo Marcuschi (2001), o produto da negociação estabelecida colaborativamente entre os falantes durante a atividade discursiva, construindo referentes que desempenham uma função única naquele dado contexto, de acordo com os pontos de vista dos falantes e bagagem cultural. Assim considerando, propomos no presente trabalho a observação dessa atividade na interação, mais especificamente nas narrativas orais, dado seu caráter ubíquo e *locus* onde os significados são negociados e reconstruídos conjuntamente.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa constitui-se em um estudo qualitativo, alicerçado em três campos de investigação: a Análise da Conversação (MARCUSCHI, 1986), de perspectiva textual-interativa, os estudos da Narrativa Oral, especificamente, a abordagem das dimensões da narrativa proposta por Ochs e Capps (2001) e a Linguística Textual, especificamente na noção de referenciação (REICHLER-BÉGUELIN, 1988; MONDADA; DUBOIS, 2003; MARCUSCHI; KOCH, 2006). Como estratégia metodológica, realizamos a observação dos encontros gravados que reúnem dados longitudinais no período abril de 2016 a dezembro de 2018. Tais encontros previamente agendados, configuram-se como entrevistas abertas, sem perguntas previamente estabelecidas, como em uma conversa informal.

A pesquisa qualitativa é caracterizada pelo seu caráter fundamentalmente interpretativo, ou seja, a partir dos dados gerados, é feita uma análise descritiva dos fatos observados e analisados. A alegação de conhecimento que embasa esta pesquisa é de um conhecimento socialmente construído, ou seja, deve-se utilizar perguntas amplas e abertas que proporcionem ao participante estabelecer um significado da situação vivida e ao pesquisador uma observação mais apurada da interação vivida, posicionando-se e atribuindo significado (CRESWELL, 2007).

Outra característica do estudo qualitativo é utilizar um cenário natural de observação do qual o pesquisador possa observar uma situação prática cotidiana do sujeito participante. Isso qualifica o estudo, privilegiando o conhecimento sobre as experiências ocorridas e os fatores que são desencadeados. Prezamos por uma pesquisa colaborativa, mediando os saberes do linguista aplicado e das pessoas diretamente ligadas a essa experiência de vida.

Assim, considerando tais especificidades do estudo qualitativo, priorizamos a interação face a face como *locus* de observação dos dados utilizados na presente pesquisa, além de utilizar como estratégias a pesquisa narrativa e questões abertas, fundamentando nossa observação e análises nas histórias que os participantes contam.

A Análise da Conversação (doravante, AC) de perspectiva textual-interativa, na qual situamos este estudo, “examina os princípios gerais de constituição do texto falado, mas dá um passo a mais na análise dos textos, ao considerar esses procedimentos no âmbito da construção do processo de interação entre falantes”

(LEITE et al., 2010, p. 52). Além disso, a AC enfatiza o aspecto linguístico desempenhado na interação, conforme preconizado por Luiz Antônio Marcuschi, no livro *Análise da Conversação*, publicado na década de 1980, que serviu como uma divulgação do campo teórico. Segundo Marcuschi (1986, p. 5):

Afirmar que o desempenho linguístico na fala não se serve apenas da gramática e do léxico da língua, mas lança mão dos mais variados recursos sejam eles verbais ou não, é repetir o óbvio. Mas, no caso da língua portuguesa falada no Brasil, trata-se de um óbvio intuitivo, pois pouco se sabe entre nós sobre seu real funcionamento. Menos ainda sobre os *processos conversacionais*²⁹.

Com essas palavras, o teórico não apenas ressalta a importância do estudo da língua oral em uso, como também coloca a linguagem como o objeto central de investigação. A fim de subsidiar o estudo da linguagem em uso, a AC vai aliar-se aos pressupostos teóricos da Linguística Textual, que oferece um repertório mais amplo em relação ao texto e discurso, "procurando sempre relacionar a interação com os procedimentos linguísticos" (DIAS et al., 2010, p. 78).

Faz-se interessante salientar também que, apesar de utilizar categorias provenientes da Análise da Conversa Etnometodológica (de origem sociológica, desenvolvida nos Estados Unidos da América, e que foi baseada na proposta de Garfinkel) como, por exemplo, turnos, reparos, pares adjacentes e continuadores, a Análise da Conversação desenvolvida no Brasil, na qual baseia-se nossa pesquisa, difere-se da primeira, fundamentalmente por delimitar como centro de interesse o uso da linguagem, analisando-o por meio de teorias que se dedicam ao estudo do texto e do discurso. Passuello e Ostermann (2007) esclarecem que na abordagem típica da Análise da Conversa (etnometodológica), o foco de análise se encontra na fala por si mesma e não nos pensamentos, emoções ou experiências que estariam subjacentes a essa fala e seriam expressos por ela. "A perspectiva da análise da conversa etnometodológica trata da fala como uma forma de ação social, ou seja, como uma forma de fazer coisas no mundo (discordar, reclamar ou apresentar uma identidade em particular)" (PASSUELLO; OSTERMANN, 2007, p. 245).

A Análise da Conversação também se apoia nas atividades linguísticas cotidianas a fim de examinar a linguagem e suas diversas formas de ocorrência na cena interacional. No entanto, para isso, utiliza dados não-naturalísticos e alia-se a

²⁹ Grifo nosso.

outras teorias que podem viabilizar a explicação para determinada ocorrência, como o estudo das narrativas, por exemplo. "Esse diálogo interdisciplinar imprime à AC o interesse pela investigação dos procedimentos discursivos e de seus efeitos interacionais no quadro de uma organização discursiva" (MIRA, 2016, p. 135).

Como apoio a fim de tecermos nossa análise das narrativas ocorrentes durante as interações, utilizaremos a proposta de Ochs e Capps (2001), considerando sua perspectiva de narrativa como histórias cotidianas que acontecem nos mais variados contextos e não apresentam uma delimitação rígida de estrutura, visto que são coconstruídas pelos interactantes.

No âmbito linguístico, ao investigar como a coconstrução de significados é negociada nas narrativas orais em termos de dimensões, associaremos a nossa análise à noção de referenciação, proveniente da Linguística Textual. A escolha dessa perspectiva para abordar as estratégias referenciais envolvidas na narrativa é justificada em função da colaboração entre os interlocutores na interação oral, o partilhar de conhecimento entre ambos e o esforço e a disposição para produzir inferências e negociar os sentidos. (KOCH; PENNA, 2006).

O critério de escolha dos dados utilizados na presente pesquisa baseou-se na ocorrência significativa de narrativas durante as interações. As técnicas utilizadas nesta pesquisa são entrevistas abertas, interações face a face, gravações em vídeos das interações e transcrição de dados, conforme descrevemos mais detalhadamente na Geração de Dados.

5.1 Geração de dados e procedimentos metodológicos

Os dados utilizados nesse estudo são provenientes do projeto de pesquisa "O tópico discursivo na análise de interações de um Grupo de Apoio aos familiares cuidadores de indivíduos portadores de Doença de Alzheimer³⁰", coordenado pelo Prof. Dr. Caio Mira, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Os primeiros dados gerados e que iniciaram as pesquisas tratavam-se de interações entre familiares e cuidadores de pessoas com DA em um grupo de apoio, coordenado por um médico neurologista. Posteriormente, conforme os estudos avançavam, foi identificada a necessidade de

³⁰ O projeto recebe auxílio à pesquisa do CNPQ, obtido através do edital MCTI/CNPQ nº 01/2016 (Processo nº 400594/2016-1).

investigar também a produção linguística de uma pessoa acometida pela doença, abrangendo um cenário mais global da patologia. Tais dados, que foram gerados no desdobramento da pesquisa, embasam o presente trabalho.

A identidade e o anonimato da participante foram preservados durante todo o processo de coleta e transcrição de dados, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Essa pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, processo nº 15/191. O sistema de notação utilizado na transcrição dos dados tem como base as notações já utilizadas nos estudos do projeto NURC (Norma Urbana Culta) e marcações propostas no trabalho de Marcuschi (1986). Nas transcrições, a participante é identificada pelo nome fictício “Joana”.

A geração de dados ocorreu por um período de cerca de 34 meses, em encontros mensais, do pesquisador coordenador da pesquisa com Joana, em uma cidade do sul do país. O tempo total de gravação que compõe o *corpus* do presente estudo é de aproximadamente 48 horas. Os encontros foram gravados em meio audiovisual para que se pudesse garantir uma observação mais detalhada das interações. As interações apresentadas em nossas análises, na seção seguinte, cobrem o espaço de dezesseis meses de geração de dados (abril de 2016 a agosto de 2017).

Os encontros nos quais são gerados os dados são previamente agendados com a participante e acontecem na sua residência. Um dos pesquisadores comparece no dia e horário combinados (mensalmente) munido de material para a gravação das interações. Não há um roteiro ou perguntas pré-determinadas pelos pesquisadores a serem realizadas nesses encontros. Frequentemente Joana aguarda o pesquisador na sala de sua residência com algum material sobre o qual gostaria de conversar e a conversa se desenvolve a partir disso. Outras vezes, a conversa acontece apenas motivada por assuntos de interesse, ou compartilhados por ambos, em interações anteriores, ou por situações vividas por Joana no intervalo entre as visitas.

Nas primeiras interações, uma das cuidadoras fazia parte do encontro. Posteriormente, passaram a participar apenas Joana e um dos pesquisadores. A participante organiza autonomamente um certo “roteiro” para essas visitas. Inicialmente ela mostra algum material, como fotos, ou solicita que o pesquisador leia algo para ela, como textos ou o jornal, e a partir daí a interação vai se desenrolando.

Por fim, Joana sempre oferece um chá ou um café para encerrar o encontro que dura em média entre uma hora e trinta minutos a duas horas.

O critério de escolha das interações deu-se mediante a recorrência de narrativas durante os encontros. Priorizamos esse tipo de realização discursiva, pois é uma das ações mais frequentes desempenhadas por Joana. Os encontros constituem-se em um contexto de conversas cotidianas, informal, sem definição prévia de tópicos abordados ou um roteiro de atividades pré-definidas. Normalmente, os assuntos dos encontros giram em torno de comentários de fatos do cotidiano ou a partir do relato de Joana a respeito de suas atividades usuais, de viagens ou visitas aos familiares e de sua antiga rotina de trabalho como professora universitária de língua inglesa.

A participante do presente estudo identificada como Joana, é uma mulher de 72 anos, natural do Rio Grande do Sul. Joana foi diagnosticada com Doença de Alzheimer manifestada sob uma variante atípica chamada Atrofia Cortical Posterior há cerca de cinco anos. Ela recebe o auxílio de duas cuidadoras para a execução de suas atividades diárias e o apoio dos familiares mais próximos.

Atualmente, Joana encontra-se em um estágio intermediário da doença e está ciente de sua condição patológica. Apresenta como sintomas a perda de visão, mobilidade reduzida em função do problema de visão e, relativos à linguagem, dificuldade de articulação fonológica no início de palavras, de acesso lexical, parafasias semânticas e lexicais e repetição de segmentos vocálicos.

Em sua rotina, ela busca envolver-se em diversos tipos de atividades, tais como exercícios físicos, conversas cotidianas, organização de livros, álbuns de músicas, fotografias, recordações de viagens e eventos culturais, como saídas para cinema, teatro e concertos musicais. Além dessas atividades, são frequentes as viagens e as visitas à casa de familiares e amigos. A maior parte do tempo, demonstra uma atitude ativa e participativa frente ao que lhe é proposto.

A partir da observação dos dados, podemos afirmar que Joana demonstra ser uma pessoa otimista, bem-humorada e que se orgulha de sua profissão. Não são raras as histórias que conta sobre as aulas que dava e o que gostava de ensinar aos alunos. Conserva em sua residência textos, cartões e fotos que utilizava em suas aulas. As lembranças de sua atividade docente são marcantes nas conversas. Joana é uma mulher pós-graduada, participa de atividades culturais, gosta de cinema, música e literatura. Viajar é uma de suas atividades preferidas e já esteve em vários países, em

alguns chegou a viver por certo tempo. Outro tópico sobre o qual gosta de conversar são suas viagens. Além do português, sua língua materna, Joana fala inglês, francês e espanhol. Essa é outra atividade que Joana sente muito prazer em desempenhar: falar outros idiomas.

De uma maneira geral, Joana se apresenta disposta a interagir e conversar. Durante as interações, algumas vezes queixa-se por não poder desempenhar tarefas habituais que costumava exercer antes da doença como ler o jornal, ver fotos ou poder sair sozinha e por estar dependente da ajuda de outras pessoas. No entanto, Joana procura manter-se o mais saudável possível, tanto física, quanto mentalmente. Para isso, alia tratamentos médicos a exercícios físicos, recebe amigos para conversar, passeia e também está aprendendo Braille, devido ao fato da sua visão estar afetada.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nossa análise compreenderá três interações gravadas na casa da participante, em visitas previamente agendadas com a ciência da participante, conforme descrito no capítulo anterior. Ressaltamos que as interações não têm um roteiro pré-definido e os tópicos das conversas vão surgindo aleatoriamente. Na primeira seção, discutiremos o dado gravado em abril de 2016, no qual participam Joana, sua cuidadora Bete e o pesquisador. Na segunda seção, apresentaremos o dado que foi gravado em junho de 2016 e do qual participavam apenas o pesquisador e Joana, assim como no último dado, discutido na última seção, que foi gravado em agosto de 2017.

6.1 “As cartas não mentem jamais” – A narrativa autobiográfica e a coconstrução de si na interação

Na interação a seguir, participam Joana, sua cuidadora cujo nome fictício é Bete e o pesquisador, cujo nome fictício é Fábio. Bete ocupa uma posição mais de ouvinte na interação, dando apoio interacional à Joana quando julga necessário. Joana e Fábio iniciam a conversa falando sobre a festa de 70 anos de Joana que havia acontecido no intervalo entre as visitas do pesquisador. Após contar sobre a festa, a participante revela sua vontade de ligar para os amigos que compareceram ao seu aniversário, conversar um pouco e agradecer pelos presentes recebidos, mas afirma não ter tido tempo ainda para fazer isso. Nessa parte da conversa iniciam os excertos que analisaremos a seguir.

Excerto 5 – O casamento em São Paulo

112	Joana	assim tu tem eu tenho umas ã: obrigações a a cumprir né
113		também vou de manhã no:... fazer:... academia então assim
114		tudo mar mar marca[do agora
115	Fábio	[você tem uma agenda de compromissos
116	Joana	uma agenda mais ou menos hoje de tarde antes de tu chegar
117		pedi pra Bete "tu poderia sentar comigo ver um pouco de: o
118		lê algumas cartas da minha família?" e aí fo:i uma coisa
119		bem interessante porque primeiro eu já tava já tinha dito
120		pra Bete "vou ã: botar fora as cartas" aí depois que eu
121		já li algumas eu não vou porque eu vou dar pros meus
122		mãos irmãos ã: ver porque tem coisas da vida que eles
123		participaram e: a gente vai ã

124 Fábio tá escrito lá nas cartas
 125 Joana tá escrito e a gente as cartas não vendem @@@
 126 Fábio é... @@@
 127 Bete não mentem
 128 Joana não mentem jamais @@@
 129 Fábio é... não mentem é...
 130 Joana entende? então assim... ã: aconteceu eu fui a operada
 131 uma vez em em São Paulo e tá história @@@ do meu eu era
 132 pra ir pra São Paulo pra um casamento de uma amiga que eu
 133 ia ser madrinha também e aí eu fi aco aconteceu que na
 134 viagem tive: ã: por eu tava num Fuca e: a
 135 gente viajou meu irmão e eu ele é grande eu também @@@ nós
 136 no Fuca no ca no tinha um motorista né então ele
 137 era de táxi então nós dois tivemos que nos ver ali
 138 naquele espaço e
 139 Fábio o táxi era um fusca?
 140 Joana é... e a e meu irmão e eu grandes né no carro... Fuca é
 141 pequeno né?
 142 Fábio os dois atrás no banco...
 143 Joana é mas eu acho que não sei se meu irmão eu fiquei sempre
 144 atrás mas de repente eu fiquei com dor e essa dor se
 145 transfo se transformou numa: apendicite e então eu fui
 146 pro: pra o casamento e fui operada e @@@ e aí minha
 147 família foi pro Rio e eu fiquei na casa da minha amiga
 148 que tinha casado e tava lá com uma prima minha que ficou
 149 comigo depois da operação então todas essas coisas que eu
 150 to te contando foram ao a conver a conversa da Bete
 151 enquanto eu esperava o teu: a tua vinda aqui entende?

Joana inicia falando sobre as obrigações que deve desempenhar durante a semana, justificando a razão de não ter tido tempo de ligar para os amigos conforme falava anteriormente com Fábio. Já na linha 116, a participante começa a relatar a Fábio o que fazia antes de receber a sua visita. Ela conta que havia pedido para que sua cuidadora, a Bete, que também fará parte desta interação, lesse as cartas de sua família que estavam guardadas em sua casa. Como a ACP afetou sua visão, Joana não consegue mais ler ou escrever. Então para isso, solicita ajuda, na maior parte das vezes às cuidadoras. Conforme mencionado, nesse dia, Joana pediu à Bete que lesse as cartas para que ela pudesse decidir se devia desfazer-se daquelas correspondências ou guardá-las.

Nas linhas 117-8, Joana reporta sua própria fala e, em seguida, já faz uma avaliação dessa ação dizendo que foi bem interessante (linha 119) pois, anteriormente, já havia decidido desfazer-se das cartas, como expresso na fala reportada na linha 120, mas ao ter ouvido o conteúdo das mesmas, considerou

importante de serem entregues aos irmãos, por conterem situações contadas ali que foram vividas por todos (linhas 121-3).

Ao falar sobre as situações que estão presentes nas cartas, Joana relaciona o tópico ao clichê “as cartas não mentem jamais”, em tom de brincadeira. Ao emitir seu enunciado, a participante troca o termo *mentem* por *vendem* (linha 125) o que não incide em dificuldade de entendimento por Fábio, que imediatamente concorda com ela e ri (linha 126). Mesmo não havendo necessidade, Bete, que participa da interação como ouvinte, age na interação corrigindo o enunciado de Joana. Dessa forma, a participante se autocorrige (linha 128) e Fábio, a quem Joana está relatando o acontecido, também retoma a expressão, reforçando sua atenção e entendimento.

Em seguida, na linha 130, Joana utilizando a expressão *então assim*, prepara o interlocutor para a retomada do tópico após o momento descontraído e, logo a seguir, ao dizer *aí eu já me lembrei de coisas que aconteceu novamente* prepara o interlocutor para a narrativa que virá a seguir, encaixada na atividade discursiva: uma história contida nas cartas. De acordo com as dimensões de Ochs e Capps (2001), a dimensão encaixe (*embeddedness*) revela se a narrativa se apresenta isolada ou encaixada no contexto interacional. Nesse caso, Joana constrói uma narrativa encaixada, ou seja, vinculada ao discurso circundante na situação, contando uma das várias histórias contidas nas cartas. Nas linhas 130-1, Joana sumariza a história, em tom de riso, antecipando à Fábio o que será narrado e que tipo de história será narrada: *eu fui operada uma vez em São Paulo e tá lá toda a história*.

Nas linhas 131-2, a participante conta o propósito da viagem, iria para o casamento de uma amiga da qual ela seria também madrinha e, logo em seguida, retorna ao início dos fatos narrando como tudo aconteceu. Quanto à dimensão linearidade (*linearity*), a narrativa, de acordo com Ochs e Capps (2001), não tem uma obrigatoriedade de ter uma progressão linear. Joana, ao narrar, utiliza-se de uma narrativa não-linear, traçando uma ordem que talvez considere a que melhor atende à interação, estabelecendo uma atitude também colaborativa com o interlocutor.

Na linha 136, Joana especifica o carro no qual viajavam, conhecido por ser um carro pequeno e logo em seguida, contrapõe essa ideia categorizando a si e ao irmão como “grandes” (linha 135) criando humor da narrativa. Na linha 139, Fábio solicita clarificação a Joana, que confirma o que foi dito anteriormente e reforça a

categorização sua e do irmão como grandes em um carro pequeno. Na linha 144, introduz o referente *dor*, nominalizado como *essa dor* e recategorizado como *apendicite* na linha 145. Utilizando o marcador discursivo *então*, na linha 149, Joana sinaliza o término da narrativa e retorna à atividade discursiva retomando o tópico³¹ inicial “as situações contidas nas cartas” e o que fazia antes da chegada o pesquisador.

Podemos perceber durante a interação analisada, a posição de Joana enquanto narradora ativa, abrindo espaço para o interlocutor, mas posicionando-se como a narradora principal. Além disso, Joana transita entre o mundo da história e o aqui e agora interacional, tecendo comentários e indicando ao interlocutor discursivamente tais movimentos realizados, coordenando a ação conjunta com Fábio. Diante do assunto tratado, a narrativa surge encaixada no discurso e a historiabilidade se revela no sentido de ser uma história significativa para si, pois trata-se de uma experiência vivida. De acordo com Ochs e Capps (2001), a *historiabilidade (tellability)* é a dimensão que demonstra a finalidade de uma história ser contada, a sua razão de ser. Isso implica em níveis de historiabilidade. Segundo as autoras, a historiabilidade é alta quando gera algum tipo de expectativa no interlocutor, devido à sua natureza não tão comum ou baixa quando relata fatos mais cotidianos. Na sequência dessa interação, observamos que a historiabilidade se revela ainda mais significativa no desfecho da narrativa.

Excerto 6 – Histórias da família

152	Fábio	e Joana mas é as cartas são endereçadas pra você e pessoas
153		que mandaram pra você
154	Joana	é...
155	Fábio	ou as cartas são endereçadas pra outras pessoas
156	Joana	não
157	Fábio	e você está com as cartas?
158	Joana	são da família assim da minha mãe pra pra pra os nossos
159		pra os filhos de mim pra minha mãe ã: pro meu pro pro
160		de mim pra minha família por exemplo eu tava em São Paulo
161		e: mandei carta pra pra minha mãe meu pai meus irmãos
162		depois tem uma outra carta que eu tô: no Rio ou em São

³¹ A topicalidade é o processo que constitui a macroestrutura do texto falado. Em uma interação, os interlocutores centram o discurso sobre alguns temas que se estabelecem como foco. Dessa forma, o tópico discursivo surge como uma categoria de análise do texto falado por meio da qual é possível observar segmentos textuais e analisar estratégias textuais que ocorrem. Para Jubran, “a topicalidade é o fio condutor da organização discursiva. E que, a despeito da aparente fragmentariedade da fala, há no nível macro, uma estruturação orgânica do texto falado, que aponta para uma regularidade de construção” (2006, p. 33).

163		Paulo e no Rio porque eu fui numa viagem eu fui com
164		com meu irmão outra eu fui com a minha irmã outra eu fui
165		de avião então fu nessas cartas aparecem e aí eu comecei
166		a me lembrar de várias coisas e tem até cartas também de:
167		da da: de nós pra XXX ((nome da cidade)) que era a
168		casa onde meu avô morava
169	Fábio	uhum
170	Joana	ele era: médico lá então tinha: artes ali até coisas que
171		eu considereí assim bah o Carlos vai se lembrar Carlos é o
172		meu irmão né? vai se lembrar duma coisa que atrás da igrá
173		atrás do do hospital tinha uma: casinha de: ... de:
174		uma santinha assim
175	Bete	uma gruta
176	Joana	uma gruta que tinha uma santa e eu disse bah não me
177		lembrava disso então assim veio o: uma coisa de reve de
178		reviver aquele passado né
179	Fábio	que estavam lá nas cartas
180	Joana	é @@@ tão lá e eu achei interessante isso né...

Nas linhas 152-3 e 155, Fábio questiona à Joana a origem das cartas e nas linhas 158-160 ela explica que são cartas da família. Já na linha 160, utilizando o marcador metadiscursivo, por exemplo, Joana enumera situações vividas por sua família que estão presentes nas cartas. Na linha 165, Joana revela a importância das cartas aí eu comecei a me lembrar de várias coisas o que contribui para reforçar a ideia de mostrá-las aos irmãos.

Na linha 170, Joana relata uma memória de infância que está presente nas cartas, que ela mesma não lembrava mais e quer compartilhar com o irmão Carlos. Ao tentar dizer o que havia atrás do hospital, Joana apresenta uma dificuldade de acesso lexical. Dessa forma, ela constrói o referente com o interlocutor, descrevendo-o nas linhas 173-4. Prontamente, Bete oferece o apoio interacional, indicando a palavra *gruta* (linha 175) que é utilizada por Joana em seguida (linha 176).

As cartas, nessa situação, motivam a narrativa autobiográfica de Joana, além de reativar memórias que configuram na reafirmação de sua identidade. De acordo com Hydén (2018), para as pessoas acometidas por doenças neurodegenerativas, as histórias contadas sobre os eventos vividos são mais importantes que os próprios eventos porque são as elas que definem as pessoas, ajudam a retomar o sentido de si. Isso é confirmado pela participante nas linhas 176-8. As cartas servem como um importante recurso semiótico por meio da qual experiências que não foram compartilhadas com os interlocutores podem ser relembradas por Joana e que desencadeiam a sua narrativa autobiográfica. Por já conhecer o conteúdo das cartas,

Bete pode oferecer o apoio interacional necessário à Joana para que possa recontar sua experiência e ressignificar suas memórias.

Excerto 7 – Repensando a vida

181	Fábio	e aí você vai decidir se você vai distribuir entre seus
182		irmãos
183	Joana	sim isso eu vou: vou mas mostrar pra eles né e: é assim
184		como eu tô ã: quer dizer ta um momento na minha vida
185		interessante né a chegada dos meus 70 anos a o prenu
186		o prenu pre preâmbulo ante ante né momento antes que
187		eu tava pensando muito na minha vida... (SI)((se emociona
188		e chora)eu pensei muito nos meus amigos ((fala com
189		voz engasgada)) as minhas ã: meus amigos minhas a minha
190		família
191	Fábio	uhum
192	Joana	as pessoas que a gente perdeu né... e eu tô muito: tocada
193		por muitas coisas entende assim ó ã: o que passou
194		na minha vida o que eu perdi que é essa: a possibilidade
195		de ler e escrever que é a coisa mais triste pra mim e: ao
196		mesmo tempo ter esse acervo na casa que é espetacular
197		eu tenho discos maravilhosos os livros eu tô dando
198		porque é triste tu tá numa casa que tu tem livros e tu
199		não pode ler né
200	Fábio	°eu entendo Joana°
201	Joana	então... é: isso é: é uma coisa que toca né mas eu não
202		tô parando eu tô com a minha cabeça a milhão entende?
203		essa: essa possibilidade de ver as as a... as cartas da lê
204		da Bete me ler foi uma coisa bem bem interessante bem
205		engraçada assim também né? foi legal... e: então
206		isso tudo me traz de novo a vida que eu tinha entende na

Nesta parte da interação, Joana traz o desfecho de todos os tópicos tratados nos excertos anteriores. Ela cita a chegada dos seus 70 anos de vida (linha 185), rotulando-o como um *preâmbulo*, no qual ela repensa sua vida. Nesse momento da interação, a participante se emociona. Joana enumera vários elementos que a fizeram repensar sua vida como os amigos e a família (linha 189-190), as pessoas que se foram (linha 192) e, principalmente, o que ela perdeu em função da doença, a possibilidade de ler e escrever (linha 194-5). Joana categoriza como a *coisa mais triste* (linha 195) a impossibilidade de ler e contrapõe a essa ideia o acervo, possivelmente sendo construído ao longo de sua vida, que está à disposição em sua casa sem poder utilizá-lo. Ler e escrever fazia parte da identidade de Joana, não apenas enquanto pessoa letrada, mas como profissional das Letras. Nesse momento mais delicado da interação, Fábio oferece apoio não só interacional como emocional

(linha 200). Em seguida, na linha 201, Joana utiliza o dêitico *isso* referindo-se anaforicamente à impossibilidade de ler e rotula o fato como *uma coisa que toca, mas que apesar disso, eu não estou parando eu tô com a minha cabeça a milhão* (linhas 201-2). O referente coconstruído *cabeça a milhão* atua no discurso de Joana encapsulando a ideia pré-concebida de quem tem uma doença neurodegenerativa perde suas funções mentais. Ter ACP implica perda da visão, esquecimentos, dificuldades linguístico-cognitivas, dificuldades de interação, em encontrar palavras, perder progressivamente a autonomia e manter uma rotina de consultas médicas. Esse referente, além de encapsular toda essa situação, atua como uma anáfora indireta que remete o interlocutor a tais elementos que não estão explícitos no discurso, mas que automaticamente é acessado quando Joana ressalta sua condição positiva apesar de pertencente a esse quadro. De acordo com Marcuschi (2001, p. 226), as anáforas indiretas do tipo conceitualmente baseado, são “estratégias cognitivas fundadas em conhecimentos conceituais baseados em modelos mentais, conhecimentos de mundo textual presente no co(n)texto e mais ligados a processos inferenciais gerais”.

Na verdade, ao coconstruir o referente, Joana quer negar a incapacidade devido ao quadro patológico, salientando que apesar de não poder mais ler e escrever não significa ser incapaz. Logo em seguida, na linha 203-5, a participante avalia a possibilidade da cuidadora de ler as cartas para ela como algo positivo, pois pode retomar histórias que estavam esquecidas, dando novo sentido àquelas histórias. Tal argumento de Joana, revela a importância da interação da pessoa com ACP com outras pessoas que partilhem de suas histórias ou que, como Bete fez, possam resgatá-las através de cartas, por exemplo. Hydén (2018) afirma que contar essas histórias ou ouvir histórias sobre si mesmas são artifícios válidos a fim de construir uma imagem positiva de si e de resgatar o sentido de suas vidas, mas que somente serão eficazes se o interlocutor manter uma atitude colaborativa durante a fala em interação, ou seja, desde que haja um apoio interacional, tal como ocorre na interação analisada.

Conforme dissemos anteriormente sobre a historiabilidade da narrativa, ela demonstra sua real importância nesse dado momento. Não se trata apenas de uma história de seu passado. Trata-se de uma das muitas histórias que revelam quem Joana era, sua interação com família e amigos, suas viagens, entre outros fatores. A

história inicial, encaixada no discurso remete ao momento atual em que Joana afirma estar repensando sua vida, tudo o que mudou e, nesse sentido, a narrativa se revela ainda mais significativa na interação. Podemos perceber isso na linha 206, quando Joana utiliza a expressão *isso tudo* remetendo anaforicamente às histórias das cartas, às memórias e à possibilidade de ler e de escrever como algo que traz de novo a vida que tinha antes.

6.2 “Como é que eu vou dizer?” – A construção de referentes e a progressão tópica negociada na interação

Joana fez muitas viagens ao longo de sua vida e guarda lembranças desses momentos em pastas e álbuns. Dentre essas viagens, Joana morou por cerca dois meses em Chicago, onde participou de um curso de aprimoramento profissional por três semanas. A narrativa que selecionamos para a presente análise trata de uma dessas histórias do período em que ela morou nessa cidade.

Na interação em questão, a participante mostra ao pesquisador uma pasta na qual guarda um caderno da Universidade de Chicago, do curso de formação profissional que participou na ocasião em que atuava como professora de língua inglesa. Na dúvida entre guardar tal material na íntegra ou retirar as partes mais importantes, ela mostra os textos a Fábio e solicita a ajuda para decidir o que fazer com a pasta. Durante a interação, o pesquisador lê as informações em inglês contidas no material e, algumas vezes, faz alguns questionamentos. É nesse momento que Joana inicia a narrativa transcrita abaixo.

Excerto 8 – O curso em Chicago

387	Fábio	tá... <i>Las Vegas film festival</i>
388	Joana	ah... a gente foi um...
389	Fábio	vocês foram para <i>Las Vegas</i> ou era um evento?
390	Joana	não... a gente viu um filme
391	Fábio	ah:... <i>Viva Las Vegas</i>
392	Joana	isso
393	Fábio	olha... com <i>Elvis Prestley... and Bugsy</i>
394	Joana	<i>Bugsy</i> ?
395	Fábio	é... o outro filme é <i>Bugsy</i>
396	Joana	ah:...
397	Fábio	um filme sobre monstros... dinheiro... poder e a mudança
398		geográfica e a corrupção na América... pensa que tem
399		corrupção só aqui?
400	Joana	não... não... eu sei... mas eu achei legal... isso que eu te

401	digo...eles mostraram tudo que tinha... de bom e de ruim...
402	Fábio uhum...
403	Joana não era assim... (avi... só ova...) ovação... não era
404	Fábio e:... e a coisa ruim... que que mais te marcou? que você...
405	ah... tô nos Estados Unidos e...
406	Joana a:...o... (4.2)((estala dedo e depois a língua)) (4.5)
407	a...(2.1)ai... o... o... (1.3) ai... meu Deus... como
408	é que eu vou dizer...o... quando tu fica:... ah eu não tô
409	achando a palavra...
410	Fábio eu te ajudo...
411	Joana tá... é... (1.2)quando... raça...
412	Fábio segregação racial
413	Joana segregação de todos os tipos entende...

A partir do comentário de Fábio nas linhas 398-9 (pensa que tem corrupção só aqui), Joana começa a explicar porque considerou seu curso tão bom. Na linha seguinte, a participante utiliza o dêitico *isso* que faz remissão catafórica ao enunciado da linha 401 (tudo que tinha... de bom e de ruim). O pronome dêitico *isso* (linha 400) exerce a função de um indicador catafórico, que antecipa o conteúdo informacional sobre os aspectos positivos e negativos da cultura norte-americana.

Nas linhas 406 a 409, após o questionamento de Fábio, Joana demonstra claramente uma dificuldade de acesso lexical, marcada por longas pausas. Os enunciados (como é que eu vou dizer e eu não tô achando a palavra) revelam uma atitude metadiscursiva durante a interação. Nesse momento, Joana estabelece uma pausa no discurso e na progressão tópica e se detém sobre a construção do discurso oral. Esse movimento exemplifica a ocorrência da metadiscursividade, ou seja, momentos que a própria atividade discursiva tem como foco o discurso (JUBRAN, 2003). De acordo com Morato (2005), a metadiscursividade representa um indício da competência comunicativa dos sujeitos, revelando níveis de consciência perante a atividade enunciativa e o funcionamento da língua. A metadiscursividade, no caso da participante desse estudo, integra três âmbitos da atividade discursiva: a solicitação de colaboração do interlocutor, a preocupação com o conteúdo informacional e a autorreflexividade sobre a língua.

Diante dessa ocorrência, Fábio estabelece uma atitude colaborativa na construção do referente. Na linha 410, Joana insere o item lexical *raça* (linha 411),

remetendo ao *frame*³² instituído no co(n)texto da interação. Cabe aqui ressaltar que ambos os interlocutores coconstroem o referente segregação com base nos conhecimentos que compartilham sobre a sociedade norte-americana. Mais uma vez, em uma ação conjunta, Joana encontra o apoio interacional necessário nos conhecimentos do interagente. Na sequência, o pesquisador insere o novo referente segregação racial, que Joana recategoriza como segregação de todos os tipos e utilizando a narrativa a seguir como uma forma de contextualizar como seria tal segregação com situações observadas por ela na viagem.

Excerto 9 – Segregação

414	Fábio	mas mesmo aqui em 98 quando você foi... tinha? a segregação
415		racial?
416	Joana	não... tu vê... por exemplo... eu visitei... ó... sul do [do
417		de Chicago
418	Fábio	[não
419		o sul... ah tá não o sul... o sul de Chicago...
420	Joana	sul do Chicago... já tu vê o tipo de pessoa que mora ali
421		são mais humildes...o centro... mais rico entende? nós
422		fomos pra uma fazenda... a gente conheceu muitas coisas
423		entende então agora por exemplo lá em Chicago quase
424		todas as pessoas que atendavam atendiam a gente na: na:
425		nos... assim... nos restaurantes... tudo e tudo era da raça
426		negra entende e a gente eu sempre falava pedia tãrã falava
427		(SI) de repente perguntavam de onde que era eu dizia do
428		Brasil ah: Brasil...maravilhoso todo mundo achava o Brasil
429		maravilhoso eu dizia não é bem assim... entende... todo
430		lugar tem coisas difíceis mas tu vê assim como é que as
431		pessoas...ã:...reagem... tu vê que tem umas pessoas que
432		tão a fim de falar e outras são* (1.3) ((faz gesto de parada
433		com as mãos)) entende* não são a fim mas eu senti
434		o nosso professor tinha um professor negro que era o
435		professor de:... de: assuntos relacionados com a política
436		bah... esse foi um espetáculo...
437		e ele era negro... sabe...
438	Fábio	hum

Durante a interação, o tópico discursivo vigente era a viagem a Chicago. Quando Fábio questiona se mesmo naquela época ainda havia segregação racial (linha 414-5), Joana, por meio da expressão *por exemplo* (linha 416), remete

³² Para Fillmore (1982), *frame* é um sistema de conceitos que se relacionam entre si de forma que para entender qualquer um deles é preciso entender toda a estrutura do qual fazem parte, como um todo. De acordo com Morato, o *frame* está relacionado à noção de contexto, com um estado de coisas que em parte está organizado a priori, e em parte está associado a uma significação que emerge de sua própria organização” (2010, p. 101).

cataforicamente à narrativa na qual expressa situações vivenciadas por ela, como argumento de que ainda havia segregação racial nos Estados Unidos. Durante essa história curta, Joana narra as cenas da viagem, que embasam sua resposta e servem como uma estratégia de progressão tópica na instauração do subtópico³³ *os aspectos negativos* que inclui *a segregação racial*. (JUBRAN, 2006).

Esse novo subtópico desencadeia o surgimento da narrativa nesse ponto da interação e demonstra a segunda dimensão apontada por Ochs e Capps (2001), a *historiabilidade*. A atividade narrativa traz experiências pessoais relevantes de serem narradas em relação ao tópico vigente, além de apontar para o *encaixe*, que a narrativa sobre a segregação racial está atrelada à resposta ao enunciado de Fábio (linha 414-5). Ao se referir às questões de segregação racial observadas em Chicago, Joana categoriza como *mais humildes* as pessoas que vivem no sul; e como *mais rico* as pessoas da área central da cidade (linhas 420-1), estabelecendo esses objetos de discurso na interação.

Nas linhas 425-6, exemplificando novamente a situação de segregação racial, Joana afirma que a maioria das pessoas que atendiam no comércio eram da *raça negra*. A nominalização além de recategorizar os *trabalhadores*, age encapsulando a ideia de que a segregação racial acontece também no fato de os empregos mais simples, de classe mais baixa, serem ocupados por negros no contexto da segregação racial norte-americana. Utilizando o diálogo construído, Joana constrói a imagem que as pessoas têm do Brasil no exterior, mais especificamente das pessoas que vivem nesse contexto de marginalização social *ah: Brasil... maravilhoso* (linha 428). De acordo com Tannen (2007), esse recurso interacional permite inserir um enunciado dito anteriormente no âmbito do discurso atual.

Na sequência, nas linhas 429-430, Joana reporta sua própria fala (*não é bem assim... entende...todo lugar tem coisas difíceis*) evidenciando seu posicionamento crítico em relação ao quadro social observado nos Estados Unidos. Na linha 432, ao dizer que algumas pessoas se predispõem a falar mais sobre sua realidade e outras não, a participante busca em um gesto que indica afastamento o recurso semiótico necessário para descrever a atitude das pessoas que preferem manter uma postura mais reservada. A partir da linha 434, Joana inicia uma nova

³³ De acordo com Jubran (2015) os subtópicos são tópicos que apresentam o mesmo teor de concernência entre si e que constituem o tópico mais abrangente (ou supertópico) em foco na interação.

narrativa *encaixada* no tópico segregação racial, mas que também funciona como uma retomada do que o curso teve de positivo. A nova narrativa introduz o novo referente *o nosso professor*, que constitui o subtópico *aspectos positivos do curso*.

Se a primeira narrativa sobre o passeio ao sul de Chicago carrega a *historiabilidade* pertinente à pergunta realizada pelo pesquisador, a segunda narrativa, que está encaixada à primeira, retoma o tópico central da interação, que versava sobre o curso realizado em Chicago. Por meio dessa narrativa curta sobre o professor negro, Joana retoma o subtópico *aspectos positivos do curso*, conforme pode ser observado na linha 403, dando credibilidade à sua avaliação sobre o curso (*não era assim... ovação...*), ou seja, o curso abordava criticamente a cultura do país.

Em relação à quarta dimensão da narrativa, a *linearidade*, podemos observar que a narrativa apresentada por Joana evidencia uma ordem temporal e causal fluída. À medida que vai se recordando de situações vividas, Joana acrescenta esses fatos a sua narrativa. Na segunda narrativa, ao se referir ao professor com quem teve aula, na linha 434, ela introduz o referente *o nosso professor*, sendo imediatamente recategorizado como *professor negro e professor de assuntos relacionados com a política* (linha 434-5). Essas rotulações agem diretamente na reportabilidade da narrativa, instaurando a importância da história e conectando a ordem dos eventos.

A repetição da linha 437 acentua quão produtiva foi a experiência de aula sobre política com um professor negro no contexto estadunidense, ou seja, a repetição atua como uma anáfora indireta, retomando informações presentes no co(n)texto como a segregação racial. O professor teria experiências pessoais únicas e importantes, de acordo com a sociedade na qual vive e, além disso, por sua formação, uniria isso ao *know how* para falar sobre os assuntos relacionados à política, o que justifica por meio da retomada, na linha 436 (*esse foi um espetáculo*) que recategoriza o referente *professor negro*.

No Excerto 10 observamos que Joana usa o hiperônimo *segregação racial* e para alcançar a especificidade do hipônimo *professor negro*. Isso promove o realinhamento do tópico discursivo e, conseqüentemente, da narrativa.

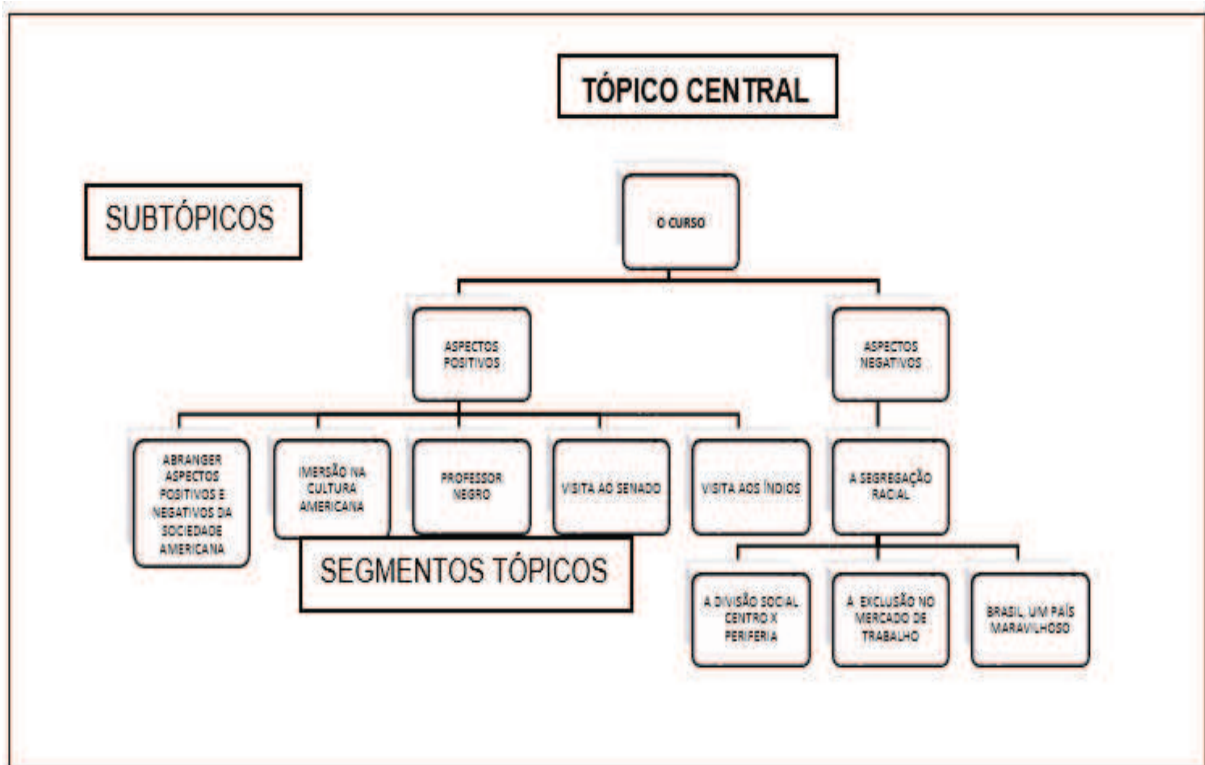
Excerto 10 – “Passeio e tanto”

439	Joana	e naquela vez... ã:... acho que não tava ainda...
440	Fábio	o Barack Obama? o... George Bush?
441	Joana	não... era era aquele...
442	Fábio	o primeiro mandato...
443	Joana	é... e nós fomos pro:... nós fomo a...
444	Fábio	era o Bill Clinton ainda? eu acho que era (1.3) é... eu acho
445		que
446	Joana	dez anos (1.2) já faz mais de dez anos...
447	Fábio	é... faz mais de dez anos...
448	Joana	acho que era o Clinton (1.5) não me lembro...bom... enfim
449		essas... esses assuntos assim eram bem bem mexidos...
450		entende foram bem interessantes assim pra gente tomar uma
451		uma tomada do que que era né foi a gente foi na cosa
452		branca Casa Branca a gente foi no senado principal
453		aquele...* ((eleva os braços))nós * fomos em Washington
454		entende...então fomos entrar no senado aquelas coisas
455		todas falamos com:(1.1)com:...senadores que nos
456		apresentaram bah... @@@ foi foi uma um passeio e tanto
457		entende e assim não é que seja um passeio é que/
458	Fábio	não... mas eu entendo... vejo... eu tenho a ideia de que
459		foi um curso mais de de imersão na cultura norte-americana
460	Joana	[uhum... uhum...uhumm
461	Fábio	tanto os aspectos positivos quanto os negativos
462	Joana	[isso
463	Fábio	do que necessariamente só um curso de aprimoramento da
464		língua
465	Joana	não: não: a língua lá era só pra falar tudo entende pra
466		gente falar mas foi muito interessante pra conhecer mais
467		o país entende foi muito bom a gente foi pro sul ó tu vai vê
468		((aponta para o material)) a gente vai vê vai vamo
469		continuando ali mais ou menos pra até onde ... nós fomos...
470		nós vivemos... nós vimos os índios entendeu?
471	Fábio	ah é?
472	Joana	nós conversamos com eles fomo onde eles (garava) moravam
473		((faz sinal para o pesquisador continuar lendo))

Na linha 439, Joana faz uma pausa momentânea na narrativa para situar a situação política dos eventos narrados ao tempo presente da interação. Não recordando quem era o presidente na época, Joana utiliza o marcador discursivo *enfim* (linha 448) que constitui estratégia metaenunciativa, influenciando na movimentação do tópico, dando prosseguimento à narrativa. Após elencar outros aspectos considerados positivos em sua viagem, na linha 456, Joana realiza a nominalização *um passeio e tanto*, categorizando a experiência narrada e utiliza novamente uma estratégia metaformulativa (KOCH, 2004) de correção do enunciado nas linhas 457. Nesse segmento, o enunciado (assim não é que seja um

passageio) é uma recategorização do referente *passageio*. Prontamente, nas linhas 458-9, Fábio concorda com Joana estabelecendo uma interpretação alinhada ao propósito de dizer da participante que é confirmada por ela (linha 460; 462). A Figura 1 ilustra a relação entre a movimentação do tópico que desencadeia as estratégias referenciais dos excertos analisados e a construção de referentes.

Figura 1 – Progressão tópica



Fonte: elaborado pela autora (2018)

Joana constrói o seu discurso, a partir do questionamento do pesquisador utilizando de uma atividade maior, a narração, a qual abrange micro processos de construção de significados com o interlocutor, por meio de estratégias de referenciação, progressão tópica e *frames* interacionais. É importante ressaltar que a dimensão da *postura moral* (OCHS; CAPP, 2001) é evidenciada por Joana durante a narrativa. Esse aspecto pode ser observado mais especificamente tanto na sua fala reportada na linha 424 (*todo lugar tem coisas difíceis mas tu vê assim*), ao afirmar que todo país tem situações complexas, deixando transparecer sua visão crítica sobre os problemas sociais presentes no Brasil e nos Estados Unidos.

Em relação à dimensão da *narração* (OCHS; CAPP, 2001), consideramos que a narração está diretamente relacionada ao caráter colaborativo da linguagem e da

interação, principalmente no contexto de nossos dados. Além de contribuir para a progressão da interação, a participação ativa do pesquisador conduz à *narração* com envolvimento alto. Apesar da narrativa estar relacionada a uma experiência vivida por Joana, a colaboração de Fábio oferece suporte ao fazer perguntas e demonstrar interesse, atuando no processo de coconstrução das narrativas cotidianas, tal como preconizam as autoras. A atitude colaborativa do interlocutor é importante em qualquer interação. No contexto dos nossos dados, o pesquisador reflete sua atenção e interesse naquilo que Joana narra, participando do processo de construção de sentidos e motivando a progressão tópica.

No terceiro excerto, podemos identificar esse processo de colaboração ao negociar sentidos, conforme pode ser observado no segmento 431-440, onde os interlocutores constroem a referente *presidente dos Estados Unidos*. Ainda nesse segmento, Joana recategoriza a viagem como não sendo apenas um passeio, justificando seu ponto de vista e certificando se Fábio compreendeu sua interpretação (linhas 444, 446, 454-8). Acreditamos que esses movimentos no Excerto 3 exemplificam a “criação de ‘andaimes’ que podem ser usados pela pessoa com DA na interpretação do significado das contribuições feitas pelo outro participante ou na busca de palavras ou referências³⁴”. (HYDÉN, 2011, p. 34, tradução nossa).

A atitude colaborativa do interlocutor, mostrando-se atento e negociando sentidos conjuntamente, contribui para a realização do projeto de dizer de Joana no contexto da presente patologia, instaurando um processo interativo no qual as duas partes participam, além de servir como uma forma de manter a narrativa.

6.3 “Está certo o que eu disse?” – A metadiscursividade nas narrativas

A presente interação inicia com a participante contando a Fábio sobre as mudanças que ocorreram na organização das cuidadoras, que eram três e passaram a ser quatro. Ela conta que uma delas fica com ela no domingo e havia a acompanhado em uma visita na casa do sobrinho, devido ao dia dos pais. Em seguida, ela conta que seu filho que mora em outra cidade veio passar uns dias com a família

³⁴ “One way to support the person with AD is through the creation of “scaffolds” that can be used by the person with AD in interpreting the meaning of contributions made by the other participant or in order to find words or references”.

em sua residência, em razão de consultas médicas da esposa. Nesse momento da interação, Joana começa a contar como foi sua chegada.

Excerto 11 – O Casamento

1	Joana	aí eles combinaram isso que fosse... eles chegavam e
2		realmente eles ã eles tinham vindo pra fazer o exame de
3		tarde né? então iam almoçar a:qui aí a Elisa ã... quase
4		esperando que elas fossem que eles fossem...aí a gente pode
5		fazer vir aqui espera Elisa eu disse "espera aí" então eles
6		chegaram aqui e já disseram pra Elisa "tu não vai comprar
7		nada não vai fazer comida... nós vamos ali no XXX ((nome do
8		restaurante)) e vamos almoçar ali"... né? foi ótimo aí
9		então... ele era o casal nós todos almoçávamos ali no
10		restaurante... restaurante bom... assim... e: ã: de comer
11		coisas assim que tu pode fazer ã: escolhas é:... como é que
12		é não é a la carte é...
13	Fábio	onde todo mundo se serve?
14	Joana	isso como é que se diz?
15	Fábio	<i>buffet</i>

No início da interação, Joana relata a intenção de sua cuidadora, Elisa, de fazer o almoço para aguardar as visitas. Na linha 5, ela reporta sua própria fala à cuidadora, aconselhando-a a aguardar. Corroborando a sua ideia sugerida à cuidadora, Joana reporta a fala do casal quando chega a sua casa dizendo que não precisava preparar nada, pois iriam almoçar em um restaurante (linhas 6 a 8). As falas reportadas são denominadas por Tannen (2007) como *diálogo construído (constructed dialogue)*. Para a autora, repetir um enunciado já dito em outra situação, não apenas reporta falas, mas as recontextualiza no discurso atual, enquadrando a informação de forma eficaz e criando envolvimento com o interlocutor. O diálogo construído que atua nessa parte da interação, não traz as falas exatamente como aconteceram, mas são reconstruídas interacionalmente pela participante, situando o interlocutor no espaço em torno do qual a narrativa será iniciada e por onde os fatos serão impulsionados.

Em seus estudos, Tannen (1986b) verificou que nas narrativas orais, é mais comum as pessoas reportarem um diálogo sem utilizar um verbo metadiscursivo (disse, falou, etc.) para introduzi-lo do que em narrativas escritas, pois o falante utiliza outros artifícios como mudanças na voz e na prosódia. Podemos constatar nesses diálogos construídos as duas formas de construção do formato indireto para o direto. Ao reportar sua fala na linha 5, ela inicialmente utiliza essa forma de transição, por

meio de pausa e mudança na entonação e depois utiliza o verbo dizer. Essa constatação se confirma no diálogo construído por Joana (“*espera Elisa*” *eu disse “espera aí”*). Já na construção do diálogo do casal, novamente Joana utiliza o verbo dizer e já disseram pra Elisa (linha 6). O diálogo construído por Joana, além de trazer outras vozes à narrativa, atua no relevo informacional, situando o interlocutor e o conduzindo ao que será narrado posteriormente. O evento “almoço” se constitui nessa interação como relevante de ser narrado, pois a partir dessa cena, as próximas ações serão desencadeadas, influenciando na historiabilidade da narrativa (OCHS; CAPPS, 2001).

Podemos perceber que o referente *restaurante* é novamente retomado anaforicamente na linha 7 ao dizer o nome do estabelecimento e na linha 8 com o uso do dêitico *ali*. Ao tentar especificar o tipo de restaurante, na linha 10, Joana demonstra uma dificuldade de acesso lexical. Assim, a participante utiliza a ação conjunta de construir o referente com o interlocutor, primeiramente por meio de uma descrição de comer coisas assim ã: *que tu pode fazer escolhas é:* (linhas 10-11) e depois por meio de uma relação antonímica *como é que não é a la carte é...* (linhas 11-12) estabelecendo uma relação de oposição entre restaurantes *a la carte* e *buffet*.

Na linha 13, Fábio atua colaborativamente com Joana, solicitando clarificação *onde todo mundo se serve?*. Joana confirma a informação e lança a pergunta *como é que se diz?*. Tal questionamento não apenas atua na categorização do referente construído conjuntamente mas também revela a reflexividade de Joana sobre sua própria fala, com seu próprio discurso. De acordo com Morato (2012, p. 53), a referenciação metadiscursiva demonstra a “dimensão essencialmente intersubjetiva das manifestações linguísticas. Mesmo em situações de instabilidade da linguagem – ou precisamente nelas”, como no caso da presente interação.

A ação conjunta de negociar o referente *buffet* é realizada por meio do apoio interacional do interlocutor, ou seja, do andamento que é efetivado. São conhecimentos de mundo compartilhados entre ambos e postos na interação além da dependência interpretativa do contexto que se estabelece o *frame* que conduz à coconstrução do referente. Conforme afirmam Bentes e Morato (2013, p. 127), “*frame* e referenciação tornam-se fenômenos essencialmente inter-relacionados em função do *lócus* privilegiado em que emergem e se constituem: linguagem e cognição em

interação". A partir do estabelecimento desse referente, a narrativa de Joana terá continuidade e progressão tópica, revelando a dimensão da sua linearidade (OCHS; CAPPS, 2001) como progressiva, conforme veremos a seguir.

Excerto 12 – A catarse

16 Joana *buffet* isso @@@ então ã: almoçamos lá aí então eles
 17 foram o André e a Patrícia foram fazer os exames e aí
 18 ela já tinha perguntado se a gente podia ficar com as
 19 meninas foi o máximo tu não pode imaginar que maravilha
 20 porque a... as gurias vieram e a mãe e o pai saíram então
 21 por exemplo essa casa aqui pode brincar todo mundo pode
 22 sentar brincar e tudo né sabe que a Ana é a mais velha
 23 pegou... "vó sabe o que nós vamos fazer? nós vamos fazer o
 24 seguinte nós vamos fazer o casamento tu e o Carlos" olha
 25 só... a cat caté a catarse da Ana que é a mais velha... A
 26 forma como ela pensou ã... ao a homenagem do dessa relação
 27 minha e do Carlos... que coisa interessante né aí ela disse
 28 assim... pediu pra Elisa uma vi um vestido longo... eu
 29 ti @@@ botei botou uma coisa assim na cabeça... "vó agora"
 30 ela pegou a foto do Carlos... então a gente tava a gente
 31 ficou de pé né o...ã: "vó tu aceita o Carlos?"
 32 "sim"... aí depois aí "Carlos tu aceita a Joana?" "sim" aí
 33 fizeram isso aí depois "agora vó ... deita aí" eu... @@@
 34 e a pequena também junto né... "deita nós vamos agora
 35 viajar pra *Cancún*... tu vai... é a lua de mel de vocês"
 36 Fábio *Cancún*?
 37 Joana não assim eu digo assim a ideia dessa guria tu entende? né?
 38 Fábio que imaginação

Neste segundo excerto, a partir do marcador discursivo *aí então* (linha 16), Joana dá continuidade à narrativa e estabelece a passagem para o novo tópico. Nas linhas 16 a 19, a participante faz o fechamento das ações ocorridas no almoço e cria a nova atmosfera para uma narrativa encaixada. De acordo com Ochs e Capps (2001), a dimensão do encaixe consiste na ligação entre elementos da atividade discursiva e a ação desempenhada pelos falantes na interação, o que ocasiona a progressão tópica na narrativa da participante. A partir da linha 21, Joana insere uma narrativa encaixada, a brincadeira criada por sua neta mais velha Ana em sua casa que consistia em uma brincadeira de faz-de-conta retratando o casamento da vó com seu companheiro Carlos. Cabe aqui destacar que Carlos havia falecido há algumas

semanas antes da presente interação e as netas ainda não haviam tido contato com a vó. Tal fato intensifica a historiabilidade da narrativa de Joana. A história não reporta apenas a uma brincadeira, mas remete ao falecimento de seu companheiro e à forma como a neta traz o assunto à tona na primeira visita que faz à avó.

Na linha 21, Joana estabelece novamente o relevo interacional situando o novo espaço da narrativa (*essa casa*). A partir da linha 23, Joana alterna do discurso indireto para o direto, fazendo uso novamente do diálogo construído, desta vez reportando a fala da neta Ana, que cria uma brincadeira da cerimônia de casamento de Joana e Carlos. As falas reportadas da neta, servem como um recurso interacional que tanto busca a atenção do interlocutor, como o transporta a atmosfera fidedigna criada pela neta para a brincadeira.

Na linha 25, Joana utiliza a estratégia referencial da rotulação para referir-se à representação criada pela neta (*a catarse*). Tal estratégia utiliza expressões nominais a fim de rotular uma parte do cotexto e construir um novo referente. Além disso, a rotulação funciona ao mesmo tempo como uma retomada anafórica e uma reinterpretção, condensando informações novas sobre o referente construído e estabelecendo a continuidade tópica (JUBRAN, 2006; MARCUSCHI; KOCH, 2006).

Ao construir o referente *catarse* (linha 25), podemos notar hesitação na produção fonológica. Segundo Marcuschi (2015, p. 50), a hesitação “pode ter motivações discursivas, preservando a fluência, já que a fala, mesmo com hesitações, pode continuar fluente”. Nesse sentido, podemos dizer que a hesitação produzida por Joana não demonstra apenas uma dificuldade fonológica ou lexical, ou ainda uma ruptura da fala, mas revela uma preocupação com o próprio discurso, com a sua produção na interação.

Na linha 37, Joana modaliza avaliativamente a brincadeira da neta e utilizando o marcador discursivo *né* solicita a avaliação do interlocutor. O desfecho da narrativa ocorre no Excerto 13, no qual se dá a continuidade das ações narradas.

Excerto 13 – A homenagem

39	Joana	e é aí então nós dei nós ã:... "deita" era todo mundo
40		tinha que dormir porq a gente ia a: ...a: pequena também né
41		porque ia viajar junto aí então tinha que:... tinha que:...
42		deitar e descansar porque ... "a gente tem que ficar com o
43		cinto fechado não pode fazer" tu entende? elas similaram
44		tudo tu entende? similaram está certo? está certo o que eu

45 disse?
 46 Fábio simularam
 47 Joana simularam... tudo né... foi eu vou te dizer eu achei a coisa
 48 mais ((SI)) tu entende? porque ela fez uma coisa assim
 49 espontânea né... e ela foi ã: foi uma home homenagem
 50 para o Carlos pra mim foi tu entende porque ela não tinha
 51 mais visto a mim tu entende então ela pensou isso tu não
 52 achaste uma coisa muito querida?
 53 Fábio nossa e ela tem quantos anos?
 54 Joana ela tem... oito
 55 Fábio nossa oito anos... com essa imaginação toda
 56 Joana tu viste? não e assim sabendo ah de aceitar de não sei o que
 57 tudo eu fiquei eu fiquei surpresa essa guria sabe tudo já
 58 entende assim claro eles veem eles têm fil filminhos e...
 59 sabe? *Ipad* e tudo que é coisa e a gente que fica não sabendo
 60 as coisas @@@ pra mim é novidade então foi muito muito
 61 legal daí então no domingo... eu estava com essa Carmem
 62 essa com quem eu fico ã: ... ã: domingo e depois e fico
 63 com ela ã: até o ã: segunda né aí naquele domingo é:..
 64 a gente ficou um pouco em casa até porque nós estamos
 65 arrumando assim tudo que é CD também tudo ordenado tudo
 66 é ã: super ã:... ã: sele seleci selecionar tudo
 67 organizado entende?
 68 Fábio uhum

Joana assume, ao longo de toda a narrativa, um posicionamento interacionalmente ativo e coloca-se como narradora principal, interagindo com o interlocutor de forma colaborativa, conferindo sua compreensão, atenção, avaliação ou coconstruindo referentes. Além disso, quanto à linearidade, Joana coonstrói uma narrativa linear, com progressiva continuidade dos fatos, sem para isso, necessitar de apoio interacional.

Nas linhas 39 a 43, Joana continua a narrar a brincadeira, reportando a fala da neta e o desfecho da narrativa encaixada. Assim como no início da narrativa, na linha 44-45, a participante demonstra o monitoramento da própria atividade discursiva ao dizer *simularam está certo? está certo o que eu disse?*. A solicitação do apoio do interlocutor atua como uma estratégia metadiscursiva por meio da qual “o locutor avalia, corrige, ajusta, comenta a forma do dizer” (KOCH, 2004, p. 120). Ciente de seu diagnóstico, podemos dizer que Joana utiliza tal estratégia como uma ação

conjunta de coconstruir seu próprio discurso, apoiando-se na atitude colaborativa do interlocutor, conforme anteriormente mencionado.

Além disso, ao afirmar que as netas simularam tudo, ela orienta o interlocutor para o desfecho da narrativa encaixada e traz sua avaliação positiva (linhas 47-49), categorizando a ação da neta como uma coisa assim espontânea (linha 48-49).

Na linha 49, Joana recategoriza a brincadeira utilizando o referente homenagem que atua encapsulando anaforicamente toda a brincadeira criada, o diálogo construído, as ações do mundo da história e as informações contidas no cotexto. O referente ainda atua promovendo o esgotamento do tópico discursivo, a narrativa encaixada que, devido à relevância interacional, recebe uma historiabilidade mais alta na narrativa inicial que se tratava da visita do filho. Podemos dizer ainda, que o referente homenagem ainda revela a postura moral de Joana, revelando que mais do que uma brincadeira, era uma forma da neta de lidar com o seu luto.

Nas linhas 51-2, Joana novamente avalia a brincadeira das netas e, ao mesmo tempo, solicita a avaliação de Fábio. Dando continuidade à interação, a participante nas linhas 56-60 continua falando sobre as experiências que as netas têm e que possivelmente despertam a criatividade das netas, fato que a deixa surpresa. A partir da linha 61, Joana continua falando sobre os fatos acontecidos no domingo, após a visita de sua família.

7 CONCLUSÕES

A presente pesquisa trouxe como objetivo central analisar a participação de uma pessoa acometida pela Atrofia Cortical Posterior nas interações orais cotidianas, verificando a forma como o discurso se configura do ponto de vista textual interativo. Para tal empreendimento, tomamos a ACP como uma doença autônoma, desvinculada da DA - apesar da primeira ser considerada por muitos médicos como um subtipo da segunda - em razão de que, apesar apresentarem a mesma etiologia, ambas as patologias se diferem relevantemente quanto à sua apresentação, o que acarreta singularidades aos sintomas apresentados.

Ao investigar a linguagem nesse contexto tão específico e ainda com poucos estudos relacionados, procuramos descrever as narrativas orais produzidas pela participante no contexto dos dados, analisar as estratégias de referenciação que emergem das diferentes atividades discursivas desempenhadas durante a interação e de que forma se relacionavam com as narrativas produzidas e identificar como a atitude do interlocutor pode contribuir para a participação da pessoa diagnosticada com ACP.

Examinando tais objetivos do presente estudo, optamos por adotar uma abordagem biossocial de análise, estudando a linguagem em contexto de uso. A escolha deu-se em razão da ideia de que cognição e linguagem estão intimamente ligadas e, observar a linguagem em situações de uso proporciona ao pesquisador uma visão mais ampla dos fenômenos linguísticos que podem se manifestar.

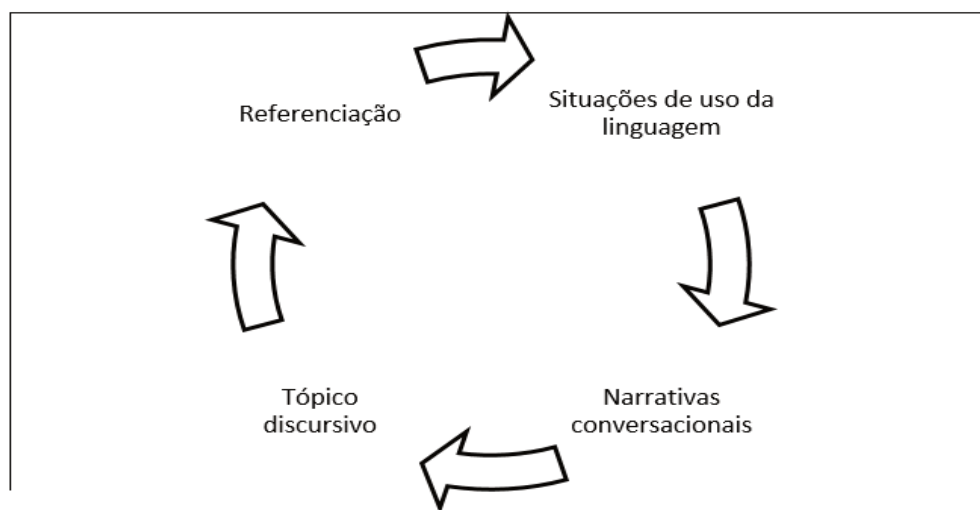
A partir de nossas análises e do empreendimento teórico desenvolvido no escopo da presente dissertação, podemos afirmar que a participante realiza diferentes estratégias linguísticas e discursivas durante as interações face a face, dentre elas, narrativas coconstruídas integradas ao discurso circundante, por meio da qual ressignifica suas experiências e memórias além de servir como uma estratégia discursiva a fim de argumentar, descrever ou exemplificar tópicos tratados na interação.

Utilizando narrativas interacionalmente coconstruídas, Joana não apenas relata fatos. Ela ainda negocia referentes com o interlocutor, em uma atitude colaborativa própria da linguagem. Tal fato vem ao encontro da concepção de linguagem enquanto ação conjunta, proposta por Clark (1992; 1996), diretamente ligada às práticas interacionais nas quais nos engajamos rotineiramente. Nossas análises demonstram

que o caráter colaborativo próprio da linguagem se sobrepõe às dificuldades impostas pela patologia da participante, fazendo uso de diversas estratégias sociocognitivas com o objetivo de manter-se ativa e cumprir seu papel discursivo na interação.

Além disso, as narrativas desempenhadas por Joana, atreladas ao discurso em jogo, revelam uma característica fundamentalmente de coconstrução, unindo a materialidade textual-interativa que ocorre na performance narrativa com as diferentes formas que ela utiliza ao moldar a ação de contar as histórias com o interlocutor. Essa característica encontra respaldo na concepção de narrativa proposta por Ochs e Capps (2001), que veem as narrativas conversacionais altamente negociadas com o interlocutor, ligadas ao contexto no qual ocorrem e com os mais variados propósitos que se justificam na interação. As histórias narradas pela participante revelam a atividade sociocognitiva de Joana transitando entre o *aqui e agora* da interação, assumindo uma proposta discursiva seja de argumentar ou defender seu ponto de vista, e o mundo da história ao relatar fatos, situações e utilizar personagens para narrar experiências passadas (OLIVEIRA; BASTOS, 2012). Por não apresentarem uma estrutura rígida ou monológica, as narrativas coconstruídas constituem um espaço interacional no qual a participante além de ressignificar experiências, pode negociar sentidos, em uma atividade sociocognitiva que a auxilia a contornar déficits de linguagem apoiando-se nos conhecimentos com o interlocutor em uma atitude colaborativa. Podemos demonstrar visualmente o desempenho linguístico-discursivo de Joana com o seguinte diagrama:

Figura 2 – Diagrama linguístico-discursivo da participante



Fonte: elaborado pela autora (2018)

Pelo diagrama é possível observar que, durante as situações de uso da linguagem, é comum Joana utilizar as narrativas conversacionais as quais instauram um tópico discursivo central ou uma sequência de subtópicos. Esses tópicos ou subtópicos são negociados interacionalmente com o interlocutor por meio da atividade da referenciação, ou seja, a ação conjunta de negociar referentes no aqui e agora interacional.

A noção de referenciação atua diretamente na coconstrução da narrativa, pois em razão dela, Joana utiliza diferentes estratégias, conforme visto na análise dos dados, para categorizar, retomar, rotular referentes ou, até mesmo, refletir sobre seu próprio discurso. E, considerando tais estratégias referenciais, podemos observar que elas incidem diretamente nas dimensões das narrativas coconstruídas (OCHS; CAPPS, 2001).

Salienta-se, então, a importância de se analisar a interação da participante sob uma perspectiva sociocognitivista, pois ao analisarmos as estratégias referenciais negociadas nas narrativas da participante, podemos verificar que, mesmo em um contexto patológico de déficits que incidem sobre a linguagem e a cognição, a relação entre linguagem, cognição e interação é mantida tendo por base a atitude colaborativa do interlocutor que atua como um andaime na interação.

O presente estudo pode demonstrar que as narrativas de Joana, além de orientar o interlocutor para o que será contado, também se encaixam dentro de um tópico discursivo central atrelado ao discurso em jogo, apresentam ações que se sucedem linearmente e são coconstruídas com o interlocutor. A construção dos referentes, dentro das narrativas, revela os mecanismos textuais e interacionais utilizados para inserir, sustentar e manter suas narrativas.

Assumindo uma perspectiva interacional do estudo da linguagem, distanciada da concepção de língua pronta e exterior ao indivíduo, mas baseando-se em um arcabouço sociocognitivo de construção de referentes na atividade discursiva, podemos asseverar que, apesar da participante apresentar dificuldades na linguagem ocasionadas pela ACP, Joana apresenta um comportamento enunciativo que se assemelha às demais pessoas que não se enquadram em um quadro patológico da linguagem. As estratégias de referenciação mostradas em nossos dados são rotineiramente utilizadas por pessoas não acometidas por doenças como a ACP. No entanto, a atitude colaborativa do interlocutor promovendo um andaimento na interação (HYDÉN, 2018) é fundamental para que a ação conjunta de construir

referentes aconteça e para que a interação seja significativa e desempenhada. O que está em jogo são conhecimentos que devem ser compartilhados e aliados ao projeto do querer-dizer.

A presente pesquisa traz uma abordagem sobre o estudo da linguagem no contexto da Atrofia Cortical Posterior, mas nosso intuito é que nossas conclusões abram possibilidades para que novas pesquisas sobre a linguagem nesse contexto patológico surjam, considerando a língua em uso em situações cotidianas ou considerando outros enfoques, a fim de que se concebam novas formas de compreensão da doença e se proporcione melhores formas de convívio com as pessoas afetadas.

Por fim, este trabalho aspira ter contribuído, ainda que restrito a um contexto interacional específico, a fim de demonstrar o trabalho sociocognitivo da participante acometida pela ACP construindo narrativas, mantendo-se ativa nas interações, coconstruindo referentes e negociando estratégias colaborativas e compensatórias que revelam a predisposição natural das pessoas a manter uma voz ativa e participarem nas interações cotidianas. Espera-se, com isso, contribuir para a diminuição do estigma social que envolve as doenças neurodegenerativas, a ideia pré-concebida de incapacidade que remete a uma exclusão da vida familiar e social e propiciar que familiares e cuidadores reflitam sobre sua atitude colaborativa nas interações cotidianas, oportunizando uma melhor convivência. Além disso, almeja-se contribuir, também, com áreas terapêuticas relacionadas à tal patologia, alargando o entendimento sobre a interação nesses casos, tendo em vista novas práticas de orientação aos cuidadores e familiares e novas ponderações sobre a doença.

REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. **Tranel** (Travaux Neuchâtelois de Linguistique), v. 23, p. 227-271, 1995.
- BARROS, A. C. et al. Influência genética sobre a doença de Alzheimer de início tardio. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 16-24, 2009.
- BASTOS, I. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópico**, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.
- BENTES, A. C.; MORATO, E. M. Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 55, n. 1, 2013.
- BENVENISTE, E. (1958). Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BOHN, H. I. As exigências da pós-modernidade sobre a pesquisa em linguística aplicada no Brasil. In: FREIRE, M.; ABRAHÃO, M. H. V.; BARCELOS, A. M. F. (Orgs.). **Linguística aplicada e contemporaneidade**. São Paulo: Alab Editores, 2005.
- BURLÁ, C. et al. Panorama prospectivo das demências no Brasil: um enfoque demográfico. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 10, p. 2949-2956, 2013.
- CAPRILE, C. et al. Atrofia Cortical Posterior. perfil neuropsicológico y diferencias com la enfermedad de Alzheimer típica. **Revista de Neurología**, v. 48, n. 4, p. 178-182, 2009.
- CASTRILLÓN, J. C. et al. Perfil clinic y cognitive de la atrofia cortical posterior y sus diferencias con la enfermedad de Alzheimer esporádica tardía y familiar precoz. **Acta Neurol Colomb.**, v. 26, n. 2, p. 75-86, 2010.
- CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p. 129-142.
- CLARK, H. C. **Arenas of language use**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- _____. **Using language**. New York: Cambridge University Press, 1996.
- CLEMENTE, R. S. G.; RIBEIRO-FILHO, S. T. Comprometimento cognitivo leve: aspectos conceituais, abordagem clínica e diagnóstica. **Revista do Hospital Universitário Pedro Ernesto**, UERJ, ano 7, p. 68-77, 2008.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2007.

CRUTCH, S. J. et al. Consensus classification of posterior cortical atrophy. **Alzheimer's & Dementia**, v. 13, p. 870-884, 2017.

_____. The language profile of Posterior Cortical Atrophy. **Journal of Neurology, Neurosurgery and Psychiatry**, v. 84, n. 4, p. 460-466, 2013.

CRUZ, F. M. **Linguagem, interação e cognição na Doença de Alzheimer**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2008.

_____. **Uma perspectiva enunciativa das relações entre linguagem e memória no campo da neurolinguística**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2004.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. Analyzing narratives as practices. **Qualitative Research**, v. 8, n. 3, p. 379-387, 2008.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. **Analyzing narrative**: discourse and sociolinguistic perspectives. New York: Cambridge University Press, 2012.

DE PAULA, Jonas Jardim et al. Exame neuropsicológico de pacientes com comprometimento cognitivo leve e demência. In: FUENTES, D. et al. **Neuropsicologia: teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

DIAS, A. R. et al. A análise da conversação no Grupo de Trabalho Linguística do Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC Society of Korea (Ed.). **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin, p. 111-138, 1982.

FLANNERY, M. R. S. Reflexões sobre as abordagens linguísticas para o estudo da narrativa oral. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 112-119, 2011.

_____. **Uma introdução à análise linguística da narrativa oral: abordagens e modelos**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

GARCEZ, P. M. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (Orgs.). **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB – CUCA (Instituto de Psiquiatria, UFRJ), p. 189-213, 2001.

GASPARETTO, E. V. S. **Interpretação de provérbios por sujeitos com Doença de Alzheimer em fase inicial**. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2011.

GOFFMAN, E. **The presentation of self in everyday life**. New York: Anchor Books, 1956.

GOODWIN, C. Narrative as talk-in-interaction. In: DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. **The Handbook of Narrative Analysis**. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2015.

GUMPERZ, J. Contextualization and understanding. In: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (Eds.). **Rethinking context: language as an interactive phenomenon**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 229-252, 1992.

HUFF, F. et al. Semantic impairment and anomia in Alzheimer's disease. **Brain and Language**, v. 28, n. 2, p. 235-249, 1988.

HYDÉN, L. C. **Entangled narratives: collaborative storytelling and the re-imagining of dementia**. Oxford University Press, 2018.

_____. How to do things with others: joint activities involving persons with Alzheimer's Disease. In: HYDÉN, L. C.; LINDEMANN, H.; BROCKMEIER, J. **Beyond loss: dementia, identity, personhood**. Oxford University Press, 2014.

_____. Illness and narrative. **Sociology of Health & Illness**, v. 14, n. 1, p. 48-69, 1997.

_____. Narrative collaboration and scaffolding in dementia. **Journal of Aging Studies**, v. 25, p. 339-347, 2011.

HYDÉN, L. C.; ÖRULV, L. Interaction and narrative structure in dementia. In: SCHIFFRIN, D.; DE FINA, A.; NYLUND, A. (Orgs.). **Telling stories: language, narrative, and social life**. Washington D.C.: Georgetown University Press, 2008.

JUBRAN, C. C. A. S. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 44, p. 93-103, 2003.

_____. Revisitando a noção de tópico discursivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 33-41, 2006.

_____. A Perspectiva Textual-Interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 27-47, 2006.

_____. Tópico Discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S. (Org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, v. 1, p. 85-126, 2015.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1993.

_____. A referenciação como construção sociocognitiva: o caso dos rótulos. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 201-213, 2008.

_____. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Linguagem e cognição: reconstrução de objetos-de-discurso. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, MG, v. 6, n. 1, p. 29-42, 2002.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, M. V. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **Delta**, v. 14, 1998.

KOCH, I. G. V.; PENNA, M. A. O. Construção e reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 48, n. 1, p. 23-31, 2006.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. **The Journal of Narrative and Life History**, v. 7, n. 1-4, p. 3-38, 1967.

LEITE, M. Q. et al. A análise da conversação no Grupo de Trabalho Linguística do Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

LI, J. et al. Differentiation of neuropsychological features between posterior cortical atrophy and early onset Alzheimer's disease. **BMC Neurology**, Beijing, v. 18, n. 65, 2018.

LIMA, G. O. S. **O Rei do Cangaço, o Governador do Sertão, O Bandido Ousado do Sertão, O Cangaceiro Malvado: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2008.

LURIA, A. R. **The working brain: an introduction to neuropsychology**. Harmondsworth: Allen Lane, Penguin Press, 1973.

MAGNIN, E. et al. Logopenic syndrome in posterior cortical atrophy. **Journal of Neurology**, v. 260, p. 528-533, 2013.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, Curitiba, n. 56, p. 217-258, 2001.

_____. **Análise da conversação**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. Atos de referenciação na interação face a face. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 41, p. 37-54, 2001.

_____. Hesitação. In: JUBRAN, C. C. A. S. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. O léxico: lista, rede ou cognição social?. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (Orgs). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

_____. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 48, n. 1, p. 7-22, 2006.

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. G. V. Referenciação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

MATOS, P. C. B.; DECESARO, M. N. Características de idosos acometidos pela Doença de Alzheimer e seus familiares cuidadores principais. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 857-865, 2012.

MIRA, C. C. R. A construção de objetos de discurso nas práticas conversacionais de um grupo de convivência de afásicos. **Revista Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 1131-1146, 2016.

_____. Anáforas e dêiticos na conversação de sujeitos afásicos: o linguístico e o extralinguístico em atividades referenciais. **Intersecções**, v. 8, n. 3, 2015.

_____. Conversação nas afasias: uma análise do tópico discursivo e do turno conversacional sob a perspectiva textual-interativa. **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão, SC, v. 16, n. 1, p. 133-152, 2016.

MISHLER, E. G. **Storylines**: craftartists' narratives of identity. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1999.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORATO, E. M. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Letras e Cognição, Niterói, RS, n. 41, p. 93-113, 2010.

_____. Das relações entre linguagem, cognição e interação: algumas implicações para o campo da saúde. **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 575-590, 2016.

_____. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Referenciação metadiscursiva no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 45-54, 2012.

MORATO, E. M.; KOCH, I. G. V. Linguagem e cognição: os (des)encontros entre a Linguística e as Ciências Cognitivas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 44, p. 85-92, 2003.

MOURA, H. L. M. **Atividades de referência em narrativas afiliadas ao universo do lendário da Amazônia**: implicações sociocognitivas e culturais. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2013.

OCHS, E.; CAPPS, L. **Living narrative**: creating lives in everyday storytelling. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

OLIVEIRA, L. M.; BASTOS, L. C. Aspectos da dinâmica interacional da narração de histórias por pessoas com afasia. **Calidoscópico**, v. 10, n. 2, p. 194-210, 2012.

_____. Narrando em colaboração: as construções discursivas de uma pessoa com afasia. **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 247-267, 2014.

_____. Uma história de AVC: a construção do sofrimento por uma pessoa com afasia. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, v. 15, n. 1, p. 120-135, 2011.

PASSUELLO, C. B.; OSTERMANN, A. C. Aplicação da análise da conversa etnometodológica em entrevista de seleção: considerações sobre o gerenciamento de impressões. **Estudos de Psicologia**, v. 12, n. 3, p. 243-251, 2007.

PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Ed.). **Radical pragmatics**. New York: Academic Press, 1981.

RAJAGOPALAN, K. Applied linguistics and the challenge of facing up to the lure of theory for Theory's Sake. **Caminhos em Linguística Aplicada**, Unifesp, v. 2, n. 1, 2010.

RARE DEMENTIA SUPPORT. **Posterior Cortical Atrophy (PCA) Support Group**. 2019. Disponível em <<http://www.raredementiasupport.org/pca-living-with/>>. Acesso em 05 jan. 2019.

REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Anaphore, cataphore et mémoire discursive. **Pratiques**, v. 57, p. 15-42, 1988.

RIEMER, N. **Introducing semantics**: Cambridge introduction to language and Linguistics. Cambridge University Press, 2010.

ROCHA, D.; DAHER, D. C. Afinal, como funciona a Linguística Aplicada? **Delta**, v. 31, n. 1, p. 105-141, 2015.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. **Journal of Experimental Psychology**, General, v. 104, n. 3, p. 192-233, 1975.

SACKS, H. **Lectures on conversation**. Oxford: Blackwell Publishers, 1992.

_____. On doing 'being ordinary'. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (Orgs). **Structures of social action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SCHWARZ, M. **Indirekte Anaphern in Texten**. Tübingen: Max Niemeyer, 2000.

- SELL, M.; OSTERMANN, A. C. A construção da significação da experiência do abuso sexual infantil através da narrativa: uma perspectiva interacional. **Delta**, v. 31, n. 2, 2015.
- SERINO, J. et al. Atrofia Cortical Posterior: uma possível causa para as queixas visuais. **Revista Oftalmologia**, v. 38, p. 219-222, 2014.
- SILVA, C. R.; ANDRADE, D. N.; OSTERMANN, A. C. Análise da conversa: uma breve introdução. **Revel**, v. 7, n. 13, 2009.
- TANNEN, D. **Talking voices**: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007.
- VERAS, R. **O envelhecimento populacional**: demandas, desafios e inovações. Rev. Saúde Pública, v. 43, n. 3, p. 548-554, 2009.
- VIEIRA, G. D. et al. A deposição de peptídeo beta-amilóide e as alterações vasculares presentes na doença de Alzheimer. **J. Health Biology Science**, v. 2, n. 4, p. 218-223, 2014.
- VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- WANG, X. D. et al. A pilot study on clinical and neuroimaging characteristics of Chinese Posterior Cortical Atrophy: comparison with typical Alzheimer's Disease. **Plos One**, v. 10, n. 8, 2015.
- WITTGEINSTEIN, L. **Philosophical investigations**. Oxford: Blackwell, 1953.
- ZIDAN, M. et al. Alterações motoras e funcionais em diferentes estágios da Doença de Alzheimer. **Revista de Psiquiatria Clínica**. v. 39, n. 5, p. 161-165, 2012.

APÊNDICES / ANEXOS

APÊNDICE A – DADO 01 “AS CARTAS NÃO MENTEM JAMAIS”

1 Fábio então podemos começar
 2 Bete então podemos...
 3 Joana aí eu eu vô te dizê assim...como eu tô assim...
 4 ... vô tirá os óculos @@@ mentira
 5 Fábio @@@fica à vontade
 6 Joana não vamo lá @@@
 7 Fábio Joana e aí co me conta como foi a festa do: a festa dos 70
 8 anos:
 9 Joana muito boa... podia ter sido melhor
 10 Fábio ah o que que faltou pra ser melhor?
 11 Joana faltou eu ter mais força e: como é que eu vô dizê força
 12 não ... ã: eu podia ter: ã: pedido pro senhor que que
 13 é o dono da
 14 Fábio hum
 15 Joana casa lá da festa ã: uma possibilidade de usar o
 16 microfone e falar com as pessoas as os meus amigos "fulana
 17 de tal onde é que tu tá? eu quero te vê" porque eu vi
 18 pouquíssimo das minhas amigas dos amigos porque tinha
 19 mais ou menos ã: oitocen 80 pe pessoas e: eu se
 20 eu não vi recebi abraço de todo mundo mas eu não
 21 consegui me lembrê me lembrá das pessoas que: ...
 22 que tavam lá e aí eu eu perdi isso tu entende? quer dizer
 23 ganha-se coisas e perde-se outras né no momento assim de:
 24 de: de ter uma festa porque ã: a festa tinha muita gente
 25 mas por isso foi bom tu entende também?
 26 Fábio uhum
 27 Joana porque eu vi muita gente em pouco tempo a a sensação que
 28 eu tive no final foi assim que eu não queria mais dormi a
 29 partir daquele dia de tanto que eu queria ficá com meus
 30 amigos
 31 que o dia fosse prolongado
 32 Joana isso
 33 Fábio que aquele dia não terminasse
 34 Joana isso isso então... por isso que eu te disse isso foi foi a
 35 coisa assim que eu eu eu perdi porque meu objetivo é
 36 encontrá e confro com assim conrofo não consigo dizê
 37 Bete confraternizá
 38 Joana confre confro
 39 Bete confra
 40 Joana (confro) @@@
 41 Bete confra
 42 Fábio confraternizar
 43 Joana encontrá os amigos e falar com eles entende isso não deu
 44 pra falar como eu queria entende mas ã: ... eu tive:
 45 muita assim oportunidade teve um amigo meu que: me pego eu
 46 eu queria ã: não cair tu entende porque teria ã: como
 47 tava de noite não tava assim tão cla:ro no ambiente né
 48 eu: queria vê todo mundo mas também não queria: dá fechã

49 fexame assim né?

50 Fábio uhum

51 Joana pra: assim ã:

52 Bete tropeça

53 Joana cair tropeçar qualquer coisa desse tipo então eu: um amigo

54 meu ã: me ofereceu pra eu ir de mesa em mesa isso foi

55 legal né mas aí de repente eu queria me sentá com me

56 com as pessoas ã: a durante a festa mas não conseguia

57 porque tinha ã: bastante pessoas em volta eu que queria

58 senc sentá comum sentá com outro não deu então eu vou

59 fazê ao longo do ano eu vô encontrá essas pessoas

60 convidando as pessoas pra vir a minha casa ã: pra

61 gente conversa

62 Fábio é fazê pequenas reuniões

63 Joana isso

64 Fábio com essas pessoas

65 Joana é isso que eu vô querê fazê já tô assim... bolando

66 entende? [como eu vou fazer

67 Fábio [e Joana e deu muita gente na festa?

68 Joana foi eu acho que foi mais ou menos 80 pessoas

69 Fábio 80 pessoas?

70 Joana é porque: a: o lugar comportava ã: mais ou menos 100

71 pessoas então entre isso tudo foi mais ou menos essa

72 quantidade né de de pessoas e: eu eu fiquei eu mais

73 circulei e conversei um pouco perguntando se tava bem se

74 tava tudo bem se tavam felizes tavam todo mundo contente

75 depois teve um momento legal de uma amiga que ela: eu

76 tinha pedido pra Fátima me: ... ã: disse que que eu

77 tinha: uma: tinha tido uma uma: terapeuta que tinha ã:

78 nós duas éramos de abril

79 Fábio hum

80 Joana e aí eu: me disse que: que eu queria ã: que alguém

81 cantasse ou que eu pusesse o som do Caymmi cantando Rosas

82 de Abril

83 Fábio e aí?

84 Joana mas aí não ã: o que aconteceu que eu não é aí que tá eu

85 queria ter fei fa queria ter assim o conTROle da ca da

86 festa @@@ tipo falá com um falá com outro isso que não

87 deu que eu eu não me preparei pra isso sabe? eu fique:i

88 esperando que a minha irmã viesse e meu filho viesse mais

89 cedo um pouco pra eu fazê isso porque: não fal fal faltô

90 pra mim então né eu acho que a gente também se: preparou

91 pra festa mas não: não teve: um: um: como é que eu

92 vô dizê... talvez isso falando com amigos depois da

93 festa mas é que fazia tan:to tempo que tu não fazia festa

94 ou que fazia tanto @@@ que tu não sabia como é que fe

95 @@@ fosse tua festa de 70 anos que faltou alguma coisa

96 mas eu acho que todo mundo saiu contente entende até

97 porque depois que eu liguei pras pessoas pra agrace pra

98 agradecer a visi a a festa né quer dizer eu pergun EU eu

99 que telefonei pra agradecer e fazer alcum algum comentário

100 agradecer o presente ou perguntar ã: de quem era tal
101 presente por exemplo esse que eu tô aqui
102 Fábio uhum
103 Joana é um cuma pri que eu ACHO que é cuma prima minha que ela
104 me disse que ia me dar uma coisa que ela fez que ela fa e
105 que ela fazia como eu sei que ela trabalha com *patchwork*
106 eu asso acho que foi dela... da Clarissa tá? mas eu não
107 consegui ainda falar com ela por causa da:...da: das
108 coisas da da da nossa vida ou trabalho
109 que que eu ou assim ir na médica ir no na terapeuta ou
110 ir no: no no meu: ã: ... acupuntura sabe?
111 Fábio hum
112 Joana assim tu tem eu tenho umas ã: obrigações a a cumprir né
113 também vou de manhã no:... fazer:... academia então assim
114 tudo mar mar marca[do agora
115 Fábio [você tem uma agenda de compromissos
116 Joana uma agenda mais ou menos hoje de tarde antes de tu chegar
117 pedi pra Bete "tu poderia sentar comigo ver um pouco de: o
118 lê algumas cartas da minha família?" e aí fo:i uma coisa
119 bem interessante porque primeiro eu já tava já tinha dito
120 pra Bete "vou ã: botar fora as cartas" aí depois que eu
121 já li algumas eu não vou porque eu vou dar pros meus
122 mãos irmãos ã: ver porque tem coisas da vida que eles
123 participaram e: a gente vai ã
124 Fábio tá escrito lá nas cartas
125 Joana tá escrito e a gente as cartas não vendem @@@
126 Fábio é... @@@
127 Bete não mentem
128 Joana não mentem jamais @@@
129 Fábio é... não mentem é...
130 Joana entende? então assim... ã: aconteceu eu fui a operada
131 uma vez em em São Paulo e tá história @@@ do meu eu era
132 pra ir pra São Paulo pra um casamento de uma amiga que eu
133 ia ser madrinha também e aí eu fi aco aconteceu que na
134 viagem tive: ã: por eu eu tava num Fuca e: a
135 gente viajou meu irmão e eu ele é grande eu também @@@ nós
136 no Fuca no ca no tinha um um motorista né então ele
137 era de táxi então nós dois tivemos que nos ver ali
138 naquele espaço e
139 Fábio o táxi era um fusca?
140 Joana é... e a e meu irmão e eu grandes né no carro... Fuca é
141 pequeno né?
142 Fábio os dois atrás no banco...
143 Joana é mas eu acho que não sei se meu irmão eu fiquei sempre
144 atrás mas de repente eu fiquei com dor e essa dor se
145 transfo se transformou numa: apendicite e então eu fui
146 pro: pra o casamento e fui operada e @@@ e aí minha
147 família foi pro Rio e eu fiquei na casa da minha amiga
148 que tinha casado e tava lá com uma prima minha que ficou
149 comigo depois da operação então todas essas coisas que eu
150 to te contando foram ao a conver a conversa da Bete

151 enquanto eu esperava o teu: a tua vinda aqui entende?
152 Fábio e Joana mas é as cartas são endereçadas pra você e pessoas
153 que mandaram pra você
154 Joana é...
155 Fábio ou as cartas são endereçadas pra outras pessoas
156 Joana não
157 Fábio e você está com as cartas?
158 Joana são da família assim da minha mãe pra pra pra os nossos
159 pra os filhos de mim pra minha mãe ã: pro meu pro pro
160 de mim pra minha família por exemplo eu tava em São Paulo
161 e: mandei carta pra pra minha mãe meu pai meus irmãos
162 depois tem uma outra carta que eu tô: no Rio ou em São
163 Paulo e no Rio porque eu fui numa viagem eu fui com
164 com meu irmão outra eu fui com a minha irmã outra eu fui
165 de avião então fu nessas cartas aparecem e aí eu comecei
166 a me lembrar de várias coisas e tem até cartas também de:
167 da da: de nós pra XXX ((nome da cidade)) que era a
168 casa onde meu avô morava
169 Fábio uhum
170 Joana ele era: médico lá então tinha: artes ali até coisas que
171 eu considere assim bah o Carlos vai se lembrar Carlos é o
172 meu irmão né? vai se lembrar duma coisa que atrás da igrã
173 atrás do do hospital tinha uma: casinha de: ... de:
174 uma santinha assim
175 Bete uma gruta
176 Joana uma gruta que tinha uma santa e eu disse bah não me
177 lembrava disso então assim veio o: uma coisa de reve de
178 reviver aquele passado né
179 Fábio que estavam lá nas cartas
180 Joana é @@@ tão lá e eu achei interessante isso né...
181 Fábio e aí você vai decidir se você vai distribuir entre seus
182 irmãos
183 Joana sim isso eu vou: vou mas mostrar pra eles né e: é assim
184 como eu tô ã: quer dizer ta um momento na minha vida
185 interessante né a chegada dos meus 70 anos a o prenu o
186 prenu pre preâmbulo ante ante né momento antes que
187 eu tava pensando muito na minha vida... (SI)((se emociona
188 e chora))eu pensei muito nos meus amigos ((fala com
189 voz engasgada)) as minhas ã: meus amigos minhas a minha
190 família
191 Fábio uhum
192 Joana as pessoas que a gente perdeu né... e eu tô muito: tocada
193 por muitas coisas entende assim ó ã: o que passou
194 na minha vida o que eu perdi que é essa: a possibilidade
195 de ler e escrever que é a coisa mais triste pra mim e: ao
196 mesmo tempo ter esse acervo na casa que é espetacular
197 eu tenho discos maravilhosos os livros eu tô dando
198 porque é triste tu tá numa casa que tu tem livros e tu
199 não pode ler né
200 Fábio °eu entendo Joana°
201 Joana então... é: isso é: é uma coisa que toca né mas eu não

202 tô parando eu tô com a minha cabeça a milhão entende?
203 essa: essa possibilidade de ver as as a... as cartas da lê
204 da Bete me ler foi uma coisa bem bem interessante bem
205 engraçada assim também né? foi legal... e: então
206 isso tudo me traz de novo a vida que eu tinha entende na
207 verdade assim eu sei @@@ eu acho que eu ouvi alguém
208 dizendo eu já disse isso mas eu vi alguém em novela ou em
209 ca "não sou mais quem eu era" eu digo "eu não sou mais
210 quem eu era" eu sou outra pessoa tu entende? ã:
211 o meu eu meu o meu eu eu sei quem eu sou tu entende
212 Fábio uhum
213 Joana os meus sentimentos de infância e de adulta são os
214 mesmos... os cheiros tu entende? tudo eu sei que tem mas
215 ã: tem coisas que não tem mais tu entende? essas coisas
216 que não têm mais a gente tem que aceitar
217 Fábio ai Joana mas de uma certa for:ma todo mundo muda [ao longo
218 da vida né
219 Joana [claro
220 Fábio e:... mas eu entendo o que você quis dizer... porque: o
221 tempo passa as pessoas vêm e vão e: e a gente fica eu já/
222 Joana eu penso muito nos meus amigos assim eu tô uma das coisas
223 assim que eu faço mais na vida é pensar e tô sempre alguém
224 eu tô pensando a coisa vem por ome por alguma coisa ou
225 por outra às vezes só por uma: uma foto ou um um um
226 presente que eu ganhei enfim assim uma coisa que tá aqui
227 tô (SI) *ó por exemplo aqui em cima tem essa casinha que
228 era uma ca é uma casa que eu ganhei na Alemanha é um uma:
229 uma: uma casa estilissada zada mas é é assim eu me sentei
230 me senti eu morei em Han em Hannover* ((aponta para o
231 quadro na parede))tá vendo essa casa aqui ó ((levanta-se
232 e toca no quadro)) essa aqui é uma réplica de uma casa
233 antiga ((senta-se novamente))
234 Fábio em Hannover
235 Joana em Hannover então assim eu tenho essas lembrença
236 Joana lembranças que eu acho maravilhosas entende aí assim eu
237 botei umas outras casas porque eu tive ... também eu
238 tive ã: vinte dias em Nottingham eu tive: trinta ã:
239 um mês inteiro em Chicago e e eu acho o máximo assim
240 que eu tava meu quarto era numa ponta e essa ponta eu
241 deitava de noite e enxergava a: o: uma torre uma torre a
242 torre de de: de Chicago entende eu meu Deus @@@ eu tô
243 aqui nessa casa então a: casas assim pra mim eu
244 Fábio tenho mui
245 Fábio é algo significativo
246 é

APÊNDICE B – DADO 02 “COMO É QUE EU VOU DIZER?”

387 Fábio tá... *Las Vegas film festival*

388 Joana ah... a gente foi um...

389 Fábio vocês foram para *Las Vegas* ou era um evento?

390 Joana não... a gente viu um filme

391 Fábio ah:... *Viva Las Vegas*

392 Joana Isso

393 Fábio olha... com *Elvis Prestley... and Bugsy*

394 Joana *Bugsy*?

395 Fábio é... o outro filme é *Bugsy*

396 Joana ah:...

397 Fábio um filme sobre monstros... dinheiro... poder e a mudança

398 geográfica e a corrupção na América... pensa que tem

399 corrupção só aqui?

400 Joana não... não... eu sei... mas eu achei legal... isso que eu te

401 digo...eles mostraram tudo que tinha... de bom e de ruim...

402 Fábio uhum...

403 Joana não era assim... (avi... só ova...) ovação... não era

404 Fábio e:... e a coisa ruim... que que mais te marcou? que você...

405 ah... tô nos Estados Unidos e...

406 Joana a:...o... (4.2)((estala dedo e depois a língua)) (4.5)

407 a...(2.1)ai... o... o... (1.3) ai... meu Deus... como

408 é que eu vou dizer...o... quando tu fica:... eu não tô

409 achando a palavra...

410 Fábio eu te ajudo...

411 Joana tá... é... (1.2)quando... raça...

412 Fábio segregação racial

413 Joana segregação de todos os tipos entende...

414 Fábio mas mesmo aqui em 98 quando você foi... tinha? a segregação

415 racial?

416 Joana não... tu vê... por exemplo... eu visitei... ó... sul do [do

417 de Chicago

418 Fábio [não

419 o sul... ah tá não o sul... o sul de Chicago...

420 Joana sul do Chicago... já tu vê o tipo de pessoa que mora ali

421 são mais humildes...o centro... mais rico entende? nós

422 fomos pra uma fazenda... a gente conheceu muitas coisas

423 entende então agora por exemplo lá em Chicago quase

424 todas as pessoas que atendavam atendiam a gente na: na:

425 nos... assim... nos restaurantes... tudo e tudo era da raça

426 negra entende e a gente eu sempre falava pedia tãrã falava

427 (SI) de repente perguntavam de onde que era eu dizia do

428 Brasil ah: Brasil...maravilhoso todo mundo achava o Brasil

429 maravilhoso eu dizia não é bem assim... entende... todo

430 lugar tem coisas difíceis mas tu vê assim como é que as

431 pessoas...ã:...reagem... tu vê que tem umas pessoas que

432 tão a fim de falar e outras são* (1.3)((faz gesto de parada

433 com as mãos)) entende* não são a fim mas eu senti

434 o nosso professor tinha um professor negro que era o

435 professor de:... de: assuntos relacionados com a política
436 bah... esse foi um espetáculo...
437 e ele era negro... sabe...
438 Fábio hum
439 Joana e naquela vez... ã:... acho que não tava ainda...
440 Fábio o Barack Obama? o... George Bush?
441 Joana não... era era aquele...
442 Fábio o primeiro mandato...
443 Joana é... e nós fomos pro:... nós fomo a...
444 Fábio era o Bill Clinton ainda? eu acho que era (1.3) é... eu acho
445 que
446 Joana dez anos (1.2) já faz mais de dez anos...
447 Fábio é... faz mais de dez anos...
448 Joana acho que era o Clinton (1.5) não me lembro...bom... enfim
449 essas... esses assuntos assim eram bem bem mexidos...
450 entende foram bem interessantes assim pra gente tomar uma
451 uma tomada do que que era né foi a gente foi na cosa
452 branca Casa Branca a gente foi no senado principal
453 aquele...* ((eleva os braços))nós* fomos em Washington
454 entende...então fomos entrar no senado aquelas coisas
455 todas falamos com:(1.1)com:...senadores que nos
456 apresentaram bah... @@@ foi foi uma um passeio e tanto
457 entende e assim não é que seja um passeio é que/
458 Fábio não... mas eu entendo... vejo... eu tenho a ideia de que
459 foi um curso mais de de imersão [na cultura norte-americana
460 Joana [uhum... uhum...uhumm
461 Fábio tanto os aspectos positivos quanto os negati[vos
462 Joana [isso
463 Fábio do que necessariamente só um curso de aprimoramento da
464 língua
465 Joana não: não: a língua lá era só pra falar tudo entende pra
466 gente falar mas foi muito interessante pra conhecer mais
467 o país entende foi muito bom a gente foi pro sul ó tu vai vê
468 ((aponta para o material)) a gente vai vê vai vamo
469 continuando ali mais ou menos pra até onde ... nós fomos...
470 nós vivemos... nós vimos os índios entendeu?
471 Fábio ah é?
472 Joana nós conversamos com eles fomo onde eles (maravam) moravam
473 ((faz sinal para o pesquisador continuar lendo))

APÊNDICE C – DADO 03 “ESTÁ CERTO O QUE EU DISSE?”

1 Joana aí eles combinaram isso que fosse... eles chegavam e
 2 realmente eles ã eles tinham vindo pra fazer o exame de
 3 tarde né? então iam almoçar a:qui aí a Elisa ã... quase
 4 esperando que elas fossem que eles fossem...aí a gente pode
 5 fazer vir aqui espera Elisa eu disse "espera aí" então eles
 6 chegaram aqui e já disseram pra Elisa "tu não vai comprar
 7 nada não vai fazer comida... nós vamos ali no XXX ((nome do
 8 restaurante)) e vamos almoçar ali"... né? foi ótimo aí
 9 então... ele era o casal nós todos almoçávamos ali no
 10 restaurante... restaurante bom... assim... e: ã: de comer
 11 coisas assim que tu pode fazer ã: escolhas é:... como é que
 12 é não é a la carte é...

13 Fábio onde todo mundo se serve?

14 Joana isso como é que se diz?

15 Fábio *buffet*

16 Joana *buffet* isso @@@ então ã: almoçamos lá aí então eles
 17 foram o André e a Patrícia foram fazer os exames e aí
 18 ela já tinha perguntado se a gente podia ficar com as
 19 meninas foi o máximo tu não pode imaginar que maravilha
 20 porque a... as gurias vieram e a mãe e o pai saíram então
 21 por exemplo essa casa aqui pode brincar todo mundo pode
 22 sentar brincar e tudo né sabe que a Ana é a mais velha
 23 pegou... "vó sabe o que nós vamos fazer? nós vamos fazer o
 24 seguinte nós vamos fazer o casamento tu e o Carlos" olha
 25 só... a cat caté a catarse da Ana que é a mais velha... A
 26 forma como ela pensou ã... ao a homenagem do dessa relação
 27 minha e do Carlos... que coisa interessante né aí ela disse
 28 assim... pediu pra Heloisa uma vi um vestido longo... eu
 29 ti @@@ botei botou uma coisa assim na cabeça... "vó agora"
 30 ela pegou a foto do Carlos... então a gente tava a gente
 31 ficou de pé né o...ã: "vó tu aceita o Carlos?"
 32 "sim"... aí depois aí "Carlos tu aceita a Joana?" "sim" aí
 33 fizeram isso aí depois "agora vó ... deita aí" eu... @@@
 34 e a pequena também junto né... "deita nós vamos agora
 35 viajar pra *Cancún*... tu vai... é a lua de mel de vocês"

36 Fábio *Cancún*?

37 Joana não assim eu digo assim a ideia dessa guria tu entende? né?

38 Fábio que imaginação

39 Joana e é aí então nós dei nós ã:... "deita" era todo mundo
 40 tinha que dormir porq a gente ia a: ...a: pequena também né
 41 porque ia viajar junto aí então tinha que:... tinha que:...
 42 deitar e descansar porque ... "a gente tem que ficar com o

43 cinto fechado não pode fazer" tu entende? elas simularam
44 tudo tu entende? simularam está certo? está certo o que eu
45 disse?
46 Fábio simularam
47 Joana simularam... tudo né... foi eu vou te dizer eu achei a coisa
48 mais ((SI)) tu entende? porque ela fez uma coisa assim
49 espontânea né... e ela foi ã: foi uma home homenagem
50 para o Carlos pra mim foi tu entende porque ela não tinha
51 mais visto a mim tu entende então ela pensou isso tu não
52 achaste uma coisa muito querida?
53 Fábio nossa e ela tem quantos anos?
54 Joana ela tem... oito
55 Fábio nossa oito anos... com essa imaginação toda
56 Joana tu viste? não e assim sabendo ah de aceitar de não sei o que
57 tudo eu fiquei eu fiquei surpresa essa guria sabe tudo já
58 entende assim claro eles veem eles têm fil filminhos e...
59 sabe? *Ipad* e tudo que é coisa e a gente que fica não sabendo
60 as coisas @@@ pra mim é novidade então foi muito muito
61 legal daí então no domingo... eu estava com essa Carmem
62 essa com quem eu fico ã: ... ã: domingo e depois e fico
63 com ela ã: até o ã: segunda né aí naquele domingo é:...
64 a gente ficou um pouco em casa até porque nós estamos
65 arrumando assim tudo que é CD também tudo ordenado tudo
66 é ã: super ã:... ã: sele seleci selecionar tudo
67 organizado entende?
68 Fábio uhum

ANEXO A – NOTAÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Pausa prolongada (medida em segundos)	(4.2)
Sobreposição de vozes	[apontando o local onde ocorre a superposição]
Citações literais, ou leituras de textos	“ ”
Risos	@@@
Tom mais baixo	°tom mais baixo°
Entonação enfática	MAIÚSCULA
Truncamento brusco	/
Silabação	- - -
Informação omitida por sigilo	XXX
Comentários do analista e designações gestuais	((minúscula))
Itálico	<i>palavras de língua estrangeira</i>
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição dos mesmos	<i>*início e fim do gesto*</i>

Fonte: Marcuschi (1986); Mira (2016)

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome da pesquisa: **“O tópico discursivo e o contexto interativo na análise de interações de um Grupo de Apoio aos familiares cuidadores de indivíduos portadores de Doença de Alzheimer”**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar de um estudo sobre a conversação no convívio com a Doença de Alzheimer. O estudo está sendo conduzido pelo Prof. Dr. Caio Mira do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos. Nesta pesquisa, meu interesse é analisar situações de conversação envolvendo uma pessoa acometida pela Doença de Alzheimer e os depoimentos de seus familiares e cuidadores.

A participação no projeto requer gravações de imagens. Os riscos existem, são mínimos, à sua participação nesta pesquisa. Sua participação, no entanto, irá contribuir para o conhecimento relacionado ao uso da linguagem por pessoas portadores de Alzheimer e também para a compreensão de experiência de familiares e cuidadores com essa realidade.

As informações que obtivermos serão rigorosamente confidenciais. Seu nome real será substituído por outro em qualquer apresentação ou publicação baseada nesse estudo. Nas gravações, as imagens dos rostos dos participantes serão desfocadas para assegurar seu anonimato e, principalmente, a confidencialidade dos dados. Como haverá gravações em áudio e vídeo, você tem todo o direito de revisar as transcrições e excluir parcial ou totalmente a gravação, se assim o desejar. Ao concordar em participar do estudo, você autorizará o uso de sua imagem para fins acadêmicos. Sua participação no estudo é totalmente voluntária. Você pode se recusar a participar ou pode se retirar, a qualquer momento, sem qualquer penalidade.

Se você decidir participar, por favor, assine este documento, por meio do qual você concorda com as gravações em áudio e vídeo, assegura o direito de dar sua opinião, de fazer perguntas no decorrer do estudo, além das demais garantias decorrentes desta participação já mencionadas.

Este termo será assinado em duas vias ficando uma em seu poder e a outra com o pesquisador responsável. Agradeço por sua colaboração e interesse no projeto.

Atenciosamente,

.....

Prof. Dr. Caio Mira
Pesquisador Responsável

Nome do(a) Participante: _____

Assinatura: _____